Pezarat Correia ainda não sabe mas já está na reserva
Pág. 5

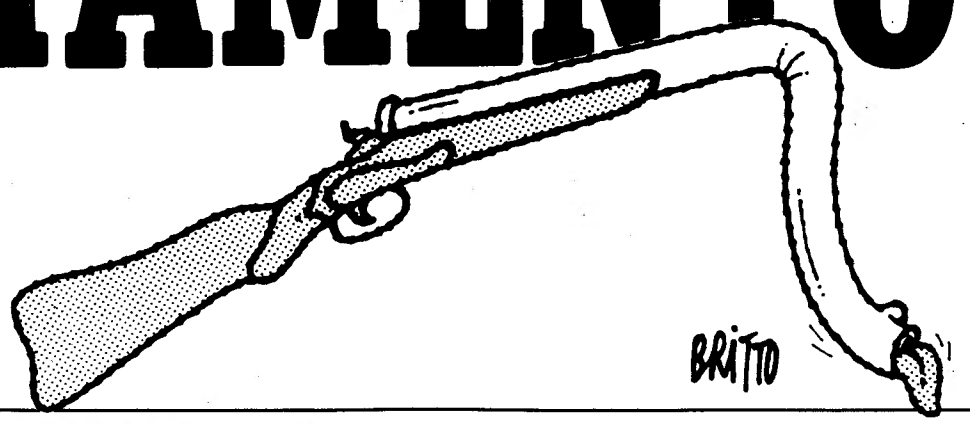
Diário de Lisboa
Ano 66 N.º 22 089 Quinta-feira, 19 de Junho Preço 40$00

Já deu lucro, agora é prejuízo

TEMOS DE VENDER MAIS ARMAMENTO

O Estado não investe e a indústria de armamento nacional está mesmo a pedir dinheiro novo para se reconverter e ter capacidade de ir além das munições e material ligeiro de defesa, que resultavam enquanto mantivemos a guerra colonial. A explicação foi ontem dada pelo presidente da INDEP (empresa pública do sector) à Comissão Parlamentar de Defesa que efectuou uma visita às suas instalações. Com uma achega: o prejuizo previsto para este ano será de cem mil contos.

Pág. 6



GÁS

Falta de acordo mantém greve

Um plenário de trabalhadores da Petroquímica e Gás de Portugal, realizado ao fim da manhã, rejeitou a proposta do Conselho de Gerência, apresentada aos negociadores sindicais durante a madrugada, e por isso, a greve ao abastecimento de gás a Lisboa deve continuar.

Continua na pág. 24

Butragueño arrasou os "vikings"

Foi a hora dos atiradores ao golo: Garry Lineker destroçando paraguaios e Butragueño afundando a esquadra dinamarquesa. Ingleses atirando para casa mais uma turma sul-americana e espanhóis rubricando uma surpresa que espantou o mundo futebolístico: cinco tentos nas malhas dos «vikings» e o salto para o estrelato do madrileno de 22 anos que é já «o menino de ouro» para as plateias mexicanas. Quatro golos num desafio: Butragueño a igualar-se a Eusébio, outro histórico no jogo-rei.

Págs. 17 a 19

«DL» ACOMPANHA O MUNDIAL DO MÉXICO COM O APOIO DA

Seminário debateu o problema

CEE não resolve problemas financeiros das autarquias

Nuno Ribeiro

As repercussões para o Poder Local da integração de Portugal na Comunidade Económica Europeia, estiveram em análise e debate num recente seminário realizado em Lisboa. Perante as promessas de «mundos e fundos», foi sublinhado que os problemas financeiros que afectam as autarquias não serão resolvidos, como que por magia, pela integração na CEE.

«O recurso de muitas autarquias ao endividamento sistemático quando comparado, ou substituído em parte, pela obtenção de receitas do Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) vem provocar diferenças sensíveis, quer pela diminuição de encargos futuros, quer pela possibilidade de execução de projectos que de outra maneira o não poderiam ser, porque a capacidade de endividamento da respectiva autarquia estava esgotada». A afirmação do economista Amaral Gomes coloca a atribuição do FEDER num âmbito novo. Preferível ao endividamento de muitas das câmaras do nosso país, mas apenas isso...

Se nesta perspectiva, os fundos comunitários poderão ter efeitos positivos, noutros aspectos a crítica foi geral. Partindo da ideia base de que a «CEE não é um clube caritativo mas um espaço dominado pelas transnacionais de base europeia e não europeia», o deputado comunista Carlos Carvalhas sublinharia que, na Comunidade «não se tem verificado a aproximação de níveis de desenvolvimento das diversas regiões». «O último relatório sobre o impacto do FEDER no desenvolvimento das regiões mais desfavorecidas, debatido a 12 de Maio pela Comissão de Política Regional do Parlamento Europeu, diz textualmente, que não há melhoria do bem-estar nas regiões mais desfavorecidas da CEE», revelou o director da revista «Economia EC» que, conjuntamente com a publicação «Poder Local», organizou o seminário. Ao reconhecimento da permanência de zonas de desenvolvimento assimétrico, Luís Sá juntaria um documento no qual a própria Comunidade salienta que «as regiões pobres situadas na periferia, se encontram perante uma forte restrição ao seu desenvolvimento».

Reforço da presença do Poder Central

Este facto será naturalmente agravado se se confirmar a tendência para o FEDER deixar de financiar infra-estruturas básicas e passar a financiar, prioritariamente, infra-estruturas ligadas às actividades económicas, o que, como sublinhou Luís Sá, «vai traduzir-se no encaminhamento crescente de recursos dos Estados membros, para subsidiar empresas e actividades privadas, em prejuízo das autarquias e de outras entidades públicas».

Independentemente da CEE confirmar os novos caminhos para o Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional, a presente situação tem para o nosso país diversas dificuldades.

De facto, a Comunidade faz depender a atribuição de fundos comunitários à existência de projectos de desenvolvimento regional, o que coloca a questão da falta de planeamento em Portugal. «Esta é uma das primeiras dificuldades que o Governo enfrenta, pois não há planeamento regional, muito simplesmente porque não existe poder regional», considerou o arquitecto Leopoldo de Almeida.

A não implementação do processo de regionalização, largamente denunciada por autarcas — constituindo o primeiro ponto da proposta de linhas gerais de actuação da Associação Nacional dos Municípios Portugueses, aprovado por unanimidade no recente Congresso de Montechoro — é mais um óbice ao aproveitamento das verbas de Bruxelas.

No capítulo das dificuldades, mais uma advém da «progressiva substituição do financiamento de projectos por programas», o que, de acordo com o alerta de Amaral Gomes «significa uma maior intervenção e um maior controlo da Comunidade sobre as políticas e os programas regionais dos países membros».

O adiamento do processo de regionalização e de planeamento que lhe deve estar ligado, foi «ultrapassado», para cumprimento dos prazos para a apresentação de programas de desenvolvimento, pelos trabalhos entretanto efectuados pelas diversas Comissões de Coordenação Regional, nos quais as autarquias têm, em tempo «record», de apresentar a sua colaboração. Este facto, denunciado por Leopoldo de Almeida, foi classificado como «inaceitável» por Carlos Carvalhas. «O chamado Plano Regional, entregue em Bruxelas, foi feito à margem das populações, das estruturas dos trabalhadores, dos eleitos, das autarquias, do Conselho Nacional do Plano e da Assembleia da República», revelou o deputado do PCP.

Ou, como diversos autarcas têm considerado, através das Comissões de Coordenação Regional, o que se tem vindo a verificar é o contrário da descentralização, e traduz-se num reforço da presença do Poder Central.

FEDER: os números do empolamento

Esse reforço passa, ainda pela «falta de clareza na distribuição das verbas», questão a que nas últimas semanas se têm referido diversas autarquias, Associações de Municípios e a Associação Nacional dos Municípios Portugueses.

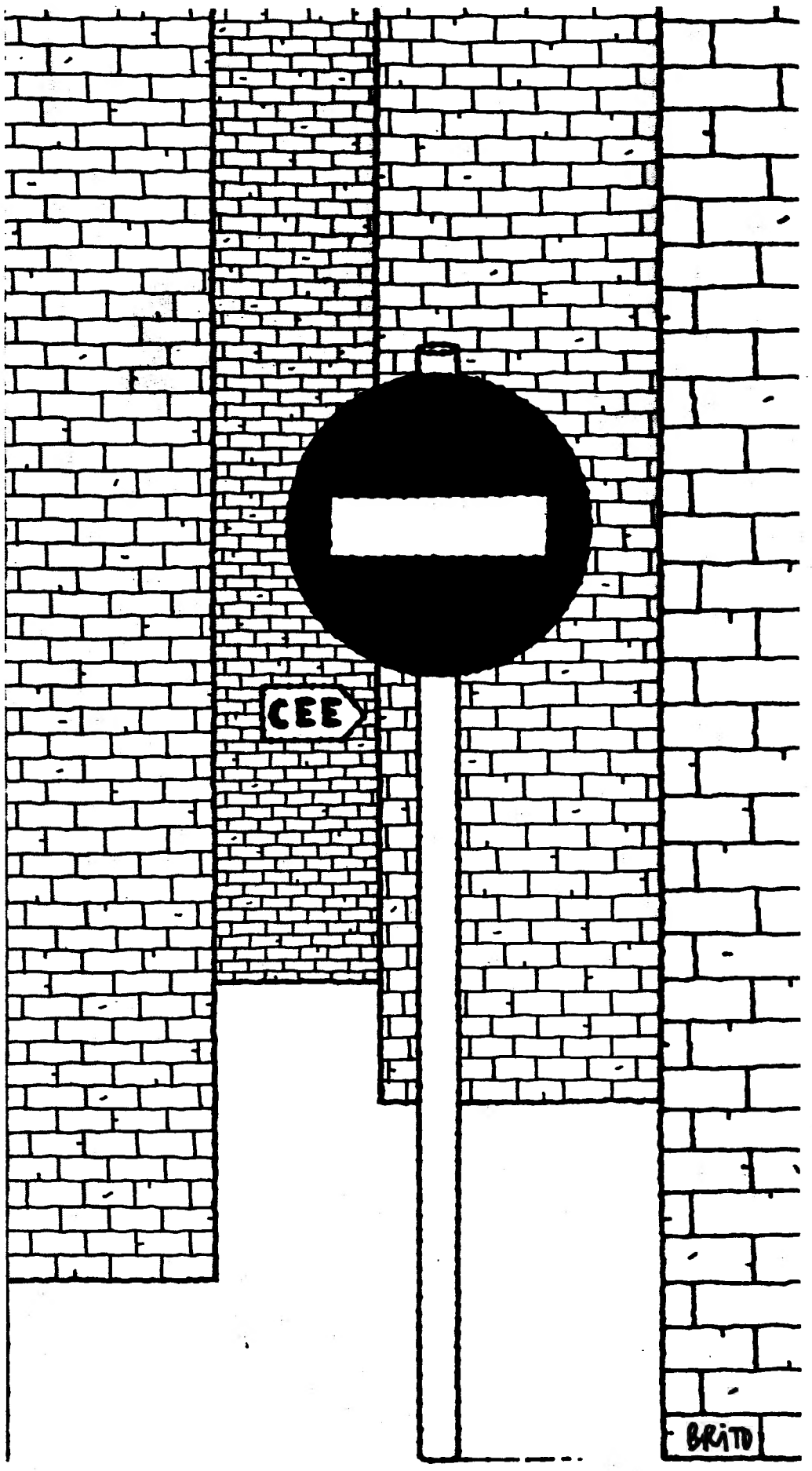
Uma vez definidos os critérios haverá que negociar em Bruxelas pois, na opinião de Amaral Gomes, «as autarquias poderão constituir a principal origem de projectos elegíveis pelo FEDER».

No futuro, tal solução só será viável se, a par da necessária informação, for assegurada a participação do Poder Local na definição de «Programas Regionais de Interesse Comunitário».

Caso contrário, o cenário actual terá repetição, com a apresentação de projectos que não têm qualquer seguimento, pela existência de «vícios de forma» ou por não serem do âmbito do Fundo Europeu de Desenvolvimeto Regional. E, como experiência, o que se passou já deu «lições»: as autarquias portuguesas apresentaram 779 projectos no valor global de 37,5 milhões de contos, mas apenas 292, no valor de cerca de 7 milhões de contos, foram financiados.

A este facto, os participantes no seminário deram capital importância. Para Carlos Carvalhas, os sete milhões de contos são uma magra percentagem se comprados com os «mais de 45 milhões de contos com que Portugal vai contribuir para os cofres da CEE», parte dos quais, é certo, será «devolvida» através de outros fundos comunitários. No entanto, os dinheiros do FEDER, se contrapostos aos 78 milhões de contos do Fundo de Equilíbrio Financeiro (FEF) que o Orçamento de Estado prevê para o Poder Local, e aos 30 milhões das receitas próprias das autarquias, têm um valor relativo. A comparação poderá ser ainda estendida às transferências de verbas do Orçamento de Estado para os municípios ao abrigo da Lei das Finanças Locais: apesar do peso das transferências ter percentualmente vindo a diminuir, de 8,1 por cento em 1980 para 4,9 no ano passado, em milhões de contos passou de 30,4 para 65. Enquanto isto, as verbas do Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional correspondem este ano a 10,2 por cento do FEF e a cerca de 7,2 por cento da verba global que as autarquias receberão.

Por isso, os intervenientes defenderam como saída para os problemas financeitos com que se debate o Poder Local uma nova Lei das Finanças Locais, com a certeza de que houve um empolamento sobre o papel e importância das verbas do FEDER.



Nem reserva da Nação, nem Messias do Povo

UM comentador político escrevia há dias: «Neste momento, portanto, um partido em processo de decomposição acelerada — o PRD — está a tentar mostrar uma força e uma autonomia que manifestamente não possui, como se lhe fosse possível sobreviver à indefinição, ao confusionismo, à constante e oportunista flutuação táctica e estratégica.» E às dificuldades do PRD o mesmo comentador acrescentava as dificuldades do cidadão António Ramalho Eanes, general de quatro estrelas na situação de reserva, antigo Presidente da República, referência moral e política do Partido Renovador Democrático (PRD), seu líder anunciado. Na opinião do comentador político, homem culto e arguto, «para Ramalho Eanes estes são os dias mais complicados, os que correspondem ao período dos ritos da passagem do Chefe de Estado para chefe partidário, o que constitui uma autêntica mudança de natureza».

Dessa «mudança de natureza» tem Ramalho Eanes a clara consciência. Em Belmonte, no passado dia 7, aludindo às suas intenções de intervenção política, afirmou: «...teria sido mais fácil sair da Presidência da República, lavar as mãos, dizer fiz o que pude, fiz o que me deixaram fazer, respeitando integralmente a lei fundamental do País, agora o resto não é comigo».

Atitude cautelosa e de grande comodidade pessoal, como o próprio Ramalho Eanes reconhece: «Teria sido cauteloso, alguns dirão mesmo, teria sido inteligente constituir-me em reserva da Nação e nos tempos difíceis que se vão seguir apontar um dedo acusador para os partidos e entidades políticas que não tivessem conseguido, apesar do esforço honesto, responder às questões que se colocam ao País. Teria sido fácil, em síntese e para concluir, tentar messianizar a minha posição.»

Mas, Ramalho Eanes nem se resignou a ser uma eventual «reserva da Nação», nem se sentiu vocacionado para «messias», nem se considera proprietário do PRD. Em Castelo Branco definiu a sua relação com o Partido Renovador Democrático nos seguintes termos: «A minha relação com o Partido Renovador Democrático, tal como a vossa, é uma relação de exigência; minha em relação a ele e dele em relação a mim.»

Esta «relação de exigência» — do partido relativamente ao anunciado líder, do líder relativamente ao partido — condiciona o processo de integração de Ramalho Eanes no PRD. Na sua visita de inspecção às organizações do PRD, em terrras da Beira, Ramalho Eanes declarou: «Neste diálogo, devo ouvir mais do que dizer, para que eu possa perceber de maneira diferente, porque diferente é a minha posição, a realidade e ver se tenho ou não tenho possibilidade e capacidade de tentar, com aqueles que desejarem, modificar esta realidade, tornando-a diferente, mais justa, digna e rica.»

Não se propõe, Ramalho Eanes, ser político apenas para ocupar uma posição na política, fazer uma carreira, recuperar um cargo. Considera-se, pelo exercício de dois mandatos na Presidência da República, responsável perante o País. Não se constituí «reserva da Nação». Não se oferece ao povo como «messias». Não se impõe ao PRD para passar, automaticamente, de inspirador de acção a condutor da acção. Mas — segundo tudo leva a crer — dispõe-se a assumir responsabilidades políticas desde que estas lhe assegurem a possibilidade de uma intervenção que transforme o País.

Nas suas palavras: «É indispensável que a vida do País se transforme e se transforme de tal maneira que possamos ser todos os dias cidadãos da nossa pequena cidade, da nossa freguesia, isto é, do nosso país.» Não se trata, simplesmente, de descentralizar e de promover o «poder local», trata-se de chamar os cidadãos, no seu conjunto, a assumirem a cidadania plena. Será esse — segundo cremos — um dos vectores da futura acção política do general Ramalho Eanes: suscitar, na actividade concreta do PRD, uma efectiva militância cívica. Realmente, a transformação do País exige uma reforma da política, a transformação do «carreirismo político» em participação cívica, a eliminação do «clientelismo político» e da utilização da política para objectivos pessoais de vária ordem mas que desconhecem o interesse público.

Sabe Ramalho Eanes que o caminho escolhido tem perigos: «Quando optei por este caminho, que é o único honestamente democrático, não tive dúvidas de que tenho duas hipóteses: o sucesso ou o fracasso. Se chegarmos ao sucesso tentaremos fazer um País novo, novo da dignidade, da justiça, competência e na aceitação e eficiência, novo nos resultados. Se fracassarmos temos que parar e dizer que a culpa não é do País, mas é nossa, que não conseguimos nem compreendê-lo nem resolver de uma maneira lógica os seus problemas.»

Integrado no PRD, alçado nos escudos dos fiéis à direcção partidária, Ramalho Eanes verá partilhadas, para o partido transferidas, as duas hipóteses: o fracasso ou o sucesso. Caber-lhe-á impulsionar um partido que, para muitos observadores e para alguns dos seus militantes, se apresenta, não só em crise de identidade e hesitante na acção, como dividido já por diversas tendências. Será Eanes mais do que o dirigente que todos aceitam, o integrador de tendências por que todos esperam? Será Eanes mais do que o líder do partido, a «referência política» suficiente?

As dificuldades actuais do PRD, nas quais se baseiam prognósticos desfavoráveis que, à partida, aparecem conotados com outros partidos, não são de molde a impossibilitar que os seus dirigentes respaldados pelo cidadão António Ramalho Eanes recuperem a dinâmica inicial e a autoridade necessária. Nem sequer terão que se perderem na floresta das ideologias. Como disse António Júlio Garcia, presidente PRD do município de Belmonte: «As frases que hão-de tornar Portugal um país mais justo e mais fraterno foram já todas escritas: só falta cumpri-las, construir este País».

Dizia o velho Marx: vale mais um passo em frente que uma dúzia de programas.

EDP está a ser descapitalizada em favor de interesses privados

Pedro Alves Machado

O Conselho de Gerência da EDP está em vias de subtrair a concurso público a aquisição de equipamentos cujo custo rondará os 12 milhões de contos, preparando-se para adquiri-los à Mague, sem concurso e por um preço superior em cerca de 30% àquele valor. Este o resumo de um artigo de um colaborador do «DL» que sabemos extremamente bem informado sobre o que se passa na EDP. Ouvido por nós àcerca do assunto, o porta voz daquela empresa pública, Correia Figueira, garantiu-nos contudo que «se está ainda numa fase muito preliminar de consultas» e que se está essencialmente a «refletir sobre os critérios de organização dos lotes de adjudicação». Segundo este representante da gerência da EDP a experiência colhida na central termoeléctrica de Sines «aconselha todavia que haja um maior número de lotes de adjudicação do que houve nessa altura». Correia Figueira acrescentou que «a necessidade de controlar os preços e as dificuldades de gestão resultantes da participação de um grande número de intervenientes em obras desta natureza justificam que se constituam lotes de adjudicação com uma certa afinidade».

Pedro Alves Machado, quanto a ele, escreve que o problema é de outra natureza e, no texto que se segue, defende que o que está em causa é «a descapitalização da EDP em favor de interesses privados».

No quadro das suas políticas de destruição do chamado sector público ou, pelo menos da sua redução ao nível anterior ao 25 de Abril, os sucessivos governos dos últimos dez anos tem recorrido a várias táticas que vão desde tentativas legislativas mais ou menos goradas até ao trabalho de sapa dentro das próprias empresas nacionalizadas.

A EDP encontra-se actualmente sob o fogo do Governo, contra ela se voltando resoluções e despachos de desmembramento e um estilo de gestão, ao qual até aqui, tem resistido mercê da sua correcta dimensão, solidez patrimonial e meritória actuação ao serviço das populações.

A destruição «por dentro» de uma empresa assume as mais variadas formas. Forçando a EDP a aumentar a sua dívida ao estrangeiro, o Governo, além de aparentemente moderar o endividamento do próprio Estado, cria dificuldades de gestão por força de consequentes encargos financeiros, que bem podem, se não for posto termo a esta prática, arrastar a empresa à insolvência e serem aproveitadas para argumentar a favor da privatização, não só dos sectores mais rentáveis da EDP, mas também de todo o sector público.

Outra táctica muito corrente para desarticular empresas públicas que tem sido largamente utilizada, por exemplo, na banca e nos seguros, é a imposição de gestores dóceis que, por incompetência ou negligência programada, estão sempre prontos a orientar a sua gestão ao sabor dos interesses a que se subordinam, servindo a política anti-sector público. Isto passa-se tanto a nível dos conselhos de gestão como de gestão média, marginalizando os pareceres das organizações Representativas dos trabalhadores que, pelo menos no caso da EDP, não deixariam passar os mais grosseiros actos de má administração.

Vêm estas considerações a propósito de uma situação, bem típica do que acima se diz e que passamos a expor.

Em Março de 1979 foi assinado entre a EDP, o Governo, a MAGUE, a SEPSA a SOREFAME um acordo válido por 10 anos no qual se definiu, em linhas gerais, que:

— O fornecimento de turbinas hidráulicas e alternadores para centrais hiroeléctricas caberia à SOREFAME, utilizando tecnologias NEYRPIC e ALSTHOMATLANTIQUE.

— O fornecimento de grupos geradores de vapor e turbo-alternadores para centrais térmicas convencionais, caberia à MAGUE-SEPSA utilizando tecnologias Foster Weeler e Brown Boveri.

— O fornecimento de geradores de vapor até 150 T/H caberia à EQUIMETAL.

Para a central térmica de Sines, a primeira grande central portuguesa a carvão, foi encomendado à MAGUE um conjunto de equipamentos que, embora tendo relação funcional com o grupo gerador de vapor, dele não fazem parte e deveriam, com vantagem económica para a EDP, ter sido adquiridos em concurso aberto a outras metalomecânicas portuguesas.

Estão presentemente em curso acções preparatórias para a aquisição de equipamentos correspondentes a dois dos quatro grupos de 300 MW de uma nova central termoeléctrica a carvão, a construir no centro do País.

A nova central

A preços previsíveis para o final do ano corrente, data em que está previsto a EDP encomendar à MAGUE os dois primeiros geradores de vapor, o custo destes rondará os 23 milhões de contos.

Os equipamentos que não fazem parte dos geradores de vapor, mas que foram incluídos na consulta já feita exclusivamente à MAGUE, são os seguintes:

— Aquecedores de ar.

— Condutas de ar e de fumos.

— Ventiladores de insuflação, de tiragem e de ar primário.

— Silos, alimentadores e moinhos de carvão.

— Condutas de carvão pulverizado.

— Sistema de remoção de escórias.

— Sistema de remoção de cinzas volantes.

— Silos de armazenagem de escórias e de cinzas volantes.

— Precipitadores electrostáticos.

Estes equipamentos custarão, para os mesmos dois grupos e a preços da mesma data, cerca de 12 milhões de contos.

Estão em curso conversações entre a EDP e a MAGUE com vista a uma adjudicação antes do fim do corrente ano.

A inclusão destes equipamentos na encomenda dos geradores de vapor à MAGUE, para os dois primeiros grupos da nova central, não só retira a outras firmas portuguesas a possibilidade de (em associação com fornecedores estrangeiros, exactamente como a MAGUE) concorrerem a fornecimentos que totalizam cerca de 12 milhões de contos, como obriga a EDP ao dispêndio de uma importância destinada a «encargos, lucros e royalties» que se estimam em três a quatro milhões de contos.

Esta verba adicional poderá não ser entregue de «mão beijada» à MAGUE se o Conselho de Gerência da EDP, actuando, como é lícito esperar, no interesse da empresa, lançar um concurso permitindo a participação de outras metalomecânicas nacionais.

Torna-se pois urgente que, no interesse da EDP, Empresa Pública viável de produção, transporte e distribuição de energia eléctrica em Portugal, sejam chamados às suas responsabilidades aqueles que, no Conselho de Gerência ou na Direcção encarregada da compra daqueles equipamentos pretendem, além de impedir a livre concorrência das metalomecânicas nacionais descapitalizar a empresa que dizem servir.

Que o Governo, a Assembleia da República, os sindicatos, o provedor da Justiça e a Alta Autoridade Contra a Corrupção dêm a este assunto a importância que ele merece.

Portugal e Espanha têm de rever relações

— *afirmou o embaixador português em Madrid*

O embaixador de Portugal em Espanha, Fernando Reino, afirmou em Madrid que a actual participação dos dois países nos principais organismos internacionais implica uma redefinição do modelo tradicional das relações bilaterais.

«Esta nova realidade impõe uma alteração qualitativa e quantitativa nas relações bilaterais e não é demasiado repetir que o principal desafio da integração de Portugal na Comunidade Eoropeia passa por Espanha», disse Fernando Reino, terça-feira à noite, na Sociedade de Estudos Internacionais.

«A situação vai obrigar ambos os governos a administrar com sabedoria e prudência um período novo, quase revolucionário em termos históricos», dando-se «prioridade à concertação de interesses e evitando-se confrontações inúteis», acrescentou.

O embaixador português reconheceu que um ambiente de diálogo e entendimento nunca foi uma constante nas relações hispano-portuguesas, que se caracterizaram por uma grande ambiguidade, desconfianças e temores múltiplos do lado português, e desconhecimento, indiferença e até alguma altivez e paternalismo do lado espanhol.

Para aquele diplomata, o quadro institucional das relações bilaterais, com a adesão dos dois países à CEE, vai ser objecto de uma mudança radical e os efeitos, a curto e médio prazos, vão fazer-se sentir mais fortemente em seus aspectos económicos e comerciais com a diluição praticamente total das fronteiras alfandegárias. Na opinião de Fernando Reino a supressão dos obstáculos ao comércio de tipo pautal, bem superiores aos portugueses e principalmente não pautais, sistema de compensações, além das subvenções que a Espanha está obrigada a desmantelar, está a ter impacto em Espanha e é susceptível de ser aproveitada por produções portuguesas, que passarão a ser mais competitivas ou começam a ter possibilidade de entrar no mercado espanhol quase fechado até agora.

Fernando Reino reconheceu as dificuldades da Espanha para alterar a sua política comercial e denunciou a tentação de introduzir normas técnicas, homologações e outras práticas administrativas de efeito equivalente a medidas restritivas e obstáculos ao comércio, que poderão afectar profundamente o equilíbrio harmonioso no comércio bilateral entre os dois países e provocar fricções inúteis.

António Janeiro vai hoje a enterrar

O funeral de António Janeiro realiza-se às 14 horas do Mosteiro dos Jerónimos para o cemitério do Alto da Ajuda, em Lisboa. O dirigente sindical da UGT e deputado do PS falecera ontem no Hospital de S. José vítima de uma hemorragia cerebral.

Natural de Freixuda (Vila Nova de Ourém), António Janeiro tinha 40 anos e era presidente de um dos maiores sindicatos portugueses: o Sitese. Dinamizador, impulsionador e fundador da UGT, Janeiro foi um dos seus mais destacados dirigentes, tendo ele activado a ideia do referendo para consulta dos trabalhadores quanto à vinculação dos sindicatos às centrais sindicais. No âmbito partidário, aquele dirigente sindical colocou a sua capacidade de organização e militância ao serviço do PS e da candidatura do seu amigo pessoal Mário Soares, que terá sido de resto uma das últimas pessoas a vê-lo ainda com vida durante uma visita que lhe fez ao hospital de S. José.

O presidente da República esteve também ontem à noite nos Jerónimos a velar o corpo de António Janeiro.

Entretanto, o grupo parlamentar do Partido Socialista fez distribuir um comunicado através do qual manifesta «o seu sentido pesar pelo desaparecimento, inesperado e brutal» de Janeiro. Numa outra nota, divulgada pelo movimento sindical do PRD, lamenta-se a «perda irreparável» deste sindicalista.

Quer o Primeiro-Ministro, Aníbal Cavaco Silva, quer o ministro do Trabalho, Mira Amaral, manifestaram igualmente a expressão do seu pesar pelo desaparecimento do deputado do PS. Cavaco Silva enviou inclusivamente à família do falecido um telegrama de condolências. Finalmente, a comissão permanente do Partido Socialista manifestou a sua «sentida homenagem à memória de António Janeiro».

Governo não foi autorizado a legislar sobre a matéria

Pacote laboral sobe amanhã ao Parlamento

O Parlamento irá debater amanhã o pedido do Governo para legislar em matéria laboral. De acordo com o que foi resolvido na conferência de líderes de ontem, realizar-se-á uma sessão contínua com início às 10 horas para debate e votação dessa autorização legislativva, que conta à partida com a oposição do PS, PRD, PCP e MCD/CDE. O pedido do Governo apresenta a particularidade de, em anexo, conter o texto do proposta de lei que pretende implementar.

A conferência de líderes decidiu também agendar para os dias 8, 9 e 10 de Julho o debate e votação do orçamento suplementar.

O prazo para os pareceres das Comissões Parlamentares sobre o orçamento suplemtar termina dia 2, à excepção do de Economia e Finançcas cujos trabalhos se vão prolongar até dia 7. A votação e discussão da generalidade realiza-se na sessão do dia 8, estando prevista a votação na especialidade, na Comissão de Economia, para o dia 9 e a votação final global, no dia seguinte.

O Parlamento alterou entretanto a agenda da sessão de hoje em virtude da morte do deputado António Janeiro. O Plenário reuniu-se apenas de manhã.

A discussão dos projectos de lei sobre direito de réplica política dos partidos da oposição na televisão, do PCP, e que institui o cheque de ensino, do CDS, foi adiada para 2 de Julho.

Na próxima semana, os primeiros dias de trabalhos serão dedicados à interpelação ao Governo sobre política geral com incidência em matéria económica e social requerida pelo PCP.

COMUNICADO

AOS CONSUMIDORES DE «GÁS DA COMPANHIA» DA CIDADE DE LISBOA

ESTÁ EM CURSO UMA PARALISAÇÃO DE TRABALHO NA EMPRESA «PETROQUÍMICA E GÁS DE PORTUGAL», DE 16 A 22 DO CORRENTE.
POR CONSEGUINTE NÃO HÁ PRODUÇÃO NEM FORNECIMENTO DO GÁS DA COMPANHIA ATÉ DOMINGO PRÓXIMO.
A EDP É, PORTANTO, COMPELIDA A APELAR PARA OS HABITANTES DE LISBOA E ARREDORES, A NÃO CONSUMIREM GÁS ATÉ DOMINGO ÀS 0 HORAS.
NESTAS CONDIÇÕES A EDP SOLICITA:

- QUE ESTEJAM ATENTOS AOS SEUS COMUNICADOS.
- QUE NÃO GASTEM GÁS.
- QUE CONSERVEM FECHADAS TODAS AS TORNEIRAS DE GÁS, INCLUSIVE A DO CONTADOR.

Órgão Central Informação e Relações Públicas

Electricidade de Portugal
EDP/Empresa Pública

BELARTE / 382

TRIBUNAL TRIBUTÁRIO

DE 1.ª INSTÂNCIA

DE LISBOA

1.º JUÍZO

ARREMATAÇÃO
2.ª PRAÇA

Faz-se público que pelo 1.º Juízo do Tribunal Tributário de 1.ª Instância de Lisboa, no dia 25 de Julho de 1986, pelas 10 horas neste Tribunal — R. Braamcamp n.º 5 — 4.º, vão à praça os bens abaixo descritos penhorados a FÁBRICA DE MALHAS BEGUI, LDA., com sede na Rua Leite de Vasconcelos, n.º 81 A e B em Lisboa, no processo executivo n.º 8317/85.

BENS PENHORADOS

Verba n.º 1 — Duas máquinas automáticas rectilíneas para fabrico de malhas exteriores, com motor acopolado, marca Dubied — Tipo DBC — jogo 10 e 12 com os n.ºs 431 206 e 482 495 de fabrico suíço, a que se atribui o valor presumível total de 300 000$00 (trezentos mil escudos).

Verba n.º 2 — Uma máquina automática rectilínea para fabrico de malhas exteriores, com motor acopolado, marca Singer — n.º 18 232, fabrico alemão, a que se atribui o valor presumível de 200 000$00 (duzentos mil escudos).

São citados quaisquer credores incertos ou desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 17 de Junho de 1986

O Juiz de Direito
João Cordeiro Dias
O Liq. Trib.
F. Lopes

Chineses prontos para negociações sobre Macau

A delegação chinesa às próximas negociações com Portugal para a transferência da administração do território de Macau é chefiada pelo vice-ministro Zhou Nan e integra outros quatro funcionários do governo e um deputado de Macau – confirmou à Anop fonte diplomática.

Zhou Nan, vice-ministro dos Negócios Estrangeiros, participou nas recentes negociações sino-britânicas que conduziram ao acordo sobre a transferência da soberania da colónia britânica de Hong-Kong, em 1997.

Integram ainda a delegação – segundo a mesma fonte – o deputado na Assembleia Nacional Popular de Pequim e gerente da empresa chinesa «Nam Kwong» em Macau, Au Zhen Ping e o conselheiro e consultor jurídico do Ministério dos Negócios Estrangeiros, Shao Tien Ren.

Os restantes três membros da delegação chinesa provêm dos gabinetes encarregados dos assuntos de Hong-Kong e Macau.

Recorde-se que ontem foi anunciada a constituição da delegação portuguesa às negociações sobre Macau, a qual será presidida pelo embaixador Rui Medina.

Ministro da República para os Açores

Ribeiro de Almeida também quer militar

O ministro da Defesa Nacional afirmou ontem antes de deixar os Açores que não se pode pensar que qualquer português «só porque tem determinada qualidade, só por isso, não pode exercer qualquer cargo».

Leonardo Ribeiro de Almeida referia-se à nomeação de um ministro da República para a Região Autónoma.

Mota Amaral e o PSD dos Açores defendem que o ministro da República seja civil e açoriano, reivindicação que não tem sido bem vista pela Comissão Permanente Nacional do PSD.

Recentemente, em Santa Margarida, Cavaco Silva criticou aqueles que tomaram posições «eivadas de preconceitos segundo as quais não deverão ser desempenhadas certas funções públicas por militares».

«Subscrevo inteiramente a posição assumida pelo Primeiro-Ministro», referiu Ribeiro de Almeida ao deixar a Região Autónoma.

«Realmente — prosseguiu — os militares são cidadãos portugueses como quaisquer outros. Há entre eles portugueses dos melhores...»

«Penso — continuou Ribeiro de Almeida — que os critérios que devemos usar são os de que, para a designação de qualquer cargo, devemos atender à competência, à preparação, à capacidade das pessoas escolhidas para as exercer».

O chefe do executivo açoriano, por sua vez, afirmou que «pretender um ministro da República civil não representa menos apreço pelos militares».

«Porque não um civil, açoriano», perguntou.

Nas declarações prestadas em Ponta Delgada antes de regressar a Lisboa, o ministro da Defesa afirmou que o Governo «está empenhado na modernização e reequipamento das Forças Armadas».

Leonardo Ribeiro de Almeida referiu que o facto de Portugal ter uma Zona Económica Exclusiva larguíssima «impõe a obtenção de meios para permitirem uma fiscalização efectiva».

«O Governo está atento ao problema e procuraremos na medida do possível ser eficazes», concluiu.

CEME assinou-o em Maio

Pezarat ainda desconhece despacho de passagem à reserva

O brigadeiro Pezarat Correia não tem ainda conhecimento do despacho do chefe do Estado-Maior do Exército, general Salazar Braga, que defere o seu pedido de passagem à reserva, formulado há cerca de três semanas. O referido despacho foi assinado «logo no próprio dia, ou no dia seguinte» à recepção do requerimento de Pezarat Correia, conforme revelou à Antena Um o próprio CEME, Salazar Braga.

Instado por Pedro Cid (Antena Um), Salazar Braga escusou-se a divulgar o conteúdo do despacho. «A lei — disse apenas o CEME ao jornalista — obrigava-me a despachar favoravelmente, uma vez que Pezzarat Correia tem mais de 36 anos de serviço».

Em declarações à NP, Pezarat Correia manifestou espanto por ter sabido do deferimento através da Comunicação Social. «Trata-se — comentou — de mais uma originalidade do meu caso. Sou o primeiro interessado e ainda não tenho conhecimento do deferimento».

O antigo membro do Conselho da Revolução indicou ter pedido um esclarecimento formal ao Estado-Maior do Exército para obrigar a que o seu caso «seja respondido com o máximo de dignidade» e para que não se alimentem «equívocos à sombra de argumentos mal explicados».

Preterido por Salazar Braga na promoção a general, apesar de ser o oficial em termos curriculares, mais bem colocado. Pezarat Correia formulou um extenso e polémico requerimento (cinco folhas de papel selado) que, segundo tudo indica, irá ser divulgado publicamente.

Pezarat Correia exercia ultimamente as funções de chefe do Estado-Maior Operacional das Forças Terrestres do Exército, na dependência do general Firmino Miguel. Com esta passagem à reserva mantêm-se agora apenas no activo os ex-membros do CR, Vasco Lourenço (Exército), Vítor Crespo e Martins Guerreiro (Armada) e Costa Neves e Ribeiro Cardoso (Froça Aérea).

Gestor explicou situação à Comissão Parlamentar de Defesa

Fazemos armamento como há 12 anos

A indústria militar portuguesa encontra-se hoje «praticamente na mesma situação em que estava há 12 anos», afirmou Casimiro Proença, presidente da administração da empresa Indústrias Nacionais de Defesa (INDEP). Casimiro Proença, que falava durante a visita da Comissão Parlamentar de Defesa ao INDEP, disse que a empresa atravessa um «período difícil que põe em causa a sua existência».

O presidente da administração do INDEP alertou para a necessidade de reformulação da empresa, salientando a conquista de outros mercados, aquisição de equipamentos modernos e realização de novos investimentos.

«Os investimentos realizados em 1985 não chegaram a um terço do que se tinha planeado», disse o general Casimiro Proença, salientando que o Estado, que é o principal accionista da empresa, não tem feito os investimentos necessários.

A administração do INDEP entregou no Ministério da Defesa umprojecto de viabilização da empresa, em Março de 1986, em que refere a urgência da realização de um empréstimo, a médio prazo, sem juros e reembolsável.

«Não temos estado parados dada a urgência da situação», disse Casimiro Proença. «Por isso iniciámos negociações com a banca para obter uma carta de financiamento que nos permita realizar algumas encomendas».

O INDEP exporta 95 por cento da sua produção total para os «países beligerantes» e o restante é vendido às Forças Armadas portuguesas. As principais vendas são munições e material ligeiro de defesa.

As perspectivas quanto aos resultados do exercício de 1985 apontam, segundo a direcção do INDEP, para um saldo negativo de uma centena de milhar de contos, o que representa um retrocesso comparativamente a 1984, quando o INDEP apresentou um saldo positivo de cerca de 60 mil contos.

Simples visita

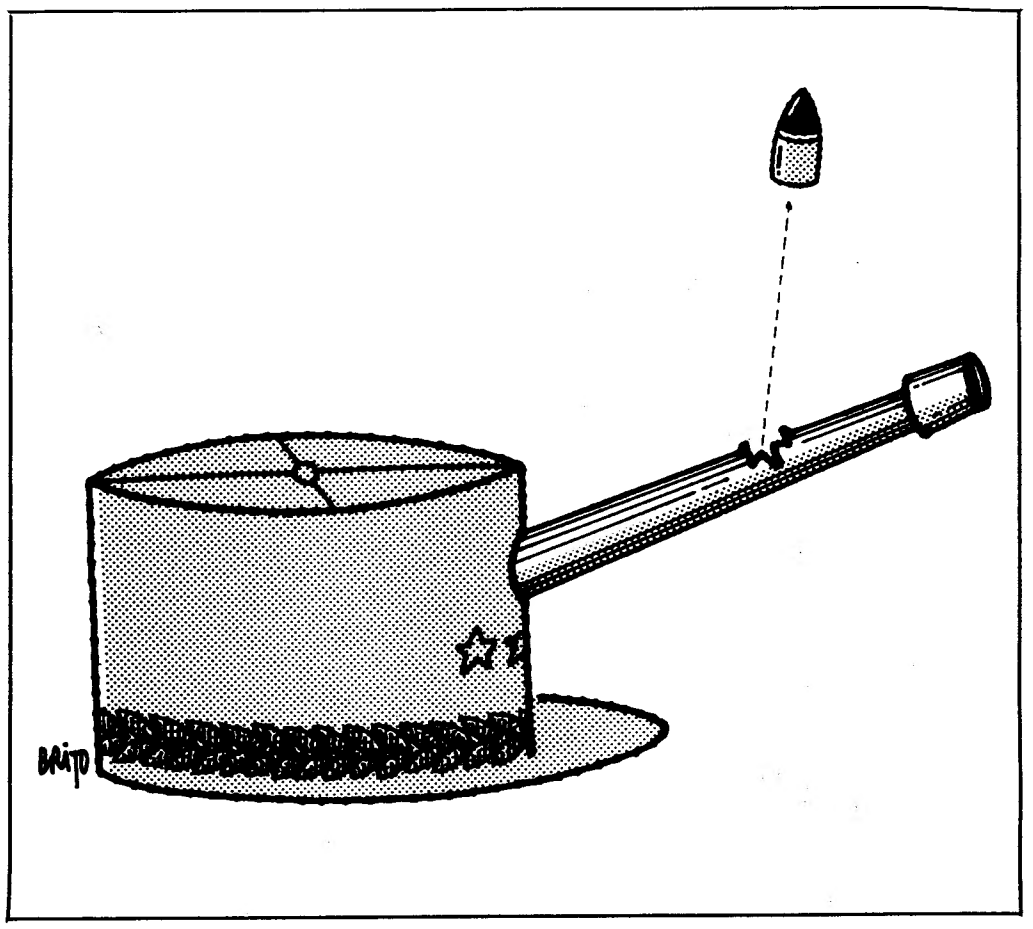
A Comissão Parlamentar de Defesa, intregrada por todos os partidos com assento na Assembleia da República e presidida pelo deputado socialista Jaime Gama, deslocou-se à empresa Indústrias Nacionais de Defesa para obter uma «informação e conhecimento pormenorizado sobre a indústria de defesa e a situação do INDEP».

«É uma simples visita e insere-se no âmbito das deslocações que temos feito às instituições militares dos três ramos das Forças Armadas», disse Jaime Gama.

O presidente da Comissão Parlamentar de Defesa disse que a «reestruturação do INDEP, a modernização da sua produção e a adopção de medidas financeiras que viabilizem o sector das indústrias nacionais de defesa» foram os factores mais importantes expostos na sessão.

De manhã, a Comissão Parlamentar reuniu-se com os representantes dos trabalhadores do INDEP, que alertaram os deputados para as implicações que a reestruturação da empresa poderá provocar.

O INDEP, empresa pública tutelada pelo Ministério da Defesa Nacional, que é considerada uma unidade fundamental da componente industrial da Defesa Nacional, registou em 1982 um volume de vendas da ordem dos 5 milhões de contos e gerou uma entrada de divisas de 1 milhão.



Criado, em 1980, por decisão governamental, o INDEP aglomera as ex-unidades industriais de fabrico de armamento de Braço de Prata e de Moscavide, deixando de estar sob a autoridade militar em 1981.

A empresa emprega 3100 trabalhadores, sendo 66 por cento (2065) pessoal fabril. Os seus principais objectivos são o apoio técnico às Forças Armadas Portuguesas, fabrico e reparação de material de defesa e comercialização da produção.

A evolução das vendas no período de 1973 a 1985 foi «irregular, sendo 1984 o pico máximo de encomendas realizadas, e no mercado interno a evolução das vendas tem sido descendente», disse o director comercial do INDEP.

G-3 em baixo

Em tempo de paz para Portugal, a «indústria de guerra» tem destinado quase exclusivamente as suas actividades à exportação de armas e munições «para todas as partes do Mundo menos para a Oceânia» mas com um volume mais significativo para os países árabes exportadores de petróleo e para o Sudoeste asiático.

«Vocacionada para a produção em grande série», nas palavras de um responsável da INDEP, a indústria militar portuguesa «recusa pequenas encomendas» e destina cerca de 90 por cento da sua produção à exportação.

O produto mais conhecido da indústria militar portuguesa continua a ser a metralhadora ligeira G-3 que a Fábrica Militar de Braço de Prata produz desde 1963 sob licença alemã e no âmbito de um projecto de cooperação entre Portugal e a RFA. «Esse fabrico veio a dar muito jeito às tropas portuguesas na guerra colonial», disse o mesmo responsável pela empresa, mas «desde há três anos as vendas não têm tido expressão».

Interrogado por um membro da Comissão Parlamentar sobre a possibilidade de substituição da produção de G-3 por outra arma semelhante para as Forças Armadas Portuguesas, o general Casimiro Proença afirmou que a empresa está à espera de que o Exército apresente um projecto nesse sentido e faça a encomenda.

Outra das actividades da indústria militar portuguesa é a investigação tecnológica, que permitiu já o desenvolvimento de alguns protótipos como «o desempenador de canos de espingarda» mas também no domínio da «optrónica», que consiste no fabrico de espingardas equipadas com sistemas laser que permitem «apontar no escuro».

«Porém, estes projectos envolvem investimentos muito onerosos que a empresa só por si não pode realizar», disse. «Daí que não se tenha ainda passado de projectos cujo desenvolvimento se aguarda».

Embaixador guineense acusa Imprensa portuguesa de fazer campanha contra o seu país

O embaixador da Guiné-Bissau em Lisboa, Leonel Vieira, disse ontem que o governo de Bissau vê com preocupação aquilo que designou por «uma campanha de certa Imprensa» sobre a situação no seu país, numa altura em que necessita de apoios para o desenvolvimento.

Leonel Vieira disse que tal «campanha» podia reduzir a ajuda de terceiros países para que a Guiné-Bissau possa sair da difícil situação económica em que se encontra.

Em conferência de Imprensa, o embaixador guineense afirmou que as oportunidades de desenvolvimento guineenses «são cada vez mais escassas» e criticou a Imprensa pelo facto de não falar «dos progressos económicos, do ambiente de paz» que se vive no país. Leonel Vieira pretendeu «desmistificar a presente campanha», pela qual são publicadas «notícias caluniosas e difamatórias sobre a Guiné-Bissau com o objectivo de comprometer as relações com Portugal».

O diplomata focou em especial o caso da expulsão do delegado da Anop, que se recuou a divulgar as fontes da sua notícia sobre o julgamento do ex-vice-presidente do Conselho de Estado Paulo Correia, e do jornal «África», que não teria publicado um desmentido a uma notícia, e que publicou recentemente uma extensa entrevista com o ex-presidente guineense Luís Cabral.

Leonel Vieira confirmou que uma missão da Amnistia Internacional se encontra em Bissau, a convite do governo guineense, mas não precisou se a delegação iria assistir ao julgamento de Paulo Correia, acusado de conspiração para derrubar o governo de João Bernardo Vieira, nem indicou o número total de réus no processo. O embaixador declarou ainda que a Guiné-Bissau é «um país aberto, onde toda a gente pode circular», e disse que o antigo primeiro-ministro Vítor Saúde Maria, que informações indicam estar sob prisão domiciliária, «se encontra agora no Sul e pode escolher onde quer viver».

PRD contesta acusações dos sociais-democratas

O PRD repudiou ontem como «infundadas e demagógicas» acusações do PSD ao comportamento do seu grupo parlamentar. Em conferência de Imprensa, os deputados Magalhães Mota e José Carlos de Vasconcelos, entre outros, comentaram apreciações dos sociais-democratas à actuação do seu grupo parlamentar, imputado nomeadamente de se associar a socialistas e comunistas na oposição ao governo.

Os deputados do PRD observaram que o facto de terem deixado passar o programa do PSD na Assembleia da República não salvaguardava este documento de críticas pontuais. Condenaram também a atitude dos sociais-democratas de expressarem em conferência de Imprensa argumentos e opiniões que alegadamente calaram durante o debate no Parlamento.

Referindo-se à alienação para o sector privados de empresas de comunicação social do sector público, esclareceram que não se lhe opõem liminarmente. «Concordamos com a redução do peso do sector público da comunicação social», assinalou José Carlos de Vasconcelos, que, no entanto, criticou a venda do «Jornal de Notícias». Aquele deputado do PRD chamou a atenção para o facto de ser um diário que dava lucro, pelo que não poderá entender-se a prioridade que lhe foi conferida num processo visando a economia de gastos públicos.

José Carlos de Vasconcelos e Alexandre Manuel, também jornalista, apontaram como mais justificador de celeridade o anunciado projecto governamental de fusão das duas agências noticiosas, Anop e NP.

Magalhães Mota e Ana Gonçalves esclareceram, por seu lado, a posição do PRD quanto ao pedido do governo para alterar alguns aspectos da legislação laboral. Segundo eles, «autorizações legislativas só devem ser concedidas em termos muitos restritos» e por isso, acrescentaram, o PRD irá votar contra a sua concessão. Manifestaram ainda discordâncias quanto ao texto que visa alterar as disposições no tocante a trabalho a prazo, temporário e contrato de trabalho.

A concluir, os deputados do PRD fizeram um balanço das suas iniciativas parlamentares, destacando uma proposta sobre estado de sítio e estado de emergência e uma outra proposta no sentido de ser concedido aos cidadãos o direito de petição, ou seja, de lhes ser asegurada a possibilidade de se dirigirem aos órgãos de soberania.

Segundo o Movimento de Solidariedade

Caso FP-25: prisão melhorou mas intimidações continuam

O regime de detenção dos presos do caso FP-25 «alterou-se logo após a morte do director-geral dos Serviços Prisionais» mas a «intimidação sobre os familiares e amigos continua, como tentativa do seu isolamento». Esta posição foi hoje defendida pelo movimento «Solidariedade contra a repressão» — apoiado por vários partidos da esquerda revolucionária.

«No dia seguinte» ao atentado que vitimou Gaspar Castelo-Branco «os presos deixaram de estar incomunicáveis, passando a poder sair da cela durante o dia e a ter acesso ao recreio e ao refeitório» — disse um dos elementos.

Segundo o movimento de solidariedade, «a televisão, que lhes tinha sido retirada dia 22 de Setembro de 1985, após a evasão de nove detidos voltou à sala e passaram a ser permitidas três visitas semanais aos familiares».

Dois anos depois da operação «Orion», movida por cerca de 400 elementos de várias forças de segurança, no dia 19 de Junho de 1984 e que levou à detenção de 42 dos actuais presos, «mantêm-se ou são criadas situações de ilegalidade», hoje referidas em conferência de Imprensa por elementos do «Solidariedade Contra a Repressão».

Entre essas situações, um dos familiares dos detidos apontou «uma busca ilegal feita recentemente a uma residência, sem que o seu proprietário lá se encontrasse ou o mandato estivesse assinado pelo juiz».

Segundo a mesma fonte, a busca foi efectuada dia 25 de Maio por sete agentes da Polícia Judiciária, cujo comportamento foi «correcto» mas sem que estivessem reunidas as condições legais para a sua realização.

«O proprietário da residência não é sequer familiar de qualquer detido e nem sequer se encontrava em casa à hora a que a busca foi feita, cerca das 21 horas, o que também é ilegal», sublinhou aquele elemento do «Solidariedade Contra a Repressão».

Outra das situações de «ilegalidade» referidas foi a da recusa de paternidade pelas autoridades a uma criança, filha de uma das detidas no âmbito do processo FP-25, e uma das duas que nasceram no Estabelecimento Prisional de Lisboa.

Nome riscado

A mesma fonte acrescentou que «o nome do pai, um dos evadidos do EPL dia 21 de Setembro de 1985, foi riscado da cédula pessoal da criança passando ela a constar como filha de pai incógnito, o que não é permitido pela lei portuguesa e embora a paternidade tenha sido assumida».

A existência de «telefones sob escuta, não só a familiares e amigos como a colegas de profissão que entrem em contacto com alguém próximo dos detidos» foi outra das «formas de pressão e tentativa de isolamento» dos presos — disseram ainda.

A perseguição a elementos da FUP, nas fábricas e empresas onde trabalham, por elementos da Direcção Central de Combate ao Banditismo (DCCB) é — segundo o «Solidariedade Contra a Repressão», outras das «formas de intimidação exercida».

«Todas as pessoas que se mexem em termos de solidariedade, são aliás, consideradas potenciais terroristas» e em alguns casos «foram já apontadas pela DCCB a patrões e vizinhos como pessoas muito perigosas» — sublinharam os participantes na conferência de Imprensa.

Por outro lado, a «fraca participação dos amigos e familiares dos detidos no Tribunal de Monsanto, onde está a decorrer o julgamento, deve-se também a acções de intimidação para com o público» — salientaram.

«Revistas completas à saída, a pessoas que já haviam sido revistadas quando entraram, fichas na Polícia Judiciária para poder ter acesso ao Tribunal, o que, supõe também escutas telefónicas, assustam as pessoas que embora querendo lá ir acabam por pensar que se o fizerem vão estar metidas em problemas» — sublinharam.

Incluindo elementos da FUP, PSR, OCPO, Esquerda Revolucionária, e, em acções concretas, a UDP e o movimento Solidariedade Contra a Repressão» sublinhou ainda que essa solidariedade para com os presos é independente das atitudes políticas assumidas pelos detidos e deve-se ao facto de os considerarem pessoas vítimas da repressão».

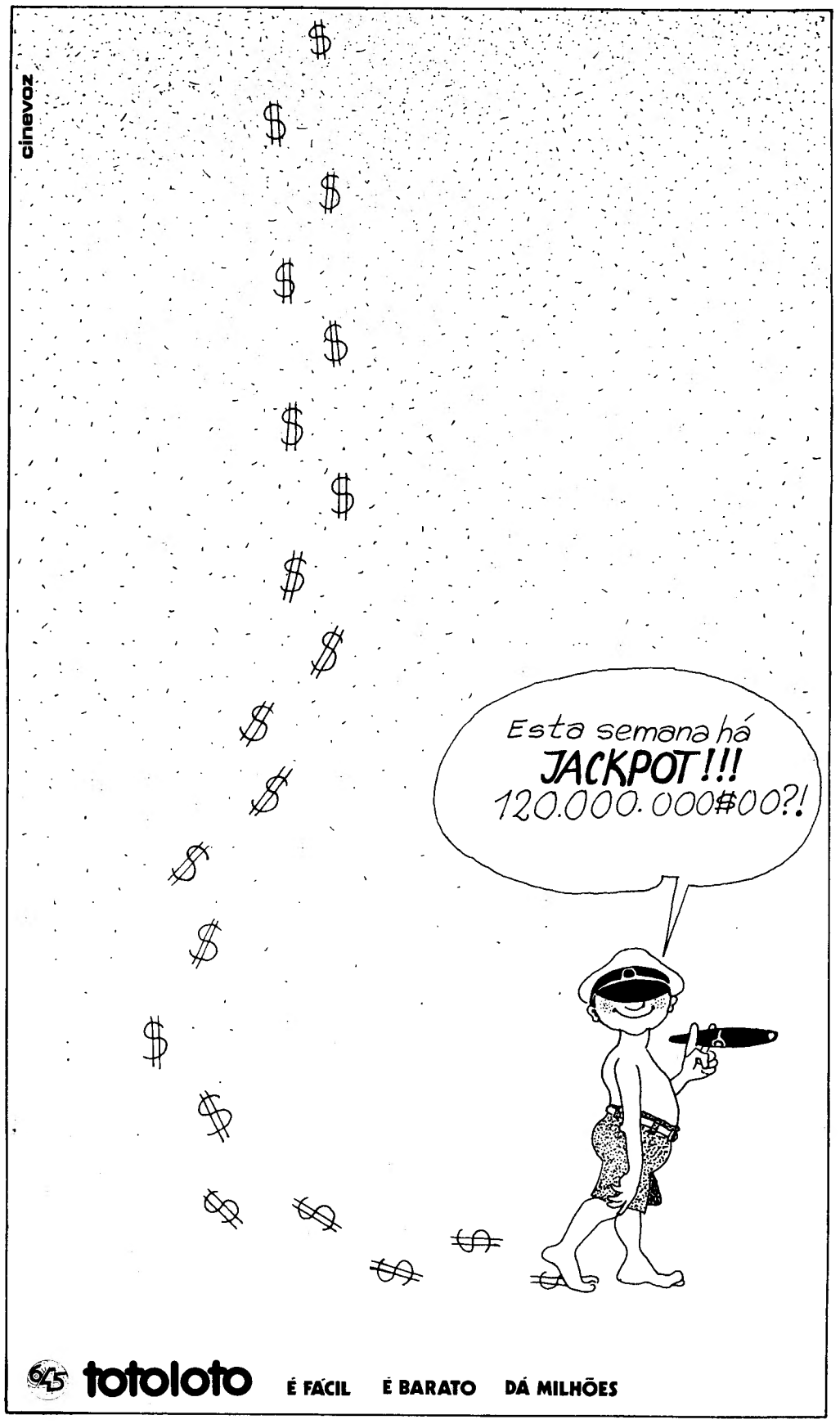
«As atitudes políticas assumidas pelos presos e pela defesa dizem respeito às organizações de que eles se reclamam, nomeadamente FP-25 e FUP, e aos advogados. A nossa solidariedade diz respeito à repressão de que eles são vítimas, como antifascistas». Actualmente e segundo fontes daquele movimento, encontram-se detidas cerca de 68 pessoas, quatro das quais em Custoias e as restantes no EPL, no âmbito dos vários processos movidos contra as FP-25.

A EPAL deseja-lhe Boas Férias

Vá para férias mas assegure-se de que a sua conta com a EPAL ficará em dia.
Dê já ordens ao seu Banco para proceder às liquidações dos seus consumos.
É mais fácil. É mais cómodo. É mais seguro.
De 2 em 2 meses a EPAL enviar-lhe-á então uma factura-recibo com a indicação do valor que deverá pagar. A factura indicará também a data a partir da qual a importância deverá ser descontada na conta bancária.
Se fizer o pagamento por transferência bancária, a factura funcionará automaticamente como recibo, válido em todas as circunstâncias.
No seu interesse, antes de ir para férias, informe-se junto do seu Banco sobre o pagamento de recibos através de conta bancária.

Construir hoje
a qualidade de vida do amanhã

EPAL
EMPRESA PÚBLICA DAS ÁGUAS LIVRES



Lingueirão algarvio ficou-lhes caro

Mestres de arrastões espanhóis multados em 1200 contos cada

O Tribunal Judicial de Vila Real de Santo António condenou ontem os mestres dos pesqueiros espanhóis «Isabel y Rita» e «Juan Ramón» a coimas de mil e duzentos contos cada. Domingos Macias e Juan Valdez foram ainda condenados ao pagamento de multas de 44 contos cada ou 146 dias de prisão por crimes de «desobediência» e de pesca com luzes apagadas. O pescado e os apetrechos de pesca foram apreendidos a favor do Estado português.

Os mestres foram mandados em liberdade e regressaram, já, a Espanha. Ambos disseram, à saída do Tribunal, que consideravam «justa» a sentença, mas insistiram em que a versão sobre os incidentes dada pelas autoridades portuguesas não correspondia à verdade.

O mestre Domingos Macias, do «Isabel e Rita», foi um dos feridos dos disparos efectuados pela Polícia Marítima na madrugada de dia 16, para — segundo as autoridades portuguesas — evitar a fuga dos pesqueiros. Sofreu pequenos ferimentos num joelho, de que já se restabeleceu.

O outro ferido no incidente, Henrique Cabeçadas, foi atingido num ombro. Também já regressou a Espanha para ser observado num hospital de Huelva.

O advogado oficioso dos réus defendeu perante o Tribunal que os pescadores espanhóis não viram nem ouviram a embarcação da Armada Portuguesa, nem deram conta das ordens para pararem.

A delegada do procurador da República considerou esta argumentação «própria de uma fita de cinema», uma vez que — disse — o navio da Armada portuguesa, que apresou os dois pesqueiros, fez sinais com luzes para os pesqueiros, usou a sirene de nevoeiro e gizou uma barragem de fogo com balas tracejantes.

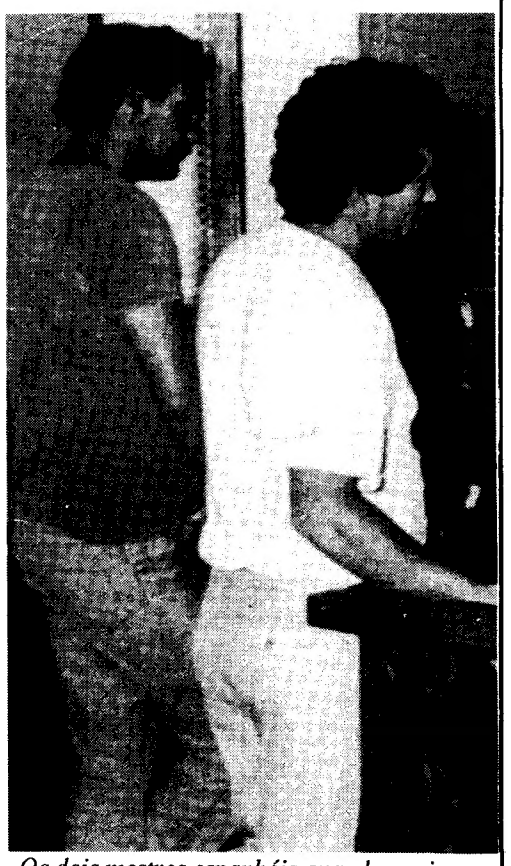
Aliás, os ferimentos causados nos dois pescadores espanhóis — segundo um oficial da Armada — foram devidos a ricochete das balas tracejantes usadas no fogo de aviso.

A sentença — disse o juiz do tribunal de Vila Real de Santo António — teve em conta a baixa condição social dos réus e o facto de não terem outra actividade que não seja a pesca.

Os barcos estavam a pescar a cerca de 18 milhas da fronteira para o lado português e a aproximadamente 400 metros da costa. Como noticiámos ontem, dedicavam-se à captura de bivalves.

As penas, neste caso, variam de um a dois anos de prisão. Eles, contudo, saíram em liberdade...

Os pescadores espanhóis foram detidos na passada segunda-feira, às 21 horas, pelo navio «Mandovi», a cerca de 18 milhas da linha de fronteira e a 400 metros da costa portuguesa, na área de Manta Rota.



Os dois mestres espanhóis quando ouviam a leitura da sentança

Na esquadra de Loures

Acusa agente da PSP de lhe deixar 'a cara num bolo'

Carlos Alberto Gomes Franco, motorista de um carro térmico da firma «Cândido Afonso de Sousa», acusa o guarda 4691 da PSP, António Duarte da Costa, de o ter agredido na esquadra de Loures, deixando-lhe «a cara num bolo».

O motorista refere que, ao transitar perto daquela vila, foi, criticado devido a um problema de trânsito pelo guarda Costa que se fazia transportar numa motorizada e que, trajando à civil e sem se identificar, o obrigou, sob a ameaça de uma pistola, a sair do veículo e a acompanhá-lo à esquadra, onde o agrediu «auxiliado por mais três polícias».

Em contrapartida, a PSP, com base no testemunho do guarda Costa, acusa o motorista Carlos Alberto Gomes Costa, de «desobediência e tentativa de agressão a um agente da autoridade».

A decisão do pleito pertence agora ao Tribunal da comarca, onde as duas participações discordantes já deram entrada.

Furtou o automóvel à "companheira" brasileira

Dois homens e duas mulheres foram detidos pela GNR em Lagoa, Algarve, quando viajavam num «Fiat Uno», propriedade de uma firma de aluguer de automóveis, com sede no Porto, que fora roubado a uma cidadã brasileira, pelo companheiro desta, o português Neto, de 23 anos, que já passou pela cadeia acusado de consumo e tráfico de droga.

Os detidos são Neto, que conduzia o veículo, Carlos Machado, de 25 anos, solteiro, natural de Cascais, Cristina Silva, de 27, divorciada, nascida no Porto, e Julieta Costa, de 23, solteira, de Cascais.

Afirmado por Mira Fernandes na Boa Hora

Crédito mal parado à Banca é de 400 milhões de contos

Mira Fernandes, ex-director da Região Ocidental de Lisboa do Banco Fonsecas e Burnay, que está a ser julgado na Boa-Hora sob a acusação de «burla agravada de 260 mil contos» àquela instituição de crédito, disse ontem em tribunal que «o crédito mal parado no conjunto da Banca totaliza 400 milhões de contos».

A sessão de ontem, em que Mira Fernandes foi quase sempre respondendo às questões colocadas pelo juiz-presidente, dr. Mário Miranda Jones, com as expressões «não sei», «não me lembro», «não posso precisar», acabou por ser preenchida com o problema relacionado com os créditos que o réu fez conceder ao grupo de quatro empresas do co-réu, julgado à revelia, Manuel Francisco Serafim.

Ao que foi referido em tribunal, de 1980 a 1982, o grupo de Manuel Serafim, graças a pareceres favoráveis de Mira Fernandes, para o efeito na segunda posição depois do Conselho de Gestão do banco, beneficiou de créditos que ora constituem obrigações de cerca de 90 mil contos, fora os juros.

Depois de o réu afirmar que não concedera os sucessivos créditos a Manuel Serafim sem antes consultar a respectiva ficha de informação bancária, Fernando Grade, advogado pela acusação fê-lo confrontar com essa ficha, de que consta ter sido ao interessado proibido a certa altura, pelo Banco de Portugal, o uso de cheques. Mira Fernandes, apenas respondeu ter achado tratar-se de uma «pessoa recuperável». Como da ficha também consta que, à data dessa consulta, as empresas do réu revel «lutavam com grandes dificuldades, pelo que se recomendava créditos moderados», Mira Fernandes adiantou que «as informações bancárias não são determinantes para a concessão de empréstimos».

Interrogado sobre o facto de uma empresa do grupo, a «Serafim e Filhos», do coarguido e dois descendentes, ter aumentado as obrigações por crédito de 15 mil contos em Dezembro de 1980 para 30 mil contos onze meses passados, limitou-se a dizer ter havido «uma flutuação».

Mira Fernandes foi também confrontado com a ficha de informação bancária de Maria de Lurdes Fernandes, a quem igualmente favoreceu créditos, um dos quais depois de visitar terrenos de quem a interessada lhe disse ser proprietária, sem que tivesse, reconheceu ontem, verificado essa posse.

Em Tribunal foram apresentados documentos pelos quais se verifica ser do conhecimento do Banco Fonsencas e Burnay que duas empresas de Maria de Lurdes se encontravam desactivadas quando pediram créditos, que obtiveram por acção de Mira Fernandes. Uma delas, a «Fernandes e Pedrosa», dissolvida por escritura em Dezembro de 1977, começou a pedir e obter empréstimo em Janeiro de 1980, e a outra, a «Nunes e Sá», fez outro tanto pela mesma época, embora não tivesse qualquer actividade desde 1977. Maria de Lurdes Nunes Fernandes, ré no mesmo processo, será julgada em separado por ter sido entretanto levantado o incidente jurídico de «insanidade mental».

O julgamento prossegue esta tarde com o interrogatório de Mira Fernandes pelo advogado de Manuel Serafim, dr. Ernesto Moura Coutinho.

ARTIGO DE FUNDO

Mário Castrim

ALGUMAS pessoas no meu jornal ficaram passadas quando me viram pedir ao dr. Ruella Ramos umas férias até ao fim do ano.
Como é que um fabiano que praticamente não sabe o que são férias há vinte anos, resolve assim de repente, gozar uma sabática?

A resposta esgotar-se-ia na própria pergunta. Pois por isso mesmo, porque precisava de descansar...

Mas o espanto subiu de nível quando souberam que eu escolhera Viana do Castelo para ficar estes meses. Viana do Castelo, porquê? Porquê assim tão longe de Lisboa! Considero o argumento positivo e não impeditivo como queriam. Para férias, quanto mais longe melhor. Ah, que Lisboa, por uns tempos, ficasse de amarras cortadas! Muito, pouco tempo? Conforme.

Conforme o tempo que a droga levasse a acordar sob a forma de saudade — porque nunca acontece Lisboa em vão.

Aberto o leilão, as explicações vieram. Porque tem, no mesmo cesto, a erva e a onda. Por causa da tranquilidade. Porque dali à Galiza é um pulinho. Por causa da autenticidade cultural de tão vasta zona. Por causa do arroz, do bacalhau — e da vitela assada, essa espécie em vias de extinção. Por causa do vinho verde.

Houve até quem, delicadamente, sugerisse qualquer razão, digamos, qualquer razão sentimental. Não. Nada disso. Por aí, tudo bem. Babilónia continua com seus jardins suspensos e intactos.

Ninguém acertou. O que até se compreende, se nos lembrarmos que a gente de Informação não é obrigada a andar informada sobre tudo o que acontece no nosso país. E também acontece que os graus de motivação variam de pessoa para pessoa.

O que sucede é isto: a tempestade derrubou o emissor do Muro e a região ficará sem TV nos próximos meses. Acham que eu sou pessoa para desaproveitar a oportunidade de não ver **Telejornal** *uns tempos?...*

Tão pouco basta para fazer um homem feliz, n'é?

Incendiários detidos em Cantanhede e Castelo Branco

Dois incendiários foram detidos em Cantanhede e Castelo Branco, enquanto que a Policia Judiciária de Coimbra prossegue as investigações relacionadas com o incêndio de Agueda. Entretanto, tudo indica que um acto criminoso está na origem de um fogo que ontem consumiu uma apreciável mancha de sobreiros no Concelho de Mirandela.

Maria da Encarnação Martins da Silva Ramos, de 39 anos, solteira, evidenciando alguma perturbação mental foi ontem de manhã detida pela GNR de Castelo Branco junto a um incêndio que a própria ateara. A suspeita confessou, em interrogatório, a autoria de sete incêdios verificados nos dois últimos dois dias no Concelho que, no entanto, causaram apenas duzentos contos de prejuízos. Apresentada ao Juíz, Maria da Silva Ramos viu confirmada a sua detenção, estando neste momento a aguardar a instauração do respectivo processo na cadeia de Castelo Branco.

Segundo o «DL» apurou, a suspeita dirigia-se do Monte de S. Luiz, nos arredores de Castelo Branco para a capital de distrito, e a sua presença, cerca das 7 e 30 junto do local do incêndio, levantou suspeitas aos bombeiros que de imediato alertaram a GNR.

No passado domingo, Arsénio Monteiro, de 24 anos, cesteiro ambulante, com a última residência conhecida nos arredores do Porto, foi apanhado por populares quando ateava um incêndio numa zona de pinhal, entre Pocariça e Póvoa do Bispo, no Concelho de Cantanhede. Populares que passavam na estrada de carro, aperceberam-se do facto e detiveram o jovem, tendo ainda conseguido debelar as chamas. Presente ao Juíz de Instrução Criminal, Arsénio Monteiro viu a sua prisão confirmada, recolhendo à Penitenciária de Coimbra. De acordo com fontes bem informadas, durante o interrogatório, Arsénio Monteiro não precisou se tinha sido contratado.

E, enquanto a PJ de Coimbra prossegue as investigações sobre o incêndio da Serra do Caramulo, um fogo, provávelmente de origem criminosa, consumiu entre cinco a seis hectares de sobreiro no lugar de Quadral-Romeu, em Mirandela. Segundo um informador dos Voluntários, o fogo, combatido durante três horas pela corporação, ocorreu numa área pertencente à sociedade Clemente Meneres, uma das maiores empresas de exploração soberícola da Europa.

Fogo-de-artifício acaba em incêndio

Um incêndio deflagrou ontem cerca das 21 e 15 em terrenos das proximidades da Policia Municipal e da Avenida José Malhoa, em Lisboa. O sinistro, que apenas atingiu mato e ervas secas embora numa vasta área, foi extinto pelo Batalhão de Sapadores Bombeiros (BSB) uma hora depois de ter tido o seu inicio.

O rápido combate ás chamas ficou a dever-se à presença de elementos do BSB na inauguração de uma nova unidade hoteleira, situada nas proximidades, que se encontravam de piquete, dado estar previsto o lançamento de fogo de artifício que terá propagado as chamas ao terreno baldio.

Um outro sinistro, de menores dimensões, deflagrou ontem à noite próximo de Telheiras, junto à Segunda Circular. De acordo com os bombeiros, o fogo atingiu apenas mato e foi extinto pouco depois das 22 e30.

Por fim, também na Estrada Militar, um foco de incêndio entre o estádio Pina Manique e o Parque de Campismo, ocupou os bombeiros que, prontamente, dominaram as chamas.

Encontrado corpo do bombeiro de Agueda

O corpo do bombeiro António Matos, após quatro dias de intensas buscas na Serra do Caramulo, foi ontem finalmente encontrado «um pouco distante do local onde pereceram os outros doze», disse à ANOP uma fonte dos Voluntários de Agueda. O mesmo informador precisou que o corpo do malogrado bombeiro apareceu a nascente da ponte de Avelal por civis que integravam um grupo constituido por militares do Batalhão de Infantaria de Aveiro e por bombeiros de Agueda que procediam às buscas.

«Pela posição do corpo tudo indica que o José de Matos se estava a afastar do curso de água que existe nas proximidades, encaminhando-se provávelmente para a estrada que conduz a Alcafaz», declarou o Comandante dos Bombeiros Voluntários de Agueda, que adiantou que a identificação do corpo foi feita através do reconhecimento dos objectos pessoais da vítima.

Os restos mortais da décima sexta vítima do incêndio da Serra do Caramulo, que estão desde o principio da tarde em câmara ardente no Salão Nobre dos Paços do Concelho, vão a enterrar peas 19 horas.

Limpeza e queimadas em questão

A falta de limpeza dos matos, as deficiências de vigilância e a carência de meios técnicos para os debelar são as principais causas dos ciclos de incêndios ocorridos em Portugal, revela, em comunicado, o Comité Técnico da Madeira. Este comité, forum consultivo de iniciativa do Instituto dos Produtos Florestais, onde têem assento todas as associações empresariais representativas das indústrias consumidoras de madeira e vários departamentos da administração central, «manifesta a maior consternação pela catástrofe nacional dos incêndios florestais verificados no último fim-de-semana na região de Agueda.

Mesmo em casos de comprovada acção criminosa, sublinha o comunicado, a falta de limpeza das matas tem sido determinante no agravamento da dimensão dos fogos, pelo que aquele comité considera que «a negligência manifestada pela maioria dos proprietários deverá ser igualmente objecto de medidas rigorosas por parte do poder politico».

Entretanto, os Serviços Florestais vão este Verão exercer grande vigilância sobre as queimadas no Algarve para evitar a propagação de incêndios, apurou a agência NP. A mesma fonte acrescentou que, depois de uma campanha de «sensibilização pública» lançada em 1982, os Serviços Florestais vão este ano utilizar medidas coercivas aplicando multas aos faltosos num montante que poderá atingir os dez mil escudos.

Apesar de estarem proibidas por lei em todo o País, entre 1 de Julho e 30 de Setembro, muitos proprietários rurais continuam a fazê-las, indiferentes aos perigos que representam.

LATINA

o automóvel de prestígio

MALAGA

O SEAT MÁLAGA integra-se no conceito de automóvel familiar de categoria superior.

Altamente luxuoso, a preço muito acessível, o SEAT MÁLAGA, a gasolina ou a diesel, é um verdadeiro automóvel para executivos.

Foi criado para oferecer segurança, conforto, economia de manutenção. De linha personalizada, com extraordinário equilíbrio de forma, o SEAT MÁLAGA é um automóvel de prestígio.

Para concretizar o projecto MÁLAGA, a SEAT escolheu os maiores especialistas mundiais da construção de automóveis.

A PORSCHE estudou, e realizou, um sistema de motor para aliar as performances da alta competição às exigências da condução do dia a dia.

GIUGIARO, o mais famoso designer do mundo automóvel, criou o estilo da carroçaria, conjugando a beleza da forma com a optimização do espaço interior.

KARMANN desenvolveu, e concretizou, a construção-base e a carroçaria, para permitir elevado coeficiente de segurança e conforto.

O SEAT MÁLAGA reflecte o prestígio de quem o conduz.

carro do ano 1985 em Espanha

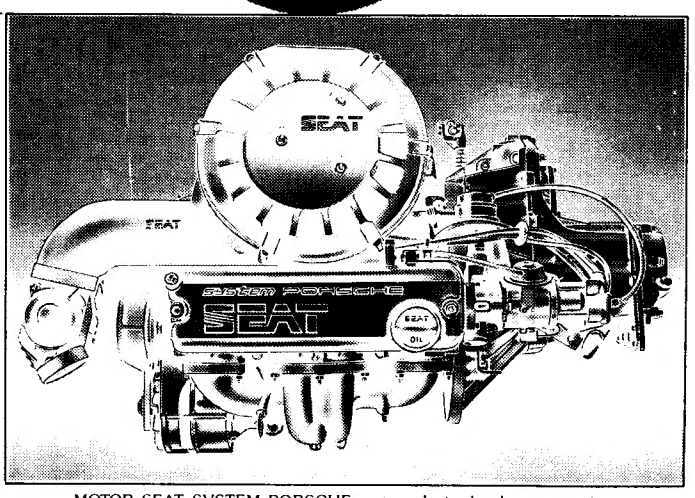
Versões disponíveis

1.5 GLX * — Motor System Porsche 85 HP DIN. Caixa de 5 velocidades. Suspensão independente.

1.2 GL e 1.2 GLX — Motor System Porsche 65 HP DIN. Caixa de 5 velocidades. Suspensão independente.

Acabamento GLX — Vidros eléctricos, bloqueio do fecho central das portas, volante regulável, jantes de liga leve, check-control, relógio digital e estofos de veludo.

* Ar condicionado em opção.



MOTOR SEAT SYSTEM PORSCHE: a tecnologia da alta competição adaptada a um automóvel de todos os dias.

SEAT TECNOLOGIA SEM FRONTEIRAS.

Quando serão pagos a "O diário" os subsídios de papel dos 3 últimos trimestres de 85?

A Editorial Caminho, na qualidade de proprietária do jornal «O Diário, requereu em 30 de Setembro de 1985 o subsídio ao papel a que tinha direito com referência ao 2.º trimestre daquele ano, nos termos do despacho conjunto de 2 de Abril desse mesmo ano. Sobre esse requerimento, o então secretário de Estado adjunto do ministro de Estado do Governo anterior emitiu um despacho de acordo com o qual, «e de forma clara» (como afirma a Editorial Caminho), deveria ter sido deferido o requerimento (...) com o consequente pagamento do subsídio ao papel.

No entanto, «contrariando ilegal e abusivamente este despacho, a Direcção-Geral da Comunicação Social e, posteriormente, o secretário de Estado adjunto do ministro adjunto para os Assuntos Parlamentares do actual Governo, responsável pelo sector da Comunicação Social, «têm vindo a recusar o pagamento do referido subsídio».

O que interessa revelar

Posteriormente, e também dentro dos prazos legais, a Editorial Caminho requereu o subsídio ao papel a que tinha direito com referência aos 3.º e 4.º trimestres de 1985.

Ora «uma vez mais, recorrendo a argumentação obtusa e baseando-se em factos inexistentes e, de qualquer forma, estranhos aos processos», o actual secretário de Estado responsável pelo sector da Comunicação Social «recusou o pagamento dos referidos subsídios».

As recusas do Governo em atribuir à Editorial Caminho o subsídio ao papel relativo aos 2.º, 3.º e 4.º trimestres de 1985 têm sido fundamentadas no pressuposto de que o ex-director de «O Diário», Miguel Urbano Rodrigues, tinha sofrido já 3 condenações por crimes de difamação ou injúria no período de cinco anos, no âmbito dos Processos n.º 10 985 (8.º Juízo Correccional), n.º 555/82 (4.º Juízo Correccional) e n.º 187/80 (7.º Juízo Correccional) referidos no seu registo criminal.

Sucede, no entanto, que o jornalista Miguel Urbano Rodrigues deixou de ser director de «O Diário» em 27 de Junho de 1985 (sendo nessa data substituído pelo jornalista Armando Pereira da Silva), pelo que já não era director de «O Diário» em 30 de Setembro de 1985, data do requerimento do subsídio ao papel relativo ao 2.º trimestre.

Segundo a Editorial Caminho, «é abusivo e ilegal que, posteriormente à data em que o jornalista Miguel Urbano Rodrigues deixou de ser director de «O Diário», se invoquem as condenações por crime de liberdade de Imprensa que este jornalista eventualmente tenha sofrido para recusar a atribuição do subsídio ao papel à Editorial Caminho, na medida em que, nos termos da lei, a apreciação dos requerimentos sobre o subsídio ao papel só deve ser feita com base na documentação que a lei define como pertinente para essa apreciação, a qual não inclui o registo criminal de ex-directores das publicações».

Acresce ainda o facto de ser «completamente falso que à data dos despachos sobre os requerimentos relativos ao subsídio ao papel do 2.º, 3.º e 4.º trimestres o jornalista Miguel Urbano Rodrigues tivesse sido condenado por crime de liberdade de Imprensa nos 3 processos referidos (...)», até porque, conforme certidão emitida pelo Supremo Tribunal de Justiça, «ainda não havia transitado em julgado uma dessas condenações (concretamente sentença relativa ao Processo 187/80/7.º Juízo Correccional), pois aguardava ainda naquela data que fosse proferida decisão por aquele Supremo Tribunal de Justiça».

Atitude futura

A Editorial Caminho, face a este estado de coisas, «recorreu a todos os meios ao seu alcance «para proporcionar aos competentes órgãos do Governo que corrigissem as suas decisões arbitrárias e ilegais». Deste modo, «foram escritas cartas, feitas exposições, solicitadas entrevistas, apresentados recursos hierárquicos e reclamações, apoiadas em competente documentação».

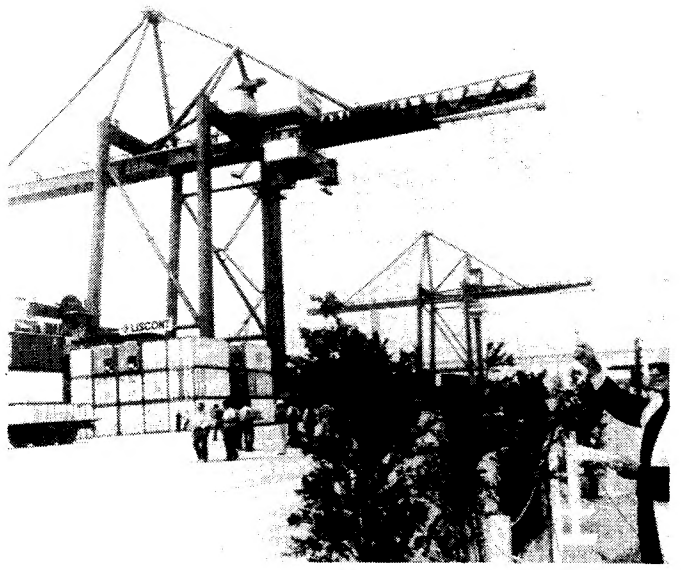
Resultado?

«Tudo em vão» — declara a Editorial Caminho.

Como é natural, e face ao andamento de todo o processo, a Editorial Caminho viu-se forçada a recorrer dos actos do Governo para o Supremo Tribunal Administrativo, que, «por certo, decidirá no sentido defendido» por aquela empresa editora.

«Tal não significará, no entanto, que, desde logo, sejam reparadas todas as graves consequências e prejuízos entretanto verificados».

Sendo assim, a Editorial Caminho mantém a firme disposição de continuar a lutar, «por todos os meios legais à sua disposição», para que lhe sejam entregues os subsídios ao papel a que insofismavelmente tem direito, «assim como para que seja indemnizada por todos os danos sofridos».



Novo terminal de contentores inaugurado em Lisboa

O porto de Lisboa conta com um terminal de carga e descarga de contentores que irá permitir a escala na capital de grandes navios que até agora necessitavam de transbordar no Norte da Europa cargas destinadas a Lisboa.

O novo terminal ocupa um total de 82 000 m2 do cais de Alcântara-Sul, 800 metros a leste da Ponte 25 de Abril, e a sua exploração está a cargo da Liscont, a empresa vencedora do concurso público internacional promovido pela Administração Geral do Porto de Lisboa.

Os principais accionistas da Liscont, uma companhia por acções que tem um capital de 650 mil contos, são a Euromann/Eurokai, um grupo alemão que opera o terminal de contentores de Hamburgo: a Sadomar, um grupo de empresas actuando em Portugal na área de transportes, operações portuárias e outros: a Mague, metalomecânica nacional com experiência na construção de gruas e equipamentos de elevação: a Socarpor, um operador portuário português; e o Deg, um banco de desenvolvimento alemão.

O objectivo do terminal ontem inaugurado, cuja exploração estará a cargo da Liscont durante os próximos 20 anos, é o de «atrair a Lisboa parte de um mercado que até agora, por falta de oferta de condições adequadas, não podia frequentar os portos nacionais». Ou seja, tentar canalizar para a capital portuguesa uma parte do tráfego que se faz ao longo da sua costa: 38 por cento do tráfego mundial contentorizado é feito aí e a escassas milhas de Lisboa cruzam-se as principais linhas de tráfego.

A Liscont investiu cerca de 1,4 milhões de contos em equipamento, tendo adquirido 80 por cento deste às empresas portuguesas, nomeadamente à Mague, que construiu as gruas. Emprega actualmente 83 pessoas.

Durante a cerimónia de inauguração tanto o responsável pela Administração Geral do Porto de Lisboa, como o secretário de Estado das Vias de Comunicação, salientaram que o empreendimento corresponde a uma nova experiência que é a da privatização na área de prestação dos serviços portuários.

O primeiro recordou que Portugal sempre foi a porta de entrada das Américas na Europa: adiantou que progresso e cristalização são dois conceitos contraditórios e admitiu a possibilidade de se vir a construir um grande terminal de contentores na margem Sul do estuário do Tejo.

O secretário de Estado informou, por seu lado, que está praticamente concluída a revisão da legislação portuguesa sobre gestão portuária e considerou que o estatuto laboral deveria também ser revisto.

Na cerimónia de inauguração falou ainda o ministro da Economia e dos Transportes do Estado da Baviera (RFA) que recordou a importância histórica do porto de Lisboa, falando depois da visita de Cavaco Silva à Alemanha Federal e do apelo então feito às empresas alemãs para que investissem em Portugal.

No final, foi pedido a monsenhor Moita, presente na cerimónia em representação do cardeal-patriarca, que benzesse o terminal, pedindo este a protecção de Deus para os que vão utilizar as gruas.

SINDICATO DOS TRABALHADORES ADUANEIROS EM DESPACHANTES E EMPRESAS

S.T.A.D.E.

COLÓQUIO

21-6-86

TEATRO ABERTO – LISBOA (PRAÇA DE ESPANHA)
Das 9 às 12.30 e 14.30 às 18 horas

A ADESÃO À C.E.E.

CONSEQUÊNCIAS NA ACTIVIDADE ADUANEIRA

ESTÃO CONVIDADOS REPRESENTANTES DAS SEGUINTES ENTIDADES:

- DIRECÇÃO GERAL DAS ALFÂNDEGAS
- COMISSÃO DAS COMUNIDADES EUROPEIAS
- ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUESA
- CÂMARA DOS DESPACHANTES OFICIAIS
- COMISSÃO DE TRABALHADORES DA ALFÂNDEGA DE LISBOA
- GRUPOS PARLAMENTARES DA A.R.
- ORGANIZAÇÕES SINDICAIS REPRESENTATIVAS DO SECTOR
- FEDERAÇÃO SINDICAL DE TRANSPORTES E COMUNICAÇÕES (CC.OO. – Espanha)

A DIRECÇÃO

NOTARIADO PORTUGUÊS
14.º Cartório Notarial de Lisboa
a cargo do Notário: Lic. Manuel Gonçalves Pereira

Certifico para efeitos de publicação que por escritura de 15 de Maio do ano em curso, lavrada de folhas 45 verso a folhas 48 verso do livro de notas 845-A deste Cartório, MARIA DE LOURDES DOS SANTOS MADEIRA CARAPUÇA, LUDOVINO DE ALBUQUERQUE e CÉLIA DE SOUSA FERREIRA como únicos sócios que ficaram sendo da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, sob a denominação de «LISÓPTICA – REPRESENTAÇÕES DE ÓPTICA, LIMITADA», com sede nesta cidade, provisoriamente, na Rua da Boavista, número oitenta e quatro, terceiro andar, de comum acordo decidiram reforçar o capital da referida sociedade para um milhão e seiscentos mil escudos, mediante o aumento de seiscentos mil escudos, integralmente realizado em dinheiro e subscrito pela forma seguinte:

– MARIA DE LOURDES DOS SANTOS MADEIRA CARAPUÇA, trezentos e sessenta mil escudos e LUDOVINO DE ALBUQUERQUE, duzentos e quarenta mil escudos.

– Que outrossim, alteraram parcialmente o pacto da mesma sociedade, dando aos artigos terceiro, quarto e quinto, a seguinte redacção:

TERCEIRO – O capital social, integralmente realizado em dinheiro e nos diversos valores do activo, é de um milhão e seiscentos mil escudos, e corresponde à soma de três quotas, uma de oitocentos e sessenta mil escudos, pertencente à sócia Maria de Lourdes dos Santos Madeira Carapuça, uma de quatrocentos e noventa mil escudos, pertencente ao sócio Ludovino de Albuquerque, e uma de duzentos e cinquenta mil escudos, pertencente à sócia Célia de Sousa Ferreira.

QUARTO – A cessão de quotas entre os sócios é livre, mas a terceiros depende do consentimento da sociedade a solicitar por carta registada com aviso de recepção, devendo a sociedade pronunciar-se no prazo máximo de quinze dias após a recepção.

Em caso de compra por parte da sociedade será o valor da quota apurado com base em balanço a realizar para o efeito.

QUINTO – A gerência e a administração da sociedade, bem como a sua representação em juízo e fora dele, activa e passivamente, ficam a cargo dos sócios para efeito designados em assembleia geral e serão ou não dispensados de caução e com ou sem remuneração conforme vier a ser deliberado igualmente em assembleia geral.

Parágrafo primeiro – Para obrigar a sociedade em todos os seus actos e contratos é necessária a assinatura de dois gerentes.

Parágrafo segundo – A sociedade não poderá ser obrigada em fianças, abonações, letras de favor e outros actos ou documentos estranhos ao objecto social.

Está conforme.

Lisboa e referido 14.º Cartório Notarial aos vinte e um de Maio de mil novecentos oitenta e seis.

O 3.º Ajudante,
Ass. ilegível

«DL» — 19/6/86

Nova direcção dos HUC foi hoje empossada

Coimbra: Hospital Central à espera que Leonor Beleza nomeie Comissão

A direcção médica dos Hospitais Universitários de Coimbra (HUC) foi hoje empossada, mas não se sabe quando é que será nomeada a Comissão Instaladora do novo Hospital Central, que substitui o extinto Conselho de Gerência. Alvo de polémica, centro de atenções gerais, o novo Hospital Central coimbrão, e concretamente a sua entrada em funcionamento, têm suscitado dúvidas e interrogações.

Há não muito tempo, o deputado socialista Santana Maia — anterior governador civil de Coimbra — questionou o Governo no Parlamento sobre a data prevista para a sua entrada em funcionamento.

Santana Maia pôs mais questões à ministra da Saúde, no requerimento que entregou à mesa da presidência da Assembleia da República. Designadamente, o ex-governador civil procurou saber se estavam a ser acautelados os interesses do Estado, dos utentes do hospital e dos seus trabalhadores e qual será o regime aplicável a estes últimos e aos futuros contratados. Perguntou, ainda, qual será a entidade responsável pela recepção legal da obra e qual a situação institucional do Conselho Director do Gabinete do novo Hospital Central.

O presidente da direcção hoje empossada, Lopes Cavalheiro, considerou «estranho» que o decreto-lei que regulamenta a abertura do novo hospital tenha sido publicado a 28 de Maio último «e que ainda não tenha sido nomeada a comissão instaladora prevista naquele diploma».

«Dificilmente se compreende toda esta situação, pois já lá vai quase um mês sobre a publicação do decreto, com a agravante de desde essa altura terem sido extintos o Conselho de Gerência dos Hospitais Universitários e o gabinete do novo hospital» — observou.

José Lopes Cavalheiro, que será, por inerência, director clínico dos HUC, salientou que «esta situação de impasse traz perturbações diversas» em termos de serviços e de gestão, e frisou que «o hospital novo já podia estar aberto se as decisões da ministra da Saúde fossem tomadas a seu tempo».

O processo de instalação do novo Hospital Central de Coimbra, cujo início estava previsto para Abril último, não se desencadeou devido a conflitos sobre o respectivo regime surgidos entre o gabinete da nova unidade hospitalar e o Conselho de Gerência dos HUC.

Na sequência desta situação, o Governo regulamentou a instalação do novo hospital através do Decreto-Lei 122/86 de 28 de Maio, diploma que prevê a constituição de uma nova comissão, ainda por nomear, e determina a extinção dos dois órgãos referidos.

Director clínico critica Beleza

O director clínico dos Hospitais Universitários criticou também a ministra da Saúde, Leonor Beleza, pela forma como (não) tem conduzido o processo de abertura e instalação do novo Hospital Central da cidade.

Lopes Cavalheiro reafirmou hoje que a nova unidade hospitalar «já podia estar aberta se a ministra se decidisse». Nesse sentido, um diploma governamental de 28 de Maio último regulamentou, repetimos, a abertura e instalação do novo hospital, para onde serão transferidos os serviços dos HUC. Mas ainda não foi publicado o despacho da ministra da Saúde que deveria constituir a respectiva comissão instaladora...

Esse decreto-lei extinguiu na mesma altura o Conselho de Gerência dos Hospitais Universitários de Coimbra, criando um vazio legal que José Lopes Cavalheiro considera trazer «perturbações diversas».

«É de estranhar que o decreto que extingue o Conselho de Gerência tenha saído a 28 de Maio e que ainda não haja comissão instaladora» — sublinhou aquele médico, para acrescentar: «Não consigo compreender esta situação, pois já lá vai quase um mês de tempo perdido».

Também o Sindicato dos Médicos da Zona Centro criticou o Governo, no início deste mês, por ter criado «um vazio legal, ao extinguir o conselho de gerência dos HUC sem ter ainda nomeado a comissão instaladora».

Mil contos de prejuízo por dia

Recorde-se que o Decreto-Lei 122/86, de 28 de Maio, surgiu na sequência de um conflito de competências em torno da legitimidade do órgão instalador de novo hospital, cujo ponto crítico foi atingido a 14 de Abril, data em que os Hospitais Universitários não procederam à primeira transferência de doentes prevista pelo gabinete do novo hospital.

Para o Conselho de Gerência dos HUC, o novo edifício «mais não é do que as novas instalações dos Hospitais Universitários e não um novo hospital», pelo que deveria ser o Conselho de Gerência a proceder à sua instalação.

Por seu turno, Jaime Nina, presidente do gabinete do novo hospital, órgão criado em Setembro de 1977, considera que a questão não tinha razão de ser, «porque uma portaria posterior à criação do gabinete alargou a sua constituição a representantes do Conselho de Gerência dos HUC».

O Conselho de Gerência contrapunha que «o entendimento de que as novas instalações nada têm a ver com o Hospital Universitário afectaria gravemente cerca de três mil funcionários, nomeadamente quanto à possibilidade de promoção».

UGT
PORTUGAL

UNIÃO GERAL DE TRABALHADORES

A U.G.T. ESTÁ DE LUTO

ANTÓNIO JANEIRO

É com profundo pesar que o Secretário da U.G.T. participa o falecimento de António Janeiro, Presidente da Direcção do SITESE - Sindicato dos Trabalhadores de Escritório, Comércio e Serviços e membro do Conselho Geral da U.G.T.

António Janeiro foi um dos mais destacados fundadores da U.G.T. e nele os trabalhadores portugueses encontraram sempre um dos seus mais empenhados defensores.

Os trabalhadores portugueses, o Movimento Sindical Democrático e a U.G.T. ficam mais pobres, face a esta irremediável perda.

Nesta hora de dor, o Secretariado da U.G.T. manifesta a sua solidariedade à família de António Janeiro e aos seus companheiros da direcção do SITESE.

A melhor homenagem que podemos prestar a António Janeiro é a de manter vivo o seu exemplo, continuando a lutar sem desfalecimentos em defesa dos trabalhadores e pela construção duma sociedade mais livre, justa e solidária.

Lisboa, 19/6/86 **O Secretariado da U.G.T.**

Quase 21 milhões de eleitores decidirão, no próximo domingo, a sorte de 350 lugares no Congresso e 208 no Senado, e, com eles, a composição do novo Governo, que deverá reger os destinos da Espanha nos próximos quatro anos. Trata-se de eleições antecipadas por decisão do primeiro-ministro Felipe Gonzalez, que, apesar da cómoda vitória obtida no referendo sobre a premanência do seu país na NATO, em 12 de Março último, optou por dissolver as duas Câmaras, não concluindo o mandato cque lhe foi outorgado em 1982 e que só terminaria em 28 de Outubro deste ano.

Eleições em Espanha na etapa final

Gonzalez a caminho de mais quatro anos de Governo

Eduardo Rebelo
enviado especial

MADRID,19—A campanha eleitoral em Espanha aproxima-se do fim sem que se registem alterações significativas nas estratégias dos partidos concorrentes: com a vitória de Felipe Gonzalez, tida como certa, toda a oposição continua a fazer incidir a sua propaganda na tentativa de impedir o PSOE de voltar a obter maioria absoluta. E é aqui, na questão da maioria absoluta, que reside o único ponto de incerteza — a não ser que, como já sucedeu com o «referendo NATO», todas as sondagens espanholas estejam erradas.

Segunda-feira e domingo, últimos dias permitidos por lei para a publicação de son - dagens, a Imprensa diária es - panhola forneceu aos seus leitores números contraditó - rios.

Enquanto o «Diário 16» e «El Periódico» apontavam para a maioria absoluta, dando ao PSOE entre 180 e 202 deputados, os diários conservadores «Ya» e «ABC» atribuiam-lhe entre 158 e 171, números tangen - cialmente abaixo dos 176 necessários para que Felipe Gonzalez possa governar com o mínimo de proble - mas. Quanto a «El País», situava-se entre estas duas tendências, publicando uma projecção que colocava os socialistas entre os 167 e os 194 deputados.

De todos estes números, os menos realistas parecem ser os de o «Diário 16» que atribuiu ao partido governa - mental o mesmo resultado de 1982, ou seja, 202 depu - tados.

Na verdade, ninguém acredita que Felipe Gonzalez consiga aguentar o «score» de há quatro anos quando, no rescaldo da falência da UCD, operou o que foi con - siderado como a primeira grande viragem democrática pós-franquista, prometendo ao eleitorado modificações espectaculares, que iam da saída da NATO e do encer - ramento das bases norte-americanas em território es - panhol à redução quase a zero do desemprego.

Promessas ambiciosas que a realidade governativa não confirmou...

De qualquer modo, a maioria dos espanhóis não se tem mostrado descontente com estes quatro anos de Governo socialista, o que terá contribuído para que Felipe Gonzalez, depois da vitória no «referendo NATO», se sentisse à von - tade para antecipar, em quase cinco meses, as elei - ções gerais. Acrescente-se, em abono das teses opti - mistas dos estrategas elei - torais do PSOE, que neste período nenhum dos par - tidos da oposição con seguiu assumir-se como alternativa válida aos socialistas.

Da direita de Fraga Iri - barne à esquerda de Gerardo Iglesias, passando pelos par - tidos do centro de Adolfo Suarez e do catalão Miguel Roca Junyent, nenhum dos adversários políticos do PSOE se apresentou ao eleitorado convictamente seguro de que pode ser poder. Para estes partidos, as perspectivas ex-pressas nas últimas sondagens não são animadoras.

A **Coligação Popular**, onde domina Iribarne (106 deputados em 82) está ameaçada por uma descida, que poderá ir de um mínimo de 1 até a um máximo de 23 deputados,e a **Coligação Esquerda Unida**, de Iglesias, deverá quedar-se a baixo dos 20 deputados (5 a 16, segundo as projecções da Imprensa), enquanto a **Mesa para a Unidade Comunista**, de Carrillo, corre o risco de não eleger um único representante parlamentar.

No leque da oposição, res - ta o Centro. É aqui que po - derão registar-se algumas surpresas, nomeadamente da parte do **Centro Demo - crático e Social** de Adol - fo Suarez que de dois depu - tados eleitos há quatro anos poderá ter agora entre 15 e 32, boa parte dos quais subtraídos precisamente ao eleitorado mais conservador do PSOE. O «diálogo», por vezes duro, entre Adolfo Soares e o nº 2 do PSOE, Alfonso Guerra, dominou em grande parte estes últi - mos dias de campanha, re - flectindo a crescente impor - tância que o CDS vem assu - mindo.

Quanto ao recém consti - tuído **Partido Reformis - ta Democrático,** que al - guns classificam como a aposta nacional da Cata - lunha, ameaça ser um mau investimento para os ban - queiros que nele terão inves - tido 8.000 milhões de pese - tas: 3 a 6 depu tados é quan - to as pre visões lhe dão, nú - mero insuficiente para se constituir como grupo par - lamentar.

No espectro parlamentar espanhol, restam os partidos nacionalistas, como a **Co - ligação Convergência e União da Catalunha** e a **Coligação Herri Ba - tassuna**,do País Basco, que devem melhorar ligeira - mente as respectivas posi - ções.

Alternativa ao PSOE, não há, residindo as preocupa - ções de Felipe Gonzalez em saber onde vai o Centro buscar os seus votos — se, sobretudo, à formação de Iribarne ou se, também, aos conservadores que em 82 votaram socialista — e se a esquerda pulverizada se li - mitará a trocar votos entre si ou irá também cavar nas franjas esquerdistas do par - tido no Governo. Disto de - penderá a maioria absoluta.

Felipe Gonzalez, que há quatro anos se lançou numa campanha arrasante, estabe - lecendo o seu quartel-general no autocarro em que per - correu toda a Espanha, dis - tanciou-se desta vez da pug - na eleitoral.

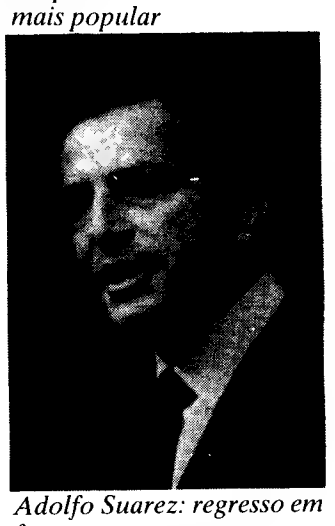
Durante a semana perma - neceu no seu posto no Palá - cio da Moncloa e só aos fins de semana se envolveu em contactos com o elei - torado. Tratou-se de uma posição intencional, definida pelos seus estrategas, visan - do projectar a sua imagem de marca como homem de Estado e, simultaneamente, acentuar a sua despreocu - pação face aos resultados eleitorais, dando como ga - rantida a vitória.

Para além disso, o dis - curso do primeiro-ministro e chefe dos socialistas, al - terou-se radicalmente: nada de promessas, apenas a in - sistência na palavra-chave do discurso do PSOE — modernidade.

Partindo da vitória que representou a adesão à CEE, Felipe Gonzalez tem repe - tido incansavelmente que a Espanha necessita de se adaptar depressa à nova rea - lidade económica em que se integra, necessitando para isso de um Governo estável e homogénio, capaz de ga - rantir ao mesmo tempo o progresso e a liberdade.

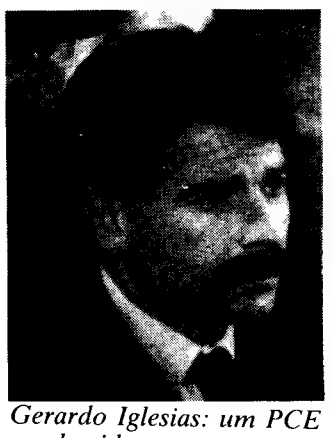
Felipe Gonzalez: o líder mais popular

Fraga Iribarne: que futuro para o «ultra»?

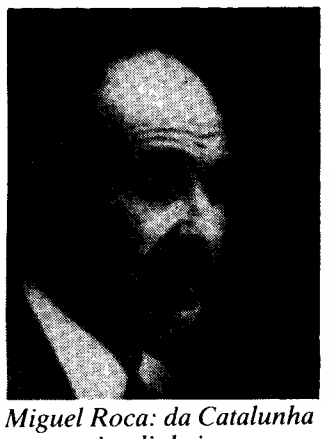


Adolfo Suarez: regresso em força

Santiago Carrillo: os últi - mos cartuchos



Gerardo Iglesias: um PCE em descida



Miguel Roca: da Catalunha com muito dinheiro

Em resumo, não se trata apenas de mais um mandato de quatro anos, mas da maioria palamentar absolu - ta, de forma a que a go - vernação possa decorrer sem convulções.

Contra esta estratégia, a oposição mergulhou no mundo das promessas, não hesitando em avançar com as mais irrealistas, tudo para impedir a repetição de 1982 e lutar contra o que, este ano, se apresenta como a grande ameaça para todos os contendores: a **abstenção**.

Se é certo que não se as - sinala descontentamento si - gnificativo para com Felipe Gonzalez, não deixa de ser também exacto que quatro anos de governação socia - lista cansaram alguns e dei - xaram outros tantos inde - cisos. Para além disso, esta certeza na vitória do PSOE, que a maioria dos órgãos de informação — TV à cabeça — não se tem cansado de acentuar, poderá desmotivar boa parte do eleitorado para votar.

É a esta área do eleitorado que a oposição se dirige prioritariamente, prometen - do, prometendo sempre, mesmo quando sabe que não pode cumprir — mas afinal não foi isso que Gonzalez fez há quatro anos com resultados surpreendentes?

Os principais contendores

Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE), liderado pelo carismático Felipe Gonzalez. É a principal força da esquerda espanhola e tem por detrás de si quase quatro anos de governação. Apela agora ao eleitorado para que lhe permita consolidar os resultados entretanto alcançados. A força do PSOE assenta em larga medida na forte personalidade de Gonzalez, cujo grau de credibilidade está bem expresso nos 41 por cento obtidos numa recente sondagem sobre a popularidade dos líderes espanhóis. Não há alternativa, neste momento, nem a Gonzalez nem ao PSOE, pelo que muitos prevém que aquele partido se mantenha ainda por muitos anos como a força dominante do sistema político espanhol. Isto levou a Igreja Católica espanhola a tomar posição logo no início da campanha, alertando para os perigos da «hegemonia do poder».

Coligação Popular (CP) tem como líder Fraga Iribarne, dirigente da direitista Aliança Popular, principal força dentro da coligação que integra também o Partido Democrata Popular e Liberal. Tendo-se guindado à posicão de segunda maior força política espanhola com o desaparecimento da UCD, tem vindo desde 1982, quando conquistou 106 assentos parlamentares, a sofrer visível desgaste, prevendo-se que no próximo domingo perca alguns deputados. As posições «ultras» de Iribarne — ex-ministro da Informação e Turismo de Franco e ex-ministro do Interior de Suarez — parecem ser as maiores inimigas da Coligação Popular, que poderá não sobreviver a um desaire eleitoral.

Centro Democrático e Social (CDS), liderado por Adolfo Suarez, um homem que sobreviveu à época de Franco e foi responsável pela transição para a democracia. O CDS nasce do afundamento da UCD, após a saída de Suarez, em 1982, por razões ainda não completamente esclarecidas. Obteve dois lugares no Parlamento, há quatro anos, e, desde aí,tem vindo a reestruturar a sua organização. Apresenta-se nestas eleições como a principal força do Centro, tendo recusado quaisquer acordos com os reformistas e outras formações conservadoras. Suarez define o seu partido como de centro-esquerda, tentando subtrair votos ao próprio PSOE. Ignorado pelos socialistas nos primeiros tempos da campanha, acabou por se tornar no principal «interlocutor» do PSOE na guerra de críticas e contracríticas desta campanha, mercê sobretudo do discurso incisivo de Suarez.

Partido Reformista Democrático (PRD), liderado pelo político catalão Miguel Roca Junyent, simultâneamente secretário-geral da Coligação Convergência e União da Catalunha (PCUC). A formação do PRD esboçou-se com a falência das tentativas de políticos centristas para formarem, com Suarez, um grande bloco do Centro, no rescaldo da vitória socialista de 1982. Engloba, além do PCUC, outras forças regionalistas e defende um programa de centro-direita. Conta com substanciais apoios financeiros e aposta na eventualidade do PSOE não repetir a maioria absoluta e das forças conservadoras poderem fazer uma coligação governamental.

Coligação Esquerda Unida (CEU) dominada pelo PCE de Gerardo Iglesias, engloba pequenos grupos marxistas, bem como ecologistas, pacifistas e, até, alguns socialistas desiludidos. Pretende polarizar os cerca de 7 milhões de votos que se opuseram a Felipe Gonzalez no «referendo NATO», mas, sobretudo, aposta no reforço do Partido Comunista, que nos últimos anos tem sido assolado por graves crises internas, com repercussões desastrosas na sua imagem eleitoral.

Mesa para a Unidade Comunista (MUC) liderada por Santiago Carrillo. Mais do que um resultado sofrível nestas eleições — e as sondagens nem isso prevêm — aposta na reestruturação do movimento comunista espanhola, que Carrilho acusa o PCE de ter traído. Apela ao voto «autenticamente comunista», que não lhe deverá sorrir, já que Carrillo está ameaçado de não conseguir ser eleito em Madrid.

Ao abrigo do estado de emergência

Presas duas mil pessoas na África do Sul

Um jornal sul-africano publicou na primeira página o nome de duas mil pessoas, descritas como tendo sido presas.
Os regulamentos do estado de emergência proíbem a identificação de qualquer detido mas a lista foi aparentemente divulgada porque foi lida no Parlamento por um deputado e os debates parlamentares não são abrangidos por aquelas disposições.

O «Business Day», que publica a lista, afirma em editorial que «o estado de emergência realçou uma verdade bastante ignorada sobre a África do Sul: num futuro previsível, o perigo da revolução é minúsculo, o perigo de um «regime dos coronéis» de extrema-direita é grande».

Em Londres, o congresso dos sindicatos britânicos (TUC) disse que desde que foi declarado o estado de emergência na África do Sul foram detidos 70 dirigentes sindicais.

Um porta-voz do TUC disse que muitos desses dirigentes foram presos embora tendo negociado com as autoridades patronais acordos de paralisação na segunda-feira, data em que se celebrou o décimo aniversário da revolta de Soweto.

Entretanto o departamento de Informação da África do Sul disse que morreram três pessoas nas últimas 24 horas, e confirmou a prisão, no domingo, de 200 pessoas que assistiam a um serviço religioso, oficialmente considerado como reunião ilegal.

Jornalistas locais queixarem-se entretanto de terem sido impedidos de fazer a cobertura de competições desportivas em áreas descritas oficialmente como «zonas de agitação».

Três religiosos alemães-federais expulsos da África do Sul chegaram a Francoforte mas um deles Theobald Kneifel, de 45 anos disse ter preferido continuar numa prisão sul-africana do que regressar ao país natal porque a noiva, Elisabeth Kister, continua ali detida.

Uma irmã grávida de Elisabeth foi libertada na terça-feira, as duas irmãs têm ambas a nacionalidade alemã-federal e sul-africana.

A prisão dos três religiosos, bem como de outros três cidadãos alemães-federais esteve na origem de um confronto entre os Governos de Pretória e de Bona.

Sanções

A câmara de representantes dos Estados Unidos aprovou entretanto a retirada de todas as empresas norte-americanas da Africa do Sul como medida de sanção contra o regime de Pretória.

A decisão dos representantes, adoptada por voto nominal, inclui também a proibição das importações norte-americanas de produtos sul-africanos, à excepção de certos minerais.

A proposta, apresentada pelo democrata Ronald Dellums, deve ser agora remetida ao Senado e, no caso de vir a ser aprovada, terá de ser submetida ao veto do Presidente Ronald Reagan, que se opõe à adopção de sanções económicas contra a Africa do Sul.

Na ONU, a Grã-Bretanha e os Estados Unidos vetaram uma resolução do Conselho de Segurança para impor sanções económicas à Africa do Sul.

A resolução apresentada por cinco países do Movimento dos Não-Alinhados, contou com os votos a favor dos outros 12 membros, incluindo a Austrália e a Dinamarca, enquanto a França se absteve.

A proposta votada tinha por objectivo censurar e punir a Africa do Sul pelo ataque do dia cinco contra o porto angolano de Namibe.

No Peru

Motins em três cadeias fazem vários feridos

Os recontros entre militantes do grupo maoísta Sendero Luminoso, que ontem se amotinaram e as Forças Armadas peruanas prosseguiam hoje, mais de sete horas depois do começo das operações para dominar os motins.

O comando conjunto das Forças Armadas distribuiu à uma hora (sete horas em Portugal) um comunicado em que afirma que as forças de segurança «prosseguem a acção» para reocuparem os locais.

No que parece ser uma acção combinada, presos acusados de terrorismo amotinaram-se simultaneamente em três cadeias da capital peruana — El Fronton e Lurigancho e cadeia de mulheres de Santa Bárbara.

Nas acções, em que os reclusos tomaram nove reféns, houve nove feridos e na cadeia de El Fronton os amotinados apoderaram-se de três pistolas-metralhadoras e de um número indeterminado de outras armas.

No comunicado oficial, difundido na madrugada de hoje, afirma-se que seis reclusas tinham ficado feridas na prisão de Santa Bárbara e que dois oficiais tinham sido ferido durante os recontros na prisão de El Frontron.

Nesta cadeia, «os amotinados construíram fortificações de cimento e pedra, facto que dificulta a acção que as forças da ordem estão a desenvolver com toda a energia».

Os motins ocorreram em vésperas da inauguração do Congresso da Internacional Socialista, que amanhã se inaugura.

EUA e URSS empenhados no relançamento do diálogo

Os Estados Unidos e a União Soviética buscam um entendimento que possibilite a marcação de datas para a cimeira prevista para este ano em Washington entre Ronald Reagan e Mikhail Gorbachev — revelaram fontes diplomáticas em Moscovo.

O fulcro da questão — segundo as mesmas fontes — reside agora na resposta do dirigente máximo soviético à carta que recebeu há seis dias do presidente dos Estados Unidos, presumivelmente com a proposta para relançar o diálogo nesse ponto.

Analistas políticos consideram que o diálogo a nível diplomático entre Moscovo e Washington apresenta indícios de revitalização e que as declarações de Reagan e Gorbachev acompanham tal tendência.

O líder máximo do Kremlin responsabilizou Reagan, na passada segunda-feira, de atitudes que «fazem duvidar que o presidente dos Estados Unidos esteja realmente interessado noutra cimeira». Mikhail Gorbachev acrescentou, contudo, que «as portas não estarão fechadas a novas conversações».

No entanto Victor Issraelyan, o chefe da delegação soviética às negociações de Genebra, considerou os planos dos EUA para uma nova geração de armas químicas como «um passo negativo muito sério». Acrescentou que se a decisão americana for implementada poderá criar um efeito negativo nas negociações sobre desarmamento em Genebra.

Entretanto, o embaixador soviético em Lisboa, Valentin Vdovin, reafirmou a posição de Moscovo de não permitir que os Estados Unidos ultrapassem a União Soviética a nível bélico.

Valentin Vdovin falava numa conferência de Imprensa centrada nas recentes propostas soviéticas e do Pacto de Varsóvia — a aliança militar dos países socialistas — sobre o desarmamento.

O diplomata soviético insistiu em que Moscovo pretende desenvolver o diálogo político com os Estados Unidos e que tudo fará para que 1986 seja assinalado por «uma viragem real para melhor, para um mundo mais seguro».

Barco dinamarquês apresado com armas

As autoridades panamianas mantêm apresado um cargueiro dinamarques que transportava camiões e armamento de fabrico soviético suficientes para equipar dois batalhões militares — disse uma fonte oficial.

Segundo a Imprensa, o carregamento destinava-se aos guerrilheiros salvadorenhos.

José Correa, vice-comandante da Marinha panamiana, disse aos jornalistas que o navio dinamarquês, o «Pia Vesta», de 520 toneladas, interceptado e apresado no sábado, transportava 32 camiões, 1500 metralhadoras, lançadores de «rockets» e munições para ambas as armas.

Correa frisou que este material era suficiente para equipar dois ou três batalhões motorizados do exército.

O navio preparava-se para transportar os camiões e armamento como carga não declarada através do canal do Panamá. As leis panamianas proíbem os navios de passar através do canal com carga não declarada, que é automaticamente considerada como contrabando.

CEE resolveu questão das "regras de origem"

Decisão favorável a Portugal no comércio com a Espanha

A Comissão Europeia chegou ontem a acordo, em Bruxelas, sobre o regime de regras de origem a aplicar nas trocas comerciais entre Portugal e a Espanha.

O sistema, aprovado na sequência de dois sucessivos adiamentos, foi considerado por fontes próximas do gabinete do comissário de nacionalidade portuguesa, Cardoso e Cunha, como «uma grande vitória das posições portuguesa». Segundo informa a NP, citando também uma fonte do gabinete de Cardoso e Sunha, este comissário foi no entanto o único a votar contra a nova regulamentação por a considerar insuficiente no que respeita às televisões.

O sistema, que entra em vigor a partir do próximo dia 1 de Outubro, admite como «originariamente portugueses» todos aqueles produtos industriais exportados de Portugal para Espanha que, em termos gerais, tenham sofrido em território nacional uma incorporação de pelo menos 35 por cento do seu valor — e desde que a diferença até 70 por cento seja de origem comunitária.

Todos os produtos industriais exportados de Portugal para Espanha que preencham estas condições beneficiarão, de acordo com o que se encontra estipulado no tratado de adesão, de uma total isenção de direitos à sua entrada nos mercados espanhóis.

O regime ontem aprovado pela Comissão — e que agora terá que ser submetido ao Conselho de Ministros para decisão — representa uma clara melhoria em relação àquele que se encontra em vigor, mediante o qual apenas são considerados «originariamente portugueses» os produtos industriais exportados de Portugal para Espanha que detenham uma incorporação em território nacional de pelo menos 70 por cento do seu valor.

Por outro lado, este regime — que apenas vigorará enquanto durar o período transitório — prevê uma melhoria progressiva, ao longo do tempo, do tratamento a conceder em Espanha aos produtos industriais provenientes de Portugal.

Assim, em 1 de Janeiro de 1988, apenas passa a ser exigida para a generalidade dos produtos em causa uma incorporação nacional de 30 por cento, com excepção das máquinas de costura e dos televisores a cores, cuja transformação requerida em território nacional continuará a ser de 35 por cento.

Em 1 de Janeiro de 1989 serão considerados «originariamente portugueses» todos os produtos industriais exportados de Portugal para Espanha que tenham sofrido em território nacional uma incorporação de 30 por cento do seu valor.

A proposta ontem aprovada pela comissão é uma solução de compromisso entre as sugestões originais do vice-presidente encarregado das questões do mercado interno, Lorde Cockfield, e as posições contrárias assumidas pelos seus dois membros de nacionalidade espanhola, o vice-presidente Manuel Marin e Abel Matutes.

A proposta agora aprovada pela Comissão será discutida em Conselho, admitindo-se que venha a ser aprovada por maioria qualificada com o voto contrário da Espanha.

Rumores de que a Espanha possa vir a invocar o seu direito de veto, na medida em que estaria atingido um seu interesse vital, são considerados em Bruxelas como resultantes de uma manobra negocial sem grande significado real.

Segundo a NP, a oposição de Cardoso e Cunha à proposta aprovada tem como fundamento a sua discórdia em relação ao facto de as televisões exportadas de Portugal só serem consideradas «originariamente portuguesas» com 30 por cento de incorporação nacional a partir de 1 de Janeiro de 1989, ao contrário do que acontece com a generalidade dos produtos.

Somague ganhou concurso para aeroporto de Cabo Verde

As propostas ao concurso para ampliação da pista do Aeroporto da Praia, em Cabo Verde, foram abertas ontem, tendo sido colocada a empresa portuguesa Somague em primeiro lugar com uma proposta de 1348 mil dólares.

Em segundo e terceiro lugares ficaram, respectivamente, as empresas, também portuguesas, Soares da Costa e Construções Técnicas.

A «Somague» está neste momento a concluir a construção do porto da mesma cidade, obra descrita por fontes oficiais portuguesas como o maior empreendimento de cooperação bilateral portuguesa no Mundo.

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	38$00	44$00
ALEMANHA FED. (marco)	66$90	68$10
ÁUSTRIA (xelim)	9$35	9$65
BÉLGICA (franco)	3$114	3$314
BRASIL (cruzado)	4$00	6$50
CANADÁ (dólar – notas de 1 e 2)	107$65	110$15
(notas de 5 a 1000)	108$15	110$65
DINAMARCA (coroa)	18$05	18$45
ESPANHA (peseta)	1$0177	1$137
EUA (dólar – notas de 1 e 2)	150$05	153$55
(notas de 5 a 100)	150$55	156$05
FINLÂNDIA (marka)	28$80	29$40
FRANÇA (franco)	20$95	21$65
HOLANDA (florim)	59$35	66$45
IRLANDA (libra)	203$75	207$75
ITÁLIA (lira)	$089	$099
JAPÃO (iene)	$870	$905
NORUEGA (coroa)	19$60	20$10
REINO UNIDO (libra)	226$10	230$60
SUÉCIA (coroa)	20$70	21$20
SUÍÇA (franco)	81$00	82$50
VENEZUELA (bolívar)	6$25	7$22

Observações:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

RADIODIFUSÃO PORTUGUESA

PROGRAMA PARA O CONCERTO DO DIA 19 DE JUNHO DE 1986 (13.º CONCERTO) TEATRO MUNICIPAL MARIA MATOS 21.30.
COLABORAÇÃO DA EMBAIXADA DO REINO DE MARROCOS E DA CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA
ORQUESTRA SINFÓNICA DA RDP
MAESTRO: SILVA PEREIRA E AHMED AWATIF
CONCERTO INTEGRADO NAS JORNADAS CULTURAIS MARROQUINAS

I

ATLAS — M. BEMIS
RENDEZ-VOUS AU CREPUSCULE — M. BEMIS
OUVERTURE — M. ABOUDRAR
MOUNA — O. SERGHINI
SOLITUDE — A. AGOUMI
LE PALMIER — A. AWATIF

II

SINFONIA N.º 2 — JOLY BRAGA SANTOS

Comissão de Trabalhadores contra a venda das acções da Fábrica Mendes Godinho

A temperatura na Bolsa de Valores de Lisboa deverá subir consideravelmente na quinta-feira da próxima semana quando os trabalhadores da Fábrica Mendes Godinho se tentarem opor à venda das acções em poder do Banco Espírito Santo.

A Comissão de Trabalhadores, que ontem reuniu em conferência de Imprensa com jornalistas, afirma não entender como foi possível Tavares Moreira, na altura secretário de Estado do Tesouro, autorizar o Banco Espírito Santo a alienar as acções em causa, uma vez que o poder judicial ainda não se pronunciou em definitivo sobre a titularidade dessas acções.

Processo «confuso», iniciado em 75, com a nacionalização da banca privada e por arrastamento da firma Manuel Mendes Godinho e Filhos, tem vindo a arrastar-se pelos corredores dos poderes executivo e judicial sem que se vislumbre, até este momento, qualquer solução.

O que é certo, diz a Comissão de Trabalhadores, é que o Tribunal da Relação de Coimbra se pronunciou de modo a considerar o Banco Espírito Santo apenas depositário das acções.

Referindo o impacto regional das Fábricas Mendes Godinho, os trabalhadores acusam os gestores nomeados pelo BESCL de «incapacidade» referindo para além de investimentos que consideram errados o facto de o grupo ter neste momento prejuízos acumulados na ordem dos 750 000 contos.

Os trabalhadores queixam-se igualmente de não serem ouvidos pelos gestores (não foi, por exemplo, apresentada qualquer contraproposta à proposta de acordo de empresa para este ano), para além de os efectivos em pessoal estarem a ser drasticamente reduzidos para «tornar a compra das acções eventualmente mais interessante».

A partir de Julho de 1982, a Comissão de Trabalhadores começou a alertar a tutela para a situação que já se vivia na empresa, nomeadamente o esbanjamento de recursos e a gestão ruinosa, mas sempre encontrou o mais completo alheamento por parte de todos os governos.

No que respeita ao impacto regional, e concretamente à zona de Tomar, a empresa adquire matéria-prima para o fabrico de platex a pequenos proprietários de pinhais na ordem dos 200 000 contos anuais, paga em salários, ordenados e restantes despesas com pessoal cerca de 450 000 contos e produz um valor acrescentado bruto que ronda os 1,5 milhões de contos.

Estando a fábrica de fiação de Tomar em situação difícil, com salários em atraso há 9 meses, não se vislumbrando qualquer saída, e podendo a venda das acções da Mendes Godinho vir a determinar o encerramento de algumas das suas actividades, nomeadamente no sector das cerâmicas, os trabalhadores estão preocupados para já com a manutenção dos seus postos de trabalho e em segundo lugar com o futuro do tecido laboral do concelho.

Para além da sua presença na Bolsa de Valores de Lisboa no próximo dia 26, os trabalhadores da Mendes Godinho vão realizar uma concentração em Tomar no dia 24, através da qual apelarão a todos os sectores do concelho para que se associem na defesa da manutenção da empresa, único pólo industrial gerador de emprego no momento actual.

Lucro do Banco Burnay foi de 87 mil

O Banco Fonsecas & Burnay registou no último ano 87 105 contos de lucros, o equivalente a 0,05 por cento do crédito concedido, revelou ontem a instituição.

Em 1985, o crédito bruto concedido pelo banco ascendeu a 158,5 milhões de contos, enquanto os depósitos totalizaram 234 milhões de contos.

Do total dos depósitos, 173,697 milhões de contos eram a prazo, 54,5 milhões à ordem, 5,5 milhões de poupança e 332 949 contos com pré-aviso.

No último ano, o banco gastou cerca de cinco milhões de contos com pessoal.

Greve dos maquinistas da CP nos dias 23, 27 e 30 de Junho

Os maquinistas da CP vão entrar em greve nos dias 23, 24 e 30 de Junho como forma de protesto contra o despedimento de sete colegas envolvidos em acidentes ferroviários — informou ontem fonte sindical.

A greve será cumprida das 8 às 20 horas nos dias 23 e 30 e das 12 às 24 no dia 27 e visa pressionar o Conselho de Gerência da CP a readmitir os maquinistas envolvidos em acidentes nos últimos dois anos.

A paralisação — observou a mesma fonte — tem ainda em vista denunciar a «pressão contínua» exercida pelo Conselho de Gerência sobre os maquinistas e que «afecta negativamente» aqueles profissionais.

De acordo com o Sindicato, os gestores da CP, quando se referem aos acidentes, lançam o «odioso da questão para as costas dos maquinistas», sem tomarem em linha de conta as «insuficiências técnicas nos sistemas de circulação» dos comboios em Portugal.

Futebol: Federação desmente Gaspar Ramos selecionador

Entre outros nomes que têm vindo a ser apontados como eventuais substitutos de José Torres, no cargo de seleccionador nacional de futebol, surgiu, hoje a notícia (dada pelo nosso colega «A Bola») de que Gaspar Ramos (antigo responsável pelo Departamento de Futebol do Benfica) seria bem mais do que uma «hipótese académica» para vir a ser convidado para o exercício do cargo.
Em contacto que esta manhã estabelecemos com César Grácio (secretário-geral da FPF) e colocada a questão aquele alto funcionário federativo, disse-nos: tal notícia não tem o mínimo fundamento já que o nome de Gaspar Ramos nunca foi citado como possível futuro seleccionar. **Obviamente que procurámos conhecer os nomes que terão vindo a ser referidos, mas César Grácio disse nada poder adiantar sobre o assunto.**

Na impossibilidade de encontrar Gaspar Ramos, procurámos saber junto de pessoa próxima daquele antigo dirigente (José Gomes Machado) que nos assegurou haver efectivamente muito empenhamento por parte de vários futebolistas no sentido da Federação entregar o cargo àquele seu antigo companheiro do executivo benfiquista, mas que por parte do organismo federativo não teria ainda havido qualquer contacto. Foi isto que apurámos, mas estamos certos de que a decisão não tardará a ser tomada.

Silva Resende almoça com presidentes dos «infantes»

Está marcado para amanhã, num hotel da capital, um almoço promovido pelo dr. Silva Resende, presidente da FPF, e que terá como convidados os líderes do executivo do Sporting (João Rocha), FC Porto (Pinto da Costa), Benfica (Fernando Martins), Boavista (Valentim Loureiro), Belenenses (Mário Rosa Freire) e Académica (Jorge Anjinho), que, como se sabe, representam os clubes que «forneceram» os vinte e dois «infantes». Provavelmente o encontro, entre o primeiro dirigente federativo e os presidentes clubistas, servirá para aquele informar os seus convidados da matéria que irá constar do relatório sobre os acontecimentos ocorridos em Saltillo.

Benfica: Mortimore deu «instruções»

Ainda que Mortimore se encontre de férias em Inglaterra, ele teria deixado o seu «parecer» quanto a aquisições e cedências de jogadores e, ao contrário do que tem vindo a ser anunciado, o técnico benfiquista teria recomendado que não deveriam ser cedidos qualquer dos guarda-redes (Bento, Delgado ou Neno). No que se refere a aquisições estão na agenda benfiquista além de Dito — que ontem teria estado em Vigo quando se previa que fosse ao Altis assinar o contrato — o setubalense Edmundo, o algarvio (Portimonense) Augusto, dizendo-se ainda que o brasileiro Alemão continua a ser hipótese para juntar a Chiquinho (única aquisição já confirmada).

Quanto ao dinamarquês Manniche — que teria mostrado interesse em abandonar o profissionalismo — aguarda-se a sua chegada de férias para recomeço das negociações.

Belenenses: dispensas

O Belenenses parece apostado em proceder a vasta reformulação do seu plantel, ainda que apenas se conheça o nome dos dispensados que se confirma serem Norton de Matos, Amaral, Paulo Antunes, Kostov, Canito, Sambinha e provavelmente Joel, que terá recusado uma proposta para continuar no clube. No que se refere a aquisições apenas é dada como certa a do zairense Mapuata.

Vitória de Setúbal em Espanha e Marrocos

O Vitória de Setúbal foi convidado para disputar vários torneios de futebol durante o próximo mês de Agosto, revelou o secretário permanente do clube sadino, Tavares da Silva.

Assim, de 15 a 17 de Agosto o Vitória participa no «Troféu Cidade de Melilla», em Marrocos, prova que já venceu em 1982. De 19 a 21 disputa o torneio «Cidade de Granada», em Espanha e em 23 de Agosto defronta o clube espanhol Cordova, na cidade do mesmo nome.

Segundo Tavares da Silva o prestígio além-fronteiras do Vitória de Setúbal mantém-se intacto, apesar da sua descida à segunda divisão.

Calendário muda

A FPF de acordo com os clubes interessados (exceptuando naturalmente o União de Santiago que discorda da marcação do Estádio do Fontelo para realização da final da 3.ª divisão) procedeu às seguintes alterações do calendário futebolístico para esta semana:

Hoje: Juniores — Vasco da Gama-Marítimo, jogo em atraso, da 1.ª jornada, no Campo Municipal (Agua de Pau/Lagas: Ponta Delgada), às 17 horas.

Sábado: Torneio complementar da II divisão: Série E — Leixões-Felgueiras no Campo Moreira Marques (S. Mamede de Infesta), às 17 horas; Série B — Lourosa-Feirense, no Parque de Jogos (Lourosa), às 21.30 horas.

Domingo: Final do «Nacional» da III divisão: Bragança-U. Santiago, no estádio do Fontelo (Viseu), às 16 horas.

Juniores: Sporting-Vasco da Gama, jogo em atraso, da 2.ª jornada, no Estádio José Alvalade (Lisboa), às 9.30 horas.

Juvenis: Sporting-FC Porto, às 11.30 horas no Estádio Alvalade.

Stessl triunfa na Áustria

O nosso conhecido Hermann Stessl, que treinou as equipas do FC Porto e do Vitória de Guimarães, encontra-se a orientar a turma do Áustria de Viena e curiosamente acaba de conquistar o título de campeão nacional e vencer a Taça da Áustria.

Futebol de Salão no Pavilhão «Carlos Lopes»

Em colaboração com a Câmara Municipal de Lisboa, e integrado no programa das festas da cidade realiza-se um festival de futebol de salão, nos próximos dias 21 e 22 do corrente no Pavilhão dos Desportos (Carlos Lopes), participando praticantes juvenis somente, com idades compreendidas entre os 8 e os 14 anos, sectores masculino e feminino.

Os encontros disputar-se-ão da parte da manhã, das 10.00 às 13.00 horas e os jogos entre praticantes femininos das 15.00 às 17.00 horas.

Modalidades

Canoagem: Portugal no 7.º lugar nas regatas de Nottingham

A dupla portuguesa António Brinco/João Fernandes venceu a prova de 6 000 metros em K2 das regatas internacionais de Nottingham, tendo a representação portuguesa averbado o 7.º lugar, à frente das equipas da Noruega, Irlanda e Israel.

A Grã-Bretanha triunfou, seguida dos Estados Unidos, Canadá, Hungria, Austrália e RFA. A Grã-Bretanha dominou nas provas de K1, os canadianos venceram a competição de juniores, a Hungria triunfou nas regatas de canoas C1 e C2, enquanto a RFA dominou nas provas femininas.

Na prova de 10 000 metros, José Garcia (K1) foi quinto, enquanto os pares Eduardo Gomes/Jorge Gomes e José Manuel/José Braga se classificaram, respectivamente, em quinto e oitavo lugares (K2).

Português presente em Regata Oceânica

Um iate português, o 'Marujo', pilotado por Lúcio João, encontra-se entre os doze concorrentes que disputam a regata oceânica Nantes - Açores - Lisboa, organizada pela Escola Superior de Comércio de Nantes.

A primeira chegada está prevista para ter lugar no porto da Horta, na ilha do Faial, onde os primeiros concorrentes deverão começar a chegar a partir de 26 de Junho. A segunda parte da prova decorrerá entre os Açores e Lisboa devendo o vencedor da regata oceânica chegar no dia 6 de Julho, frente à Torre de Belém.

Natação: Taça «Cidade de Almada»

Integrado no calendário da Associação de Natação de Lisboa, vai ter lugar no próximo domingo (dia 21) a disputa da Taça «Cidade de Almada» na piscina da SFUAP (Cova da Piedade).

Cruzeiro do Tejo vem aí

De Alhandra a Salvaterra com a vela por companheira

Vem aí o Cruzeiro do Tejo: sábado e domingo, entre Alhandra e Salvaterra de Magos, e vice-versa, velejadores e amigos, campistas e desportistas, unidos, subirão o Tejo arriba (no primeiro dia), descendo depois o rio (e o braço que liga Salvaterra e ao Carregado) no dia seguinte. Duas corridas numa prova, estabelecendo-se a classificação final desta prova de vela somando os tempos das duas.

E mais uma organização da secção de vela do Alhandra Sporting Club com o apoio do Governador Civil de Lisboa, Direcção-Geral do Turismo, Direcção-Geral dos Desportos, Associação dos Amigos do Tejo, Câmaras Municipais de Vila Franca de Xira e de Salvaterra de Magos e as Juntas de Freguesia desta última vila e da de Alhandra.

O Cruzeiro do Tejo, que decorrerá, no Tejo, no próximo fim-de-semana, vai na sua XVII edição e, pela primeira vez, atribuirá o troféu «Sagres» que, obviamente, patrocina a prova.

A prova é aberta a todas as classes de barcos à vela e, também, a canoas e remos. As inscrições — diz a organização — devem ser feitas até hoje. Mas a gente sabe como costuma ser: à última hora é sempre possível uma vaga. Não deixe, contudo, para amanhã o que pode fazer hoje... na sede do Alhandra!

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Serviços Regional, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP-Electricidade de Portugal-E.P., Centro de Distribuição Vale do Tejo, a que se refere o processo n.º 1/877, arquivo 756, para o estabelecimento na freguesia de Sacavém, concelho de Loures, de uma linha mista a 10 KV com 220 metros, entre o P.T.S. n.º 589, sito na Quinta do Património, e, o P.S. n.º 125, anexo ao P.T. n.º 258-P, de Batista & Irmãos, sito na Quinta do Carmo, em Sacavém.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 5 de Junho de 1986

Pelo Engenheiro Director de Serviços,
Joaquim Gonçalves dos Santos

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

ANÚNCIO

Pela 2.ª Secção do 4.º Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa, se FAZ SABER que por esta secção correm seus termos uns autos de execução por quantia certa com processo sumário, registados sob o n.º 26/86 em que é exequente ANTÓNIO GALANTE GONÇALVES, residente no Bairro do Fundo do Fomento, Bloco 32 — 1.º Dt.º — Barreiro, e executada TRANSGRUA — REPRESENTAÇÕES E ALUGUER DE GRUAS LDA., com sede na Av. Ressano Garcia, 39-7.º em Lisboa, e neles correm éditos de VINTE DIAS citando os credores desconhecidos para, no prazo de DEZ DIAS, findo o dos éditos a contar da segunda e última publicação do respectivo anúnico, deduzirem os seus direitos, nos termos dos artigos 864.º e seguintes do Código de Processo Civil.
Lisboa, 12 de Junho de 1986

O Juiz de Direito
Ilegível
O Escrivão de Direito
Ilegível
DL — 19/6/86 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

ANÚNCIO

Pela 2.ª Secção do 4.º Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa, se FAZ SABER que por esta secção correm seus termos uns autos de execução de sentença com processo ordinário, registados sob o n.º 58/85 em que é exequente JOAQUIM SILVA BAPTISTA, residente na Rua da Ermida n.º 30 — Malveira Oeste — Mafra e executada ENOMECÂMICA — MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS INDUSTRIAIS, SARL, com estabelecimento em Malveira Oeste — Mafra, e neles correm éditos de 20 DIAS, citando os credores desconhecidos para, no prazo de DEZ DIAS, findo o dos éditos a contar da segunda e última publicação do respectivo anúnico, deduzirem os seus direitos, nos termos dos artigos 864.º e seguintes do Código de Processo Civil.
Lisboa, 12 de Junho de 1986

O Juiz de Direito
Ilegível
O Escrivão Adjunto
Ilegível
DL — 19/6/86 — 1.ª Pub.

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS
DA
CÂMARA MUNICIPAL DO BARREIRO

ANÚNCIO

PAGAMENTO DA TARIFA DE CONSERVAÇÃO DEFINIDA NO RGAR – REGULAMENTO GERAL DE ÁGUAS RESIDUAIS, RELATIVA A 1986.

1. – Até ao final do mês de Agosto de 1986, OS SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DA CÂMARA MUNICIPAL DO BARREIRO, vão proceder à liquidação e cobrança da Tarifa de Conservação de Saneamento.
2. – O LOCAL DA COBRANÇA é na sede dos SERVIÇOS, na RUA JOSÉ MAGRO, n.º 2-A R/C-2830 BARREIRO.
3. – Os munícipes (PROPRIETÁRIOS OU USUFRUTUÁRIOS DOS PRÉDIOS) sujeitos ao pagamento da referida Tarifa, serão informados por meio de AVISO sobre os prazos e importâncias consideradas para efeitos de liquidação.

Barreiro, 13 de Junho de 1986

O PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
Júlio Guilherme Lopes Freire

Quimigal: assembleia

O Grupo Desportivo da Quimigal reúne-se, no próximo dia 27, a partir das 20 e 30, em assembleia geral extraordinária, a qual decorrerá no Pavilhão dos Trabalhadores, com a seguinte ordem de trabalhos:

1: Apreciação, discussão e votação de uma proposta da direcção visando a alteração dos actuais valores das quotas e de outras contribuições;

2: Proposta de eliminação de sócios.

Os associados são avisados de que devem ser portadores dos respectivos cartões de sócios e que, chegando à hora marcada, se não estiverem presentes os sócios necessários, segundo os estatutos, a assembleia iniciar-se-á uma hora depois com qualquer número de presenças.

Sporting-Metropolitano: final da polémica

Assinado nos Paços do Concelho protocolo de "bom entendimento"

Os «leões», tal como os águias» já podem beneficiar de metropolitano dentro de dois anos, com o desbloqueio das obras em curso na estação de Entrecampos-Lumiar, Alvalade.

Um protocolo a assinar entre a Câmara Municipal de Lisboa e o Sporting Clube de Portugal põe assim fim à polémica sobre os «terrenos do Sporting» que se arrastava desde 1983.

O Sporting Clube de Portugal vai poder construir a cidade desportiva com a alinenação de 41 mil metros quadrados e será indemnizado pelo Metropolitano de Lisboa pelos prejuízos causados pela necessária demolição de um pavilhão para permitir a passagem do metro.

Assim, a linha de transporte subterrâneo que passará pela Cidade Universitária e Lumiar, permite também escoar o tráfego populacional da zona do Estádio José Alvalade.

Também o Estádio do Benfica beneficiará do metropolitano a curto prazo, um pouco mais cedo do que o estádio José Alvalade, com a concretização da estação da Luz. Esta estação integra-se na via Sete Rios-Laranjeiras, facilitando o acesso ao futuro centro administrativo, estádio da Luz e a toda a população da zona de Carnide, Benfica, Calhariz, Pontinha e Venda Nova.

Depopis das ampliações previstas, em curso, a rede do metropolitano passará a ter uma extensão de 20 quilómetros contra os actuais 12 quilómetros.

Microscópio

Vilela vai correr a ultra-maratona

O atleta português José Vilela, do Estrela da Amadora, vai participar na prova de 100 quilómetros da ultramaratona, que se realiza sexta-feira na Bélgica.

José Vilela, 30 anos, que se define como «um atleta a tempo inteiro, graças ao apoio do seu clube», julga ser o único atleta português naquela prova, à semelhança do que aconteceu o ano passado, na sua primeira actuação.

A ultramaratona, que se realiza em diversos países europeus, ainda não chegou a Portugal porque, como disse o atleta, «somos o único país da Europa em que não se realizam provas do género para a Taça da Europa».

A primeira prova de ultramaratona desta época realizou-se na Alemanha-Federal, em Abril, onde Vilela se classificou em 13.º lugar, com o total de 20 pontos.

Desportos em seminário

O alemão-federal Peter Tschiene (professor de Teoria e Metodologia de Treino), e o italiano Marcelo Faina, invstigadort de Fisiologia, em Roma) serão duas das principais figuras do segundo seminário Internacional de Desportos Colectivos, que será organizado pelo Conselho Técnico do FC Porto. O seminário terá lugar em Espinho, entre os próximos dias 20 e 22

e contará com outros prelectores convidados, como os italianos Renato Manno (responsável do Centro de Documentação do Comité Olímpico Italiano) e Roberto Poli (professor do Instituto de Ciências do Desporto), do prestigioso dirigente português Acácio Rosa, do holandês Jan Kloen (membro da Federação Internacional do Desporto Escolar) e do alemão-federal Gerhard Shchmidt (professor do Instituto Superior de Desportos Colectivos de Colónia).

Esta acção que, uma vez mais, volta a ter no professor Jorge Araújo o principal responsável, será beneficiada pelo apoio especializado de tradução simultânea.

"Leões" vencem prólogo do "Grande Prémio JN"

O Sporting venceu o prólogo do Grande Prémio «Jornal de Notícias» de ciclismo e o seu ciclista Fernando Fernandes é o primeiro camisola amarela da prova iniciada em Aveiro. O Sporting cobriu os sete quilómetros do contra-relógio por equipas disputado no mini-circuito urbano de Aveiro em oito minutos e 37 segundos à média de 48,743 quilómetros por hora.

O Lousa gastou mais dois segundos no prólogo e está na segunda posição.

Classificação do prólogo:

1.º Fernando Fernandes, Sporting, 8.37; 2.º José Xavier, Sporting, mt; 3.º Paulo Ferreira, Sporting, mt; 4.º Eduardo Correia, Sporting, mt; 5.º Joaquim Gomes, Sporting, mt; 6.º Serafim Vieira, Sporting, mt; 7.º António Fernandes, Sporting, mt; 8.º Jacinto Paulinho, Sporting, mt; 9.º Manuel Correia, Sporting, 8.39 e 10.º Carlos Santos, Lousa, mt.

Participam no Grande Prémio «JN» nove equipas, todas portuguesas.

«COOPAC-COOPERATIVA DE SERVIÇOS DOS PILOTOS DA AVIAÇÃO CIVIL, COOPERATIVA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA»

NOTARIADO PORTUGUÊS

SÉTIMO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA
A CARGO DA NOTÁRIA LIC. OLÍVIA PINTO CAPELO RAMOS

CERTIFICO

PARA EFEITO DE PUBLICAÇÃO:

Que, por escritura de sete de Janeiro de mil novecentos e oitenta e seis, lavrada de folhas setenta e sete a folhas setenta e nove, do Livro Noventa e Três-D, das notas deste Cartório, foi constituída uma cooperativa sob a denominação de «COOPAC-COOPERATIVA DE SERVIÇOS DOS PILOTOS DA AVIAÇÃO CIVIL, COOPERATIVA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA», a qual já foi inscrita provisoriamente por natureza e por dúvidas, sob o número trezentos e sessenta e cinco, a folhas três verso do Livro J-Três da Conservatória do Registo Comercial de Lisboa (Primeira Secção) em três de Março de mil novecentos e oitenta e seis, conforme verifiquei por uma fotocópia com o valor de certidão, do acto da constituição da referida cooperativa, fotocópia que me foi exibida e que restitui.

A cooperativa ficou com a sua sede na Rua Frei Tomé de Jesus, número oito, freguesia de Alvalade em Lisboa; pertence ao ramo de prestação de Serviços do sector cooperativo e tem como objectivo a prestação de serviços com ou sem remuneração, nas seguintes áreas de actividade:

Alínea a) Assistência técnica relativa ao exercício da profissão de piloto da aviação civil em Portugal, designadamente para aperfeiçoamento e instrução desta profissão ou similares;

Alínea b) quaisquer outras, designadamente transportes, aluguer de máquinas e equipamentos, distribuição, comunicações, exploração de estabelecimentos turísticos, hoteleiros e similares e solidariedade social.

A cooperativa é de produtores de serviços.

Que, os seus fundadores estão identificados na fotocópia anexa que com esta se compõe de quatro folhas e vai conforme ao original a que me reporto.

Lisboa, trinta e um de Março de mil novecentos e oitenta e seis.

A Ajudante
(Natália de Sá Martins Braz)

PRIMEIRO

ARTUR CARLOS AIRES DE MAGALHAES E SILVA, separado judicialmente, natural da feguesia de Abraças, concelho de Vila Real e residente habitualmente na Avenida de Roma, n.º 68-6.º, esquerdo A, em Lisboa, portador do Bilhete de Identidade número 3390477 emitido em 30/9/985, pelo Arquivo de Lisboa.

SEGUNDO

ANTÓNIO MANUEL FERREIRA DOS SANTOS, casado, natural da freguesia do Cartaxo, concelho do mesmo nome, residente habitualmente na Praceta António Ferreira, Bloco 2, lote A, 9.º, direito, em Carnaxide — Oeiras, portador do Bilhete de Identidade número 0360187, emitido em 23/10/984, pelo Arquivo de Lisboa.

TERCEIRO

JOSÉ MANUEL MORBEY FERRO RAMOS PEREIRA, casado, natural da freguesia de Nossa Senhora da Luz, Mindelo — República Popular Cabo Verde, residente habitualmente na urbanização da Portela lote 162, 11.º, esquerdo, em Sacavém — Loures, portador do Bilhete de Identidade número 1210895, emitido em 1/6/976, pelo Arquivo de Lisboa, de nacionalidade portuguesa.

QUARTO

JOSÉ CRISTÓVÃO SCHWAB CAPELA, casado, natural da República do Malawi, de nacionalidade portuguesa, e residente habitualmente na Calçada da Palma de Baixo, n.º6, 5.º-A, em Lisboa, portador do Bilhete de Identidade número 2027998, emitido em 20/12/982 pelo Arquivo de Lisboa.

QUINTO

JOSÉ MANUEL MATOS DE OLIVEIRA BASTOS, casado, natural da freguesia de Santo Ildefonso, concelho do Porto, residente habitualmente na Calçada da Quintinha, n.º 73, 2.º-B, em Lisboa, portador do Bilhete de Identidade número 876078, emitido em 22/11/84 pelo Arquivo de Lisboa.

SEXTO

ANTÓNIO CARLOS BORGES FERREIRA, casado, natural da freguesia da Papizios, concelho de Carregal do Sal, residente habitualmente na Rua Sacadura Cabral, lote 24,8-direito, Quinta da Galiza São João do Estoril, Cascais, portador do Bilhete de Identidade número 3058363, emitido em 4/12/981, pelo Arquivo de Lisboa.

SÉTIMO

ANTÓNIO JOSÉ FERNANDES PONTES, casado, natural da freguesia de Penha de França, concelho de Lisboa, residente habitualmente na Praceta Faustino Fonseca, n.º5-A-Queijas — Linda-a-Velha — Carnaxide-Oeiras, portador do Bilhete de Identidade número — 1319861, emitido em 29/7/983, pelo Arquivo de Lisboa.

OITAVO

FERNANDO MANUEL VELOSO DA VEIGA RAMOS MOURÃO PINTO LEITE, divorciado, natural de Angola, de nacionalidade portuguesa, residente habitualmente na Rua República do Paraguai, n.º 16, 6.º, esq.º em Lisboa, portador do Bilhete de Identidade número 7173265, emitido em 19/11/985, pelo Arquivo de Lisboa.

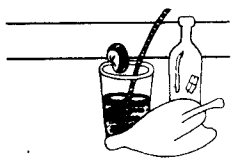
NONO

ANTÓNIO LUÍS LIMA REBELO CARVALHEIRA, casado, natural da freguesia de Nine, concelho de Vila Nova de Famalicão, residente habitualmente na Rua dos Soeiros, n.º 315, 1.º, direito, em Lisboa, portador do Bilhete de Identidade número 5796387, emitido em 20/7/982, pelo Arquivo de Lisboa.

DÉCIMO

JOSÉ ALBERTO LOPES CORREIA GUEDES, casado, natural da freguesia de Cedofeita, concelho do Porto, residente habitualmente na Rua D. Maria II, n.º 5, no Linhó — Sintra, portador do Bilhete de Identidade número 1928274, emitido em 16/5/984, pelo Arquivo de Lisboa.

«DL» — 19/6/86



NÃO tome banho

sem ter feito

a digestão

JUNTA DE FREGUESIA DE SANTA IRIA DE AZÓIA

MOÇÃO

O ano de 1986 foi proclamado pela Organização das Nações Unidas o Ano Internacional da Paz.

No nosso país foi constituída a Comissão Portuguesa Para o Ano Internacional da Paz a que a Junta de Freguesia aderiu por unanimidade do executivo em reunião do dia 15 de Junho de 1986.

Pelo que esta autarquia se compromete a:

1) — Realizar todas as acções ao seu alcance de maneira a contribuir para a defesa da Paz, factor essencial para a construção duma sociedade mais justa e felicidade de toda a Humanidade.
2) — Participar e divulgar a Marcha da Paz, realização aprovada na Assembleia Portuguesa da Paz.

Santa Iria de Azóia, 15 de Junho de 1986

1886 • 1986
CENTENÁRIO DO MUNICÍPIO

CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES

MOÇÃO

APELO À PARTICIPAÇÃO NA MARCHA DA PAZ — DIA 21

O ano de 1986 foi proclamado pela Organização das Nações Unidas o ANO INTERNACIONAL DA PAZ.

No nosso País foi constituída a Comissão Portuguesa para o Ano Internacional da Paz, a que o Município de Loures aderiu por deliberação da Câmara e Assembleia Municipal, que realizou em Abril uma Assembleia da Paz, na qual se deliberou promover durante o ano várias iniciativas de carácter popular com vista à sensibilização da opinião pública para a defesa do bem essencial à vida, e cada vez mais ameaçado, que é a PAZ.

Por isso, os participantes no debate público sobre Descentralização e Legislação, promovido pela Câmara Municipal de Loures, e realizado em 31 de Maio de 1986, no Cinema dos Bombeiros Voluntários de Loures, membros eleitos dos órgãos autárquicos, de comissões ou associações de moradores, associações de bombeiros, colectividades e de outras estruturas de carácter popular e social do Concelho, decidem:

1. Desenvolver todas as acções ao seu alcance de forma a contribuir para a defesa da PAZ, bem inestimável e factor essencial para a construção da felicidade da humanidade, tema incluído, aliás, nas Comemorações do Centenário do nosso Concelho.
2. Participar e contribuir para a divulgação da Marcha da Paz, realização aprovada na Assembleia Portuguesa da Paz, e que terá lugar no próximo dia 21 de Junho, pelas 15 horas, do Saldanha para o Rossio, em Lisboa.

ESTA MOÇÃO FOI PRESENTE À REUNIÃO DE CÂMARA DE 3.JUNHO E APROVADA P/MAIORIA

Serviço de Informação e Relações Públicas (tel. 983 00 12)

Quatro golos na baliza dos "vikings"

Butragueño: 'a star is born'

Incrível se não tivesse sido verdadeiro e constatado por milhões de telespectadores: a Espanha (a grande decepção do «mundial» de 82) tornou-se sensação do México, ao qualificar-se para os quartos-de-final afastando a toda-poderosa Dinamarca por uma «goleada» de 5-1. A equipa de Miguel Muñoz voltou a ser o «carrasco» da Dinamarca, depois de também ter eliminado os «vikings» nas meias-finais do «europeu» de França, realizado há dois anos.

Com a sua melhor actuação dos últimos anos concretizada no Estádio «Corregidora» (em Queretaro) a Espanha confirmou o ditado popular de «santos de casa não fazem milagres», quando (em 1982) nos estádios do seu país deu a pior imagem do seu futebol.

O madrileno Emílio Butragueño (22 anos) conhecido pelo «abutre», foi a grande figura do encontro, estabelecendo neste «mundial» o recorde de quatro golos numa só partida, para além de ter sido o principal responsável pelo «penalty» apontado por Goicoechea. Com estes quatro golos, proeza que iguala Eusébio (no «mundial» de 66), o avançado do Real Madrid passou para o comando da lista dos melhores marcadores, juntamente com o inglês Gary Lineker que, no outro encontro, marcou dois dos três golos com que a Inglaterra venceu o Paraguai (3-0). A jornada de ontem (último dia dos oitavos-de-final) pode ser considerada o «dia dos goleadores», particularmente para Lineker e Emílio Butragueño, comandantes ainda presentes na prova.

Tanto para Lineker como para Butragueño, o único óbice para a conquista do título dos goleadores neste «mundial» só pode surgir do brasileiro Careca, que conta com quatro golos no activo e também com a sua equipa nos quartos-de-final. Todos os restantes três goleadores que assinaram a obtenção de quatro tentos nos jogos que efectuaram estão fora de prova por as suas turmas terem já antecipado o regresso a casa: Elkjaer (Dinamarca), Altobelli (Itália) e Belanov (URSS).

A Dinamarca, que até agora foi considerada a equipa que melhor futebol praticou no «mundial», despediu-se ante a Espanha com uma exibição que os adeptos nórdicos dificilmente esquecerão. A Espanha, apesar de estar numa situação de desvantagem após o golo de Jesper Olsen (aos 32 minutos, de grande penalidade) empatou por Butragueño (aos 43 minutos) e na 2.ª parte a entrada de Eloy deu uma reviravolta aos acontecimentos.

Com um futebol de contra-ataque, incisivo e contundente, a Espanha desgastou a turma de Sepp Piontek, que nunca conseguiu travar Butragueño, que esteve num dia de grande inspiração. Uma grande penalidade sobre Butragueño (convertida por Goicoechea) apressou a vitória da Espanha, que ainda ampliou e dilatou a vantagem, sempre através do «show» do jovem goleador madrileno que a dois minutos do fim, fechou a contagem com a conversão de um «penalty».

A Espanha vai agora defrontar a Bélgica (domingo, em Puebla) para os quartos-de-final, enquanto a Inglaterra joga com a Argentina na Cidade do México.

O triunfo da Inglaterra sobre o Paraguai confirmou as ambições da equipa de Bobby Robson no mundial, numa partida que foi caracterizada pela boa manobra colectiva de todo o conjunto inglês. Garry Lineker, que já fizera três golos perante a Polónia, bisou e foi a grande figura do encontro, abrindo e fechando a contagem, passando para o comando da lista dos melhores marcadores com cinco golos, juntamente com o espanhol Butragueño.

O «mundial» vai conhecer agora dois dias de folga, voltando ao convívio dos adeptos no sábado, com a realização dos dois primeiros encontros dos quartos-de-final: Brasil-França (em Guadalajara) e RFA-México (em Monterrey).

Atiradores ao golo

O inglês Garry Lineker e o espanhol Emilio Butragueño passaram para o comando da lista dos melhores marcadores do «Mundial», somando cada um cinco golos. O avançado do Everton, que fizera um «hat-trick» perante a Polónia, juntou a esses três golos mais dois tentos, abrindo e fechando a contagem na vitória da Inglaterra sobre o Paraguai (3-0). Lineker passou a ser também o melhor goleador inglês na história do «Mundial», batendo os quatro tentos já obtidos por três jogadores do «Mundial» de 1966: Bobby Charlton, Geoff Hust e Roger Hunt. O espanhol Emilio Butragueño cometeu a proeza de marcar quatro golos num só jogo, igualando o feito Eusébio que, no «Mundial» de 1966, apontou quatro tentos na baliza da Coreia do Norte. A Espanha venceu a Dinamarca, por 5-1 e o autor do outro golo foi o defesa Andoni Goicoecheia, através de uma grande penalidade.

Com quatro golos figuram agora o dinamarquês Elkaer-Larsen, o italiano Alessandro Altobelli, o soviético Igor Belanov e o brasileiro Careca.

Com três tentos está Jorge Valdano (Argentina). Com dois golos: Julio Romero (Paraguai), Klaus Allofs (Alemanha Federal), Ivan Yaremchuk (União Soviética), Fernando Quirarte (México), Roberto Cabanas (Paraguai), Abderrazak Khairi, (Marrocos), Ramon Caldere (Espanha), Jesper Olsen (Dinamarca), Enzo Scifo (Bélgica), Nico Claesen (Bélgica), Sócrates (Brasil), Josimar (Brasil) e Stopyra (França).

Mais respeitinho

O espanhol Andoni Goicoechea não poderá defrontar (domingo) a Bélgica nos quartos de final do «mundial» por ter sido punido com o segundo cartão amarelo. Goicoechea foi admoestado aos 27 minutos; mas, aos 69 minutos, marcou o 3.º golo da Espanha.

A última jornada dos oitavos de final «rendeu» seis cartões amarelos repartidos igualmente pelos dois jogos. Martin e Hodge foram os jogadores ingleses admoestados e Nuñez foi o paraguaio também punido com o amarelo. Na partida entre a Dinamarca e a Espanha, Goicoechea e Miguel Gonzalez foram castigados com o amarelo, assim como o dinamarquês Henrik Andersen.

A lista completa e oficial dos cartões vermelhos é a seguinte: Ray Wilkins (Inglaterra), Mike Sweeney (Canadá), Basil Hanna (Iraque), Miguel Bossio (Paraguai), Frank Arnesen (Dinamarca) e José Batista (Uruguai).

Chegou a pausa

O dia de hoje é o segundo de descanso deste «mundial» de futebol.

O que vem aí

Brasil, França, Alemanha Federal, México, Argentina, Inglaterra, Espanha e Bélgica disputam no próximo fim-de-semana os quartos de final. Sabe-se já que a Itália, afastada nesta fase da prova pela França (que a venceu por 2-0) não revalidará o título de campeã que há quatro anos conquistou em Espanha. Podem ainda ser campeãs do Mundo cinco equipas europeias e três latino-americanas. Calendário dos jogos dos quartos de final.

- Sábado, dia 21: Brasil-França (Estádio Jalisco, Guadalajara) e Alemanha Federal-México (Estádio Universitário, em Monterrey).
- Domingo, dia 22: Argentina-Inglaterra (Estádio Azteca, Cidade do México) e Espanha-Bélgica (Estádio Cuauhthemoc, Puebla).

Queretaro: o fabuloso Butragueñõ escapa-se ao dinamarquês Morten Olsen. Pernas: para que vos quero?

Garry Lineker: lá vai disto. Era o princípio do fim do Paraguai, com o guarda-redes Fernandez pelo solo

Tentos históricos

Gary Lineker obteve o golo 1300 de campeonatos mundiais de futebol, ao marcar o 3.º tento da vitória da sua equipa sobre o Paraguai. Lista de alguns dos golos da história dos «mundiais» de futebol:

- Golo 1: McGhee (Estados Unidos), a 13 de Julho de 1930, aos 10 minutos do jogo EUA-Bélgica (3-0), em Montevideu; golo 100: Jonasson (Suécia), 1934; golo 200: Wetterstroem (Suécia), 1938; golo 300: Chico (Brasil), 1950; golo 400: Lefter (Turquia), 1954; golo 500: Rahn (Alemanha Federal), 1958; golo 600: Jerokovic (Jugoslávia), 1962; golo 700: Bobby Charlton (Inglaterra), 1966; golo 800: Jairzinho (Brasil), 1970; golo 900: Yazalde (Argentina), 1974; golo 1000: Rensenbrink (Holanda), a 11 de Junho de 1978, no Holanda-Escócia (2-3), em Mendoza; golo 1100: Baltatscha (URSS), 1982; golo 1111: Genghini (França), 1982; golo 1200: Papin (França), a 1 de Junho deste ano, no França-Canadá (1-0), em Leon; golo 1300: Lineker (Inglaterra), ontem, na Cidade do México.

O SERVIÇO E A QUALIDADE FAZEM A DIFERENÇA...

Lagosta Real
VIVEIROS PRÓPRIOS MARISCOS SEMPRE FRESCOS
Especialidade da casa
CALDEIRADA DE LAGOSTA À MARINHEIRA
COZINHA MINHOTA
R. PORTAS DE ST.º ANTÃO, 37 – TEL. 32 39 95

MARISQUEIRA DA BAIXA
Especialidade:
MARISCADA VARIADA
FEBRAS DE JAVALI NO CHURRASCO
RUA PORTAS DE ST.º ANTÃO, 41
TELEFONE 32 78 67

SOL Dourado
Especialidade:
ARROZ DE MARISCO
CABRITO À PADEIRO
RUA JARDIM DO REGEDOR, 19-25
TELEFONE 37 25 70

tem tem
Especialidade:
CHURRASCO NO CARVÃO
FONDUE
RUA D. ANTÃO DE ALMADA, 5-A
TELEFONE 36 59 44

Espanha ganha: 5-1

Dinamarqueses tombam em K.O. colectivo

Poucos apostavam da sua carta, mas os espanhóis destruíram totalmente a fortaleza dinamarquesa reduzindo-a a escombros. Quatro golos de Butragueño e um de Goicoechea qualificaram a Espanha para os quartos-de-final do «mundial» afastando a favorita Dinamarca, em jogo disputado no Estádio de La Corregidora (Queretaro). Sob arbitragem do holandês Jan Keizer, que mostrou o cartão amarelo a Andersen, Goicoechea, Camacho e Michel as equipas alinharam:

Espanha: Zubizarreta; Tomás, Goicoechea, Camacho e Júlio Alberto; Victor, Michel (Francisco, 84), Gallego e Caldere; Júlio Salinas (Eloy, 46) e Butragueño.

Dinamarca: Hogh; Busk, Morten Olsen, Nielsen Andersen (Eriksen, 60); Bertelsen, Laudrup, Berggreen e Lerby; Jesper Olsen (Molby, 70) e Elkjaer.

Golos: 0-1, 32 minutos: grande penalidade marcada por Jesper Olsen a castigar falta de Gallego sobre Berggreen; 1-1, 43 m: Jesper Olsen atrasou para o seu guarda-redes, mas Butragueño interceptou a bola e bateu Hogh; 2-1, 57 m: canto marcado por Victor, cabeceamento de Camacho para Butragueño, que (também de cabeça) marcou; 3-1, 69 m: grande penalidade marcada por Goicoechea a castigar falta de Busk sobre Butragueño; 4-1, 79m: passe de Michel a Butragueño, que rematou rasteiro fazendo o golo; 5-1, 88 m: grande penalidade marcada por Butragueño, a castigar falta sobre si próprio.

Cinco boas jogadas de Butragueño que deram origem a outros tantos golos derrotaram e eliminaram do «mundial» a até então imbatida Dinamarca, num jogo disputado em ritmo muito veloz.

Ao apresentar um meio-campo com um ordenador de jogo (Michel) e dois batalhadores (Caldere e Victor), bem apoiados por Camacho, a Espanha submeteu a Dinamarca a uma pressão asfixiante sobre a sua linha média. Laudrup e Lerby, jogadores que normalmente canalizam o jogo para os dianteiros Jesper Olsen e Elkjaer, não dispuseram de espaços para delinearem as suas 'mortíferas' jogadas.

Em desvantagem no marcador, os dinamarqueses cederam espaços que os espanhóis aproveitaram para penetrar na área dinamarquesa e bater Hogh, construindo a 3.ª maior «goleada» deste mundial.

A «fúria espanhola» nunca terá tido tanto efeito como o conseguido neste encontro frente à já apelidada **«Máquina de futebol»** que os dinamarqueses, apesar de tudo, revelaram ser até aos oitavos-de-final. Primeiros classificados no Grupo E (mais conhecido por «grupo da morte») e ao atingirem os oitavos-de-final sem uma única derrota, os dinamarqueses apresentaram-se frente aos espanhóis como favoritos do jogo e candidatos ao título mundial. A táctica de marcação cerrada e individual em todo o campo, concedida por Muñoz (impedindo a técnica e a velocidade temível dos adversários), liquidou por completo todas as soluções do treinador dinamarquês Sepp Piontek.

A turma «viking», que nunca havia guardado qualquer segredo sobre o seu futebol de ataque, acabou por ser traída pela sua própria ousadia e pela classe de goleador do madrileno Emilio Butragueño, a grande figura do último dia dos oitavos-de-final e possivelmente deste «Mundial». Quatro golos num só jogo de um «Mundial» (para mais perante uma equipa como a da Dinamarca) é proeza de vulto que ficará na história do jogo e na mesma página onde figura o nome de um senhor do futebol mundial: Eusébio da Silva Ferreira. Com estes quatro golos, Butragueño igualou o feito de Eusébio no «Mundial» de 1966 (em Inglaterra) no encontro frente à Coreia do Norte que Portugal venceu, por 5-3.

Futebol: é jogo de contrastes: oscila entre a alegria de Zubizarreta e o desânimo de Hogs

Táctica certa desmoraliza contrários

O técnico da selecção espanhola, Miguel Muñoz, disse que a alteração táctica operada no início da 2.ª parte foi a razão que permitiu o êxito frente à Dinamarca: **«Houve uma mudança táctica: passámos a jogar ao ataque e, depois de termos chegado à igualdade, o nosso único objectivo era a vitória»** afirmou — Muñoz.

A entrada de Eloy para o lugar de Julio Salinas possibilitou uma reviravolta nos acontecimentos e a boa actuação de Butragueño levou a Espanha à goleada: **«Como abrimos a frente de ataque é natural que as oportunidades surgissem»** acrescentou o técnico espanhol.

Sepp Piontek (o técnico alemão-federal ao serviço da selecção dinamarquesa) disse que cometeu um erro: **«Quando estavámos a ganhar por 1-0 não segurámos o resultado e continuámos a pressionar. A Dinamarca jogou o melhor que foi possível»** — adiantou ainda Piontek referindo que a mentalidade dos seus jogadores não se adapta a um **«futebol calculado: Nós jogámos com o coração e foi por isso que perdemos»** frisou Piontek, sustentando que o resultado de 5-1 não espelha a diferença entre as duas equipas: **«Os dois últimos golos foram o resultado da nossa desmoralização»** concluiu.

Esperança espanhola

O rei Juan Carlos disse que, se a selecção do seu país chegar à final do «Mundial» se deslocará ao México para a apoiar. Em entrevista concedida à emissora «Antena Três», o monarca mostrou-se entusiasmado pelo triunfo da selecção espanhola sobre a equipa nórdica: **«Não só me sinto emocionado como entusiasmado. A nossa fúria esteve hoje em campo»**, declarou.

O rei Juan Carlos disse que toda a família real assistiu ao jogo pela televisão e que cada golo espanhol foi ruidosamente festejado. Questionado sobre o golo que mais gostou, o rei disse: **«Gostei de todos mas o mais belo foi sem dúvida o segundo, o que Butragueño marcou de cabeça».**

Depois do jogo, o monarca espanhol endereçou ao seleccionador Miguel Muñoz um telegrama de felicitações extensivo a toda a comitiva espanhola que se encontra em Queretaro.

Juan Carlos entende que a selecção espanhola tem que **«manter a calma e continuar, pois todos os espanhóis estão pendentes da sua carreira. Não se pode dormir sobre os louros»**, disse ainda o rei, já que lamentou **«não estar no México para os animar a todos».**

Espanha depauperada

Os espanhóis Goicoechea e Camacho não poderão jogar no domingo, nos quartos-de-final, com a Bélgica, por terem sido advertidos com o segundo cartão amarelo do campeonato, no jogo com a Dinamarca. Camacho e Goicoechea foram admoestados pela 1.ª vez no jogo da fase de abertura em que a Espanha perdeu com o Brasil (0-1) em encontro disputado no Estádio Jalisco (Guadalajara).

Boniek: delicadeza não compensa

O avançado polaco Zbigniew Boniek foi penalizado com 10 pontos por tentar trocar a sua camisola com um adversário, após o jogo em que a Polónia venceu Portugal, em Monterrey. Ao despir a camisola antes de abandonar o relvado, qualquer futebolista do «mundial» mexicano é pebnalizado com 10 pontos na classificação da «Taça «fair-play». O troféu em ouro, no valor de 250 mil francos suíços (cerca de 20 mil contos) será atribuído pela FIFA à equipa mais disciplinada do campeonato.

As equipas foram creditadas com 5 pontos na primeira fase, recebem 6 na segunda e nos quartos-de-final, 7 nas meias-finais e 8 nos jogos para o 3.º lugar e na final. Serão descontados um ponto por cada cartão amarelo e três pontos por cartão vermelho. Se o «capitão» da equipa for admoestado no período de jogo , serão descontados cinco pontos

Teatro Nacional de S. Carlos
E.P.

CONCURSOS PARA CORALISTA PROFISSIONAL

TENOR I
TENOR II
BARÍTONO
BAIXO
SOPRANOS
MEZZOSOPRANO/CONTRALTO

PROVAS

— Cantar uma ária antiga — séc. XVII ou XVIII
— Cantar uma ária romântica ou verista (Ambas as peças são da livre escolha do candidato)
— Executar uma leitura musical simples à primeira vista (Solfejo cantado)
— Se o júri entender ser necessário poderá ainda solicitar ao candidato a execução de um vocalizo

As provas terão lugar nos próximos dias 12 e 13 de Julho, em local a designar
Mais informações devem ser obtidas na Secretaria Musical do Teatro, onde os candidatos deverão efectuar a sua inscrição até à data dos concursos.
NOTA: Senhoras — idade limite — 45 anos
Homens — idade limite — 48 anos
A eventual admissão no coro só se fará em regime de exclusividade profissional

O CONSELHO ADMINISTRAÇÃO

CALAMITY JANE
Uma Mulher de Armas
ou
O Monólogo da Vaqueira
De 3.ª a Sáb., às 21.30 h
Sáb. e Domingos,
também às 16 horas
A BARRACA
Rua Alexandre Herculano, 70 — 1200 Lisboa
PROCURA-SE!

0000$00
RESERVAS - TEL. 686300
MARIA DO CÉU GUERRA
música
António Cardoso
direcção
Helder Costa
Este esp. não é subsidiado pela SEC

ALUGA-SE/FÉRIAS

Apartamento T3, equipado. Quinzena ou mês. Praias próximas. Av. Bombeiros Voluntários, 71 COLARES

Tel. 92 90 084 (fim-de-semana) 63 32 57 (semana, depois 21 horas)

Só perdeu com Portugal...

Lineker leva Sua Alteza ao choque com argentinos

Um golo de Gary Lineker, obtido aos 31 minutos, contra a corrente do jogo, inspirou a Inglaterra para a vitória sobre o Paraguai (por 3-0). Lineker, que obteve «hait-trick» frente à Polónia, inaugurou ontem o marcador quando o domínio pertencia aos paraguaios, mas quando bisou (aos 72 minutos) já Beardsley tinha feito o 2-0, a coroar o progressivo ascendente dos ingleses.

A Inglaterra utilizou a mesma equipa que venceu a Polónia (na 4.ª feira passada) à excepção do defesa Terry Fenwick, que cedeu o lugar a Alvin Martin, por motivos disciplinares, enquanto o defesa paraguaio Wladimiro Schettina, regressou à equipa após cumprir um jogo de suspensão.

O Paraguai entrou deliberadamente ao ataque, e aos seis minutos, Alfredo Mendoza internou-se pelo flanco direito, com Butcher a anular «in-extremis» a situação de apuro. O primeiro ataque formal da Inglaterra gorou-se (aos 12 minutos) quando Trevor Steven cruzou para o interior da área paraguaia, mas a cabeçada de Steve Hodge saiu sobre a barra.

Aos 30 minutos, Butcher fez um mau atraso para o seu guarda-redes, permitindo a intercepção de Cabanas que passou a Cañete, mas este não aproveitou a entrega de bandeja.

Na resposta dos ingleses surgiu Hodge a cruzar no flanco direito do seu ataque e, após a bola passar entre vários jogadores, Lineker inaugurou o marcador. O Paraguai reagiu ao golo sofrido, imprimindo uma maior velocidade ao jogo e aos 40 minutos Cañete rematou de fora da área forçando Shilton a arrojar-se ao solo para recolher.

Na 2.ª parte, a Inglaterra apresentou-se mais agressiva no ataque, a explorar o adiantamento dos laterais paraguaios e os repetidos alívios para a zona frontal da área de Fernandez, que resultaram no 2-0, obtido por Beardsley (aos 55 minutos). Butcher emendou um pontapé de canto apontado por Glenn Hoddle, mas o guarda-redes Fernandez não susteve o remate permitindo a recarga vitoriosa de Bardsley. O golo foi obtido quando a Inglaterra estava momentaneamente reduzida a dez elementos, com Lineker a receber assistência fora do terreno.

Aos 59 minutos, os jogadores paraguaios reclamaram a marcação de uma grande penalidade, após pretensa falta de Martin sobre Cabanas, mas o árbitro não atendeu e acabou por mostrar um cartão amarelo a Nuñez, por desrespeito. O lance perturbou a equipa paraguaia, que baixou de rendimento, parecendo mais preocupada em provocar desacatos que jogadas de perigo para as redes de Shilton. A crescente tensão dos paraguaios foi castigada (aos 72 minutos) por Gary Lineker. Após uma jogada de envolvimento do ataque inglês, Stevens cruzou para o interior da área onde surgiu Lineker a rematar imparavelmente, sem que nenhum adversário o estorvasse.

Cidade do México: o árbitro sírio Al Sharif andou num virote para segurar o jogo entre ingleses e paraguaios

Sob arbitragem do sírio Kamal Al Sharif, que mostrou o cartão amarelo a Martin, Nuñez e Hodge, as equipas alinharam:

INGLATERRA: Shilton; Stevens, Hoddle, Butcher e Samson; Martin, Steven, Reid (Stevens, 57m) e Hodge; Beardsley (Hateley, 80m) e Lineker.

PARAGUAI: Fernandez; Torales (Guasch, 65m), Zabala, Delgado, Schettina; Nuñes, Romero, Cañete e Ferreira; Cabanas e Mendoza.

Gary Lineker, de 26 anos, treze vezes internacional, presentemente ao serviço do Everton, tem vários convites de outros clubes para a próxima temporada, com destaque para o Barcelona, que o pretende para o lugar até aqui ocupado no «onze» catalão pelo alemão federal Bernd Schuster.

O técnico da selecção inglesa Bob Robson, aplaudiu a actuação da sua equipa: **Tivémos momentos em que jogámos maravilhosamente. Foi uma boa actuação colectiva,** disse Robson, que adiantou ter gostado da exibição do sector defensivo. **De início** (prosseguiu) **tivemos alguma intimidação, mas depois os nossos contra-ataques foram bem sucedidos.**

A preocupação de Robson está agora voltada para o desafio com a Argentina, uma partida que arrasta conflitos políticos entre os dois países sobre a guerra das Malvinas, em 1982. **Sou um treinador de futebol, não um político,** sustenta Robson, que preferiu não fazer mais comentários sobre esta questão.

O técnico paraguaio Caetano Re afirmou que a presença da sua equipa, pela 1.ª vez em 28 anos, foi **curta** e adiantou que nos próximos anos o futebol paraguaio pode melhorar o seu nível: **A Inglaterra jogou muito bem. Penso que eles efectuaram hoje a sua melhor exibição. Não é nenhuma desgraça perder com uma equipa como a Inglaterra,** concluiu Caetano Re. E foi fazer as malas.

México Digest

Italianos sujeitos a chuva de tomates

A selecção italiana eliminada pela França, regressa a Itália receando ser recebida no Aerporto de Milão por uma chuva de tomates. Foi desse modo que (em 1966) os «tifosi» acolheram a sua equipa após a eliminação imposta pela Coreia do Norte, no «Mundial» de Inglaterra. Vinte anos depois (e apesar de ter sido eliminada por uma equipa bem mais credenciada), a desilusão não é menor, até porque os adeptos transalpinos exigiam uma presença na final para defender o título conquistado em Espanha.

Daí que, não obstante o maior diário desportivo do país («La Gazzetta Dello Sport» afirmar que **só lhes poupamos os tomates**, seja de esperar que os adeptos italianos recebam os seus ex-ídolos da forma já tradicional. As críticas dirigem-se (sobretudo) a Bearzot, acusado de ter apostado em Baresi para marcar Platini, deixando no banco Di Gennaro, considerado o melhor distribuidor de jogo italiano.

A Imprensa especializada refere que a Itália, apesar da presença de bons técnicos estrangeiros (como Erikson) não soube acompanhar as evoluções tácticas do futebol, insistindo na antiga fórmula do «catenaccio». O treinador transalpino Enzo Bearzot (de 57 anos) há 10 épocas à frente da selecção, renovou até 1990, data em que se realiza o Campeonato do Mundo em Itália, mas admite-se que venha a ser forçado a demitir-se, já que os «tifosi» não perdoam a falta de determinação da equipa no encontro dos oitavos-de-final.

● O Comité Organizador do «México-86» procedeu hoje ao despedimento de uma centena de trabalhadores ao seu serviço por dificuldades económicas. Cinquenta recepcionistas e 50 telefonistas, que tinham sido contratadas pelo Comité Organizador, receberam (com surpresa) a comunicação do despedimento, ao dirigirem-se à secretaria para receberem o salário correspondente à primeira quinzena de Junho (o pagamento salarial é feito, neste caso, em cada 15 dias de trabalho). Um membro do Comité afirmou mais tarde aos jornalistas que a medida fora tomada **porque precisamos de reduzir as despesas e começamos por anular todos aqueles serviços que não sãao imprescindíveis.** Por seu lado, uma representante das recepcionistas despedidas disse aos jornalistas que todas as empregadas atingidas pela medida trabalhavam no Centro Internacional de Imprensa e ganhavam bastante menos do que a suas colegas que desempenham idênticas funções no Centro de Rádio, estas últimas contratadas pela Teleméxico, que não procedeu a quaisquer despedimentos. De salientar que telefonistas e recepcionistas tinham contratos para um período de dois meses.

● Um sismo com magnitude de entre 5,5 e 6 pontos na Escala de Richter sacudiu a faixa fronteiriça entre o México e a Guatemala, informou o Instituto Sismológico da Cidade do México. O abalo ocorreu às 4 horas locais (11h de Lisboa) e não causou danos, segundo informações recebidas na zona afectada. O epicentro foi localizado a 100 quilómetros do vulcão 'Tacana', situado na fronteira entre o México e a Guatemala.

● Os futebolistas Erwin Vandenbergh e Rene Vandereycken regressaram à Bélgica, devido a lesões, abreviando assim a sua carreira no «Mundial».

Júlio César: um "central" triunfante

Os jovens brasileiros sofrem uma sensação de fracasso sempre que são forçados a jogar à defesa, na equipa de futebol da sua escola. O seu desagrado é compreensível: o que seria de Pelé, Garrincha, Rivelino, Tostão, Zico ou Sócrates se tivessem desempenhado o inglório papel de defesas na sua juventude?

Júlio César foi afortunado. Atravessou as fases escolar e júnior como médio de ataque e assinou pelo clube primodivisionário brasileiro São Paulo, em 1978, quando contava somente 15 anos. No entanto, devido à sua elevada estatura, o treinador ordenou-lhe que jogasse à defesa, o que enfureceu Júlio César. O jogador insistiu em jogar a meio-campo, onde permaneceu até há dois anos, quando o defesa lateral direito se lesionou, forçando-o a regressar ao último reduto da equipa.

A troca, apesar de merecer o desagrado de César, revolucionou a sua carreira, evidenciando-o na posição de defesa central, onde acabou por destronar o habitual titular do «escrete» Óscar). Júlio César, que só tinha alcançado uma internacionalização antes do Mundial no M-exico, dezcreve a actuação na equipa do Brasil como **chegar à terra prometida.**

A luta pelo lugar não terminou, mas estou orgulhoso de ter relegado para o banco um jogador como Óscar, veterano dos Mundiais de 1978 e 1982, afirmou. Júlio César admitiu ter-se sentido nervoso na estreia frente à Espanha, e mostrou-se ciente da importância que as actuações no Mundial poderão ter sobre a sua carreira: **Sei muito bem que um erro no Mundial poderá destruir a carreira de um jogador brasileiro,** diz César. **Mas, após o primeiro quarto de hora, já me sentia à vontade, como se estivesse a jogar pelo meu clube.**

Logo após a estreia auspiciosa (frente à Espanha) em que o escrete venceu (por 1-0) César mereceu elogios da crítica e dos colegas de equipa. **É preciso ser corajoso para defrontar Julião,** disse o avançado do «escrete» Sasagrande: **Quando ele persegue a bola temos de estar preparados para chocar nom um tractor. Júlio é muito difícil de ultrapassar em disputa directa,** reconheceu Careca, que já sofreu a oposição do defesa nos jogos do campeonato brasileiro. **É rápido e duro, mas nunca utiliza a violência.**

Júlio César, que pesa 86 quilos e mede 1.85 metros, mostra-se irritado sempre que criticam a actual selecção brasileira: **Talvez a presente equipa não seja tão brilhante quanto a do Mundial de Espanha, em 1982,** reconhece César: **Mas, garanto que somos muito mais competitivos e que com o decorrer da prova mostraremos o nosso real valor.**

Uma indicação do potencial que César trouxe à equipa foi inadvertidamente dada por Óscar, após os três jogos do «escrete» no Mundial do México: **Não quero dizer nada sobre ele,** frisou Óscar.

Papin: uma palavra a dizer

Há seis meses atrás, Jean Pierre Papin era um ilustre desconhecido no seu país: mas, no México, tornou-se num símbolo, ao salvar os campeãoes da Europa de uma humilhação perante os estreantes canadianos. Papin marcou o único golo a 11 minutos do termo do encontro, dando a vitória à França sobre o Canadá, no jogo inaugural do grupo «C» da fase do «mundial».

Até Fevereiro, nenhum francês (nem sequer Papin) pensava que o avançado do Brugges (Bélgica) viajasse até ao México: mas, uma lesão do titular José Touré, abriu as portas da glória a Papin, um ambicioso jogador com modesto «palmarés». Com enorme força interior, Papin entendeu que tinha de lutar mais que os seus companheiros para conquistar um lugar nos 22 seleccionados para o México. «**Eu sabia que a única via para entrar na equipa era marcar golos**» afirmou Papin, depois do encontro frente ao Canadá.

Papin (22 anos) fez precisamente o que lhe competia: marcou 10 golos nos seus últimos seis jogos pelo Brugges, equipa da 1.ª divisão belga. Jean Pierre Papin transferiu-se, na época passada, do Valenciennes (da 2.ª divisão francesa) para o Brugges, por 200 mil dólares (30 mil contos).

Ao serviço do Brugges, Papin marcou 21 golos, tornando-se o terceiro goleador do campeonato belga, enquanto nas competições europeias apontou 11 tentos. A sua tendência para o golo tornou-o um avançado perigoso e o Olímpique de Marselha pagou sete vezes mais do que Papin custou ao Brugges para adquirir os seus serviços para a próxima época.

Papin estreou-se na selecção francesa em Fevereiro passado, perante a Irlanda do Norte, num encontro que terminou empatado a zero golos. O jogo frente ao Canadá deu-lhe a sua 2.ª internacionalização e logo apontou o golo vital da vitória francesa e o seu 1.º tento pela turma gaulesa: «**Fiquei extremamente feliz. Estava muito cansado no final do jogo e perdi quatro quilos**» disse Papin.

Antes de marcar esse golo, Papin perdeu inúmeras ocasiões de tento e ainda atirou uma bola à trave: «**Parecia maldição. Pensei que não era o meu dia, mas sabia que tinha de lutar, que devia continuar**» salientou Papin. «**Sabia que tinha de marcar, para corresponder à confiança que as pessoas que me trouxeram ao México depositaram em mim**», acrescentou o internacional francês, pai de um bebé de 18 meses.

Papin, que nakceu no seio de uma família muito pobre e que apenas conheceu a sua mãe quando tinha 10 anos, está habituado a vencer as contrariedades: «**Toda a minha vida tive de provar a mim mesmo o meu valor. Habituei-me a combater em todos os campos, estou habituado às dificuldades e talvez seja essa a razão por que lutei sempre para fazer golos — afirma Papin.**

Somos bons é na corda...bamba

Mário Castrim

Logo no último sábado de Maio ainda não era nada connosco, connosco verdadeiramente, era aquela reportagem sobre os jogos populares, em especial na modalidade «tracção à corda», extremamente competitiva, desde a Idade Média.

Tratava-se agora de futebol. O nosso país ainda não jogava, mas o Vítor Rebelo lançava já, nas primeiras palavras, a proclamação: **Boa tarde a todos os portugueses!**

O Mundial ia ser favas contadas. E cantadas aí por algum Camões de remissa.

... Embora onde a gente seja bom, bom mesmo, seja na corda. Na corda bamba.

Aperitivo Azteca

Passavam imagens comoventes de uma grande civilização desbaratada pelos fanáticos incultos da religião e do negócio.

Bom aperitivo para o futebol... – comentou o locutor.

Se calhar foi por ouvir isto que **Ariadne**, o míssil europeu, explodiu, deixando o ocidente sem satélites de comunicação. Falo sério. Acretido na influência astral das asneiras.

Por acaso

Lá que a ameaça pairava, isso pairava. E lá que havia quem a adivinhasse, havia. Rui Tovar, por exemplo, logo no jogo entre a Polónia e Marrocos.

Dizia ele: **Marrocos não está aqui por acaso...**

Por acaso não lhe deram ouvidos. Deus não apenas cega quem quer perder: também ensurdece.

Antologia... da asneira

Entretanto, não há apenas **mundial**. Também há Benfica. Oiçamos o Albarran: **O Benfica venceu hoje o Desportivo de Maputo por um a zero. O jogo abriu o torneio comemorativo dos sessenta e cinco anos, do clube moçambicano, a decorrer na capital daquele país.**

Consta que estas palavras vão figurar numa antologia, a dúvida está em saber qual.

Infelizmente...

Vítor Rebelo fala de um jogador do Canadá.

– **Tem o mesmo nome e a mesma cor do defesa do Benfica.**

Talvez para distinguir, pronuncia **Seimuel**.

Se os comentadores falassem menos, talvez dissessem menos inconveniências. Infelizmente, só os sábios falam pouco.

...E o agravo continua

Houve o «handicap», o «score», o «pressing», o «keeper», o «off-side», até nem escapamos ao «frisson» ao «suspense». Entretanto, pelo meio sempre se foram matendo umas palavritas em português. Pelo menos pareciam.

Ò céus!

Humberto Coelho surpreendeu tudo e todos, quando afirmou que os jogadores tinham melhor técnica do que os ingleses.

Depois admiram-se que Deus nos castigue.

Brincar com o álcool brincar com o fogo

A violência nos estádios continua a ser estudada. Qualquer dia, começamos a saber alguma coisa a esse respeito.

Sobre o álcool recaem acusações graves. São perigosos catalizadores. Em Heysel, cerveja, vinho e uísque, valeu tudo.

Ora na publicidade de suporte às transmissões do México, as bebidas alcoólicas tiveram a parte de leão. Desde a droga leve do branco seco à droga da pesada, uisquíssima.

Continuem, meninos, continuem brincando com o fogo.

Cronómetro e pouco mais

Como comentadores, viu-se o que foi: em qualquer televisão do mundo não se faria pior. Nem mesmo na televisão portuguesa.

Lá exactos na burocracia do tempo eram eles. Oiçamos esta: «Faltam cerca de 45 segundos para atingir o primeiro quarto de hora desta segunda parte.»

Outra afirmação categórica: «Estão decorridos os primeiros 24 minutos.»

Ou ainda: «Falta apenas meia-hora para terminar o encontro.»

A atenção ao cronómetro é com eles. Talvez esteja aí o seu futuro.

Tempo útil

Rui Tovar, decerto por não estar viciado nos relatos radiofónicos, é dos poucos que evita (não completamente, é certo) o recurso à descrição minuciosa dos movimentos. E é talvez o único que nos dá algumas pistas de reflexão.

A certa altura lembrou que seria interessante saber o **tempo útil** daquela primeira parte. **Por acaso** eu tomara nota: exactamente 23 minutos.

Aconteceu no primeiro jogo disputado por Marrocos. Não quero dizer nada com isto. Ou talvez queira.

Sísifo no México

O estádio de Puebla (é assim que se chama?) tinha a relva cortada em círculo, por degraus, subindo em anfiteatro para as balizas.

Dava terrível efeito visual. Estava-se sempre à espera de que os jogadores fossem por ali abaixo, de escantilhão. E o esforço que eles despendiam para levar a bola até lá acima?

Trabalhos de Sísifo, no México.

Questão de aguardente

O desafio entre Portugal e Marrocos principiou sob o signo da aguardente publicitada na legenda.

Manuel da Costa fala, fala, fala. Coloca as hipóteses todas de classificação. O jogo começou há muito e ele continua a metralhar-nos com pólvora seca.

A dada altura, eufórico: **Mal iriam as coisas para o futebol português se não conseguíssemos a classificação frente a Marrocos...**

Será que o pobre palrador não terá molhado o bico na legenda?...

A fumaça e o resto

Os eufóricos passam de um extremo ao outro. No princípio era a aguardente, no fim era uma Companhia de Seguros, o Costa dos caracóis diz que «é uma derrota humilhante», não tem importância, apresenta-se a apólice ou a apólice não cobria o acidente?

Cá por mim, nem humilhado nem ofendido. Desgraçado de quem joga sua honra na roleta de qualquer jogo.

A imagem que me fica, ao fechar estas linhas, é a dos jogadores irlandeses, eliminados pelo Brasil, festejando, cumprimentando, abraçando os brasileiros, seus companheiros de campo.

Isto vale. O resto é fumaça...

TEATRO NACIONAL D. MARIA II
e novo Grupo apresentam
MÃE CORAGEM E OS SEUS FILHOS
de BERTOLT BRECHT
Encenação: João Lourenço
com: Carlos Daniel – Orlando Costa – Mário Pereira – Eunice Muñoz – Francisco Pestana – Jorge Gonçalves – Rui de Carvalho – Carlos Fonseca – Rogério Paulo – Ruy de Matos – São José Lapa – Artur Mendonça – Carlos Costa – João de Carvalho – Igor Sampaio – Barroso Lopes – Carlos Duarte – Manuel Cavaco – António Banha – Madalena Braga – António Anjos – Catarina Avelar – Nuno Franco.
ESPECTÁCULOS NÃO ACONSELHÁVEIS A M. 12 ANOS
DESCANSO DA COMPANHIA À 2.ª FEIRA TEL. 32 22 10

COMPANHIA Tel. 275 21 75
TEATRO DE ALMADA
GEORGE DANDIN
de MOLIÈRE
de 12 a 22 Junho
21.30 - 5ª e 6ª
16 - sáb. e dom.
Sub SEC/CMA
encenação JOAQUIM BENITE
cenários EGAS JOSE VIEIRA
com
ADELAIDE JOÃO | ANTONIO ASSUNCÃO | CANTO E CASTRO
CARLOS GONÇALVES | EMA PAUL | LUIS VICENTE
TERESA ESTEVES | VITOR GONCALVES

LITORAL

A Companhia de Dança e Música da Coreia, na Gulbenkian

Dança

• No Grande Auditório da Fundação Gulbenkian a **Companhia de Dança e Música da Coreia** (Seoul) realiza dois espectáculos, hoje pelas 21.30 e amanhã às 18.30 horas. O Ministério da Informação e Cultura daquele país declarou que o programa da visita pretende implementar o intercâmbio artístico e cultural entre a República da Coreia e aqueles quatro países europeus, tal como foi acordado pelo presidente Chun Doo Hwan e os líderes governamentais dos países referidos, a quando da sua visita oficial à Europa em Abril deste ano. A companhia é constituída por 60 músicos e bailarinos e já se apresentou em Londres e em Rouen, na França, devendo actuar ainda em Paris, Bruxelas, Dusseldorf, Hamburgo, Berlim-Oeste e agora em Lisboa. Os concertos terão a duração de duas horas, com um intervalo de 20 minutos em cada parte. Na primeira será apresentado um conjunto instrumental — «Shinawi» e uma dança ritual budista — «Chakpop» — enquando a segunda parte será inteiramente preenchida pela representação dum espectáculo de teatro-dança «A Mulher de Tomi».

• A **Companhia Nacional de Bailado do Teatro S. Carlos** está hoje, a partir das 21.30 horas no Teatro Municipal de S. Luiz, para a apresentação do seu novo programa de que fazem parte «Paquita», «Baile dos Cadetes» e, em estreia no nosso país, «Canções e Murmúrios de Morte» do coreógrafo Norman Walker, nome célebre do bailado contemporâneo tanto na América do Norte como em todos os outros grandes centros internacionais da dança. Os principais artistas da Companhia Nacional de Bailado do Teatro de S. Carlos, Maria José Branco, Paola Cantalupo, Isabel Fernandes, Cristina Maciel, Guilherme Dias, Peter Lewton-Brain e Miguel Lyzarro, bem como todo o restante elenco, são mais uma vez confrontados com a exigência dum reportório diversificado que comprova a sua versatilidade e o elevado nível técnico atingido pelo bailado nacional.

Música

• No Teatro Académico de Gil Vicente, em Coimbra, a «**Brigada Victor Jara**» realiza esta noite, a partir das 21.30 horas, um espectáculo, organizado pela Comissão de Finalistas de Engenharia Electrónica.

• Entre as várias iniciativas que hoje têm lugar integradas nas Jornadas Culturais Marroquinas, destaca-se o espectáculo de música sinfónica portuguesa e marroquina que se realiza no Teatro Maria Matos, pelas 21.30 horas.

• «O Piano e a Dança», é a designação do espectáculo dedicado à música do Romantismo, que se realiza amanhã no Teatro Garcia de Resende, em Évora. O concerto, integrado nas comemorações do 10.º aniversário da Rodoviária Nacional, tem a direcção artística e comentários do maestro José Atalaia e a participação do pianista Jorge Moyano e da Companhia de Dança de Lisboa.

Teatro

• O jurista a olhar para o umbigo é o que acontece no Teatro da Cantina Velha onde um grupo de estudantes de Direito e alguns já licenciados apresentam a peça «joseph K», que agora vai entrar na terceira semana de exibição. Reflexão cruel sobre o eterno tema das relações entre a intangível individualidade do eu e os ditames da vivência social. Depois do «Ubu» de Jarry e do «Sangue no Pescoço da Gata» de Fassbinder, surge agora esta adaptação livre do «Processo» de Kafka, esse autor desconhecido de que toda a gente fala. Abordagem de juristas e candidatos a juristas dessa velha dama fugidia, milenária quimera do Homem que se chama Justiça. Às 5.ªs, 6.ªs e sábados, pelas 21.30 horas, no Teatro da Cantina Velha, mesmo ali à Aula Magna, o encontro com o CENICO DE DIREITO.

Uma cena do filme «Nova Iorque fora de Horas» do realizador Martin Scorsese. Grande Prémio da melhor realização/Cannes 86. Em exibição no Quarteto e Estúdio 444.

Alfas Triplex
— T. 806496

Alfa 1
OS SALTEADORES DA ARCA PERDIDA
(não acons. 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Alfa 2
O LOBIJOVEM
(maiores 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 3
JOVENS MÉDICOS APAIXONADOS
(maiores 12 anos)
13.30, 16.15, 18.45, 21.30 e 00.15 h

Alfa Club
T. 763319
O JUSTICEIRO DE NOVA YORK
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 24.00 h

Shopping Center de Lisboa

Amoreiras 1
O LOBIJOVEM
(maiores 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30 e 21.30 h

Amoreiras 2
O ANO DO DRAGÃO
(maiores 12 anos)
13.45, 16.45, 19.15 e 21.45 h

Amoreiras 3
ÁFRICA MINHA
(maiores 12 anos)
15.15, 18.15 e 21.15 h

Apolo 70
OS SETE MAGNÍFICOS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Avila
— T. 539930
GANDHI
(maiores 12 anos)
14.45, 18.15 e 21.45 h

Avis
— T. 547163
A HISTÓRIA DE JOANA
(int. men. 18 anos)
15.00, 17.00 e 21.30 h
Contém cenas chocantes

Berna
— T. 776098
ERA UMA VEZ NA AMÉRICA
(maiores 16 anos)
15.00 e 21.00 h

Capitolio
— T. 372358
RAPARIGA PARA CASAL PRECISA-SE
(int. men. 18 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil
T. 530194
LARANJA MECÂNICA
(maiores 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cinebloco
— T. 556824
O ENIGMA DA PIRÂMIDE
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
Não há sessões das 24 horas devido ao México/86.

Cine Camões
T. 324194
OS LUTADORES DA NOITE
(não acons. 18 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cinemateca
O ÚLTIMO ADEUS/1970
21.30 h

Cine 222
— T. 579460
NASCE UMA ESTRELA
(não acons. menores 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
ESMERALDAS SANGRENTAS
(maiores 16 anos)
24.00 h

Cine Portela
— T. 2524761

Estúdio Anusha
ENCERRADO PARA BENEFICIAÇÕES

Estúdio Sheza
OLHOS INDISCRETOS
(maiores 16 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine
— T. 549999
ESPIÕES COMO NÓS
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
CHRISTINE, O CARRO ASSASSINO
(maiores 16 anos)
23.45 h

Condes
— T. 322523
EM BUSCA DA ESMERALDA PERDIDA
(maiores 6 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Eden
— T. 320768
OS SETE MAGNÍFICOS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estudio
— T. 555134
1941 — ANO LOUCO EM HOLLYWOOD
(maiores 13 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estudio AC'S
— T. 887255
TERRA SANGRENTA
(maiores 16 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estudio 444
— T. 768078
NOVA IORQUE FORA DE HORAS
(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Fonte Nova
— T. 7145109

Sala 1
OS GANSOS SELVAGENS CONTRA ATACAM
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Sala 2
O ANO DO DRAGÃO
(maiores 16 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

Sala 3
O BARÃO DE ALTAMIRA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Forum Picoas
— T. 541037
MUNDIAL/86
Recordando Mundial 66
21.30 h

Gemini
— T. 734009
OS SALTEADORES DA ARCA PERDIDA
(não acons. 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood
— T. 802859

Sala 1
TRÊS HOMENS E UM BERÇO
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 18.45, 21.30 e 23.45 h

Sala 2
A ÚLTIMA REPORTAGEM
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 19.00, 21.30, e 24 h

Imperio
— T. 555134
FIRE FOX
(interdito menores 13 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas
— T. 631162

Sala 1
A ÚLTIMA REPORTAGEM
(m. 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Sala 2
EM BUSCA DA ESMERALDA PERDIDA
(maiores 6 anos)
15.30, 18.45 e 21.45 h

Londres
— T. 801313
A EXPERIÊNCIA EM FILADÉLFIA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial
— T. 538743
OS SALTEADORES DA ARCA PERDIDA
(não acons. menores 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Nimas
— T. 574362
ENCERRADO PARA FÉRIAS
Até 1 de Julho (inclusivé)

Odeon
— T. 326283
O GRANDE ATAQUE
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Olimpia
T. 325309
AS VIAJANTES SEXUAIS
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
Filme pornográfico
(int. men. 18 anos)

Pathe
— 821933
A RAIVA SITEN
(maiores 18 anos)
14.00 e 21.30 h

Politeama
T. 326305
LOUCURAS AMERICANAS
(int. men. 18 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto
T. 771378

Sala 1
O CASAMENTO DE MARIA BRAUN
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00, 21.30 h
O FILME MAIS LOUCO DO MUNDO
(maiores 16 anos)
23.45 h

Sala 2
«PSICO»
(maiores 17 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
A ÚLTIMA VALSA
(maiores 16 anos)
23.45 h

Sala 3
NOVA IORQUE FORA DE HORAS
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
O EXORCISTA I
(maiores 16 anos)
23.30 h

Sala 4
OS MARGINAIS
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h
PARA ALÉM DO PARAÍSO
(maiores 16 anos)
23.30 h

N'Gola
— T. 573407
ENCERRADO PARA OBRAS

Restelo
T. 610375
O BEIJO DA MULHER ARANHA
(maiores 16 anos)
15.30 e 21.30 h

Cinema Rex
— T. 864756
O DESTINO MARCA A HORA
(maiores 10 anos)
14.30, 16.30 e 18.30 h
A SEVERA
21.45 h

Roma
T. 889192
A FÚRIA DO HERÓI
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Roxy
T. 548560
A TURMA DOS TARADOS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge
T. 579144

Sala 1
VIVER E MORRER EM LOS ANGELES
(maiores 16 anos)
15.30, 18.30 e 21.15 h

Sala 2
ÁFRICA MINHA
(maiores 12 anos)
14.15, 17.30 e 21.00 h

Sala 3
007 – OPERAÇÃO RELÂMPAGO
(maiores 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

7.ª Arte
— T. 730715
O FIO DA SUSPEITA
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star
— T. 804210
GENTE GIRA N.º 2
(maiores 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Terminal
— T. 371573
O FIO DA SUSPEITA
(maiores 12 anos)
13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Tivoli
— T. 570595
O LOBIJOVEM
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim
T. 706666
ENCONTRO COM O AMOR
(maiores 12 anos)
15.30 e 21.45 h

Xenon
T. 368480
VAMPIROS EM FÚRIA
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Zodíaco
— T. 570151
LUTANDO PELA JUSTIÇA
(filme indiano)
(m/13 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cineteatro Lido — «O triturador», às 21.30 h (maiores 162 anos)

AMADORA — Cinestúdio — «África Minha», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)
CACÉM — Cinestúdio Flo- ... «Indiana Jones e o Templo Perdido», às 15 e 21.30 h (maiores 12 anos)
Babilónia, «Pelotão Chanfrado», às 15.15, 18.15 e 21.30 h (não aconselhável menores 13 anos)
MEM MARTINS — Cineteatro Chaby — Descanso
Estúdio Dois Eme — «Cocoon — A Aventura dos Corais Perdidos», às 21.30 h (maiores 6 anos)

Linha de Cascais

Casino Estoril — «África Minha», às 17 e 21.15 (m. 16 anos)
ALGÉS — Cinema 2000 — «Loucas Aventuras de Amor e Sexo», às 15.00 e 21.30 h (maiores 12 anos)
OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1 — «Experiência de Filadélfia», às 15.15 e 21.30 h (maiores 12 anos)
Sala 2 — «Amor e sangue», às 15.30 e 21.45 h (maiores 12 anos)
CASCAIS – Miramar/Sala 1 — «Três homens e um berço», às 15.15 e 21.30 h (maiores 12 anos)
Sala 2 — «Encontro», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

CARCAVELOS – Atlântida Cine — «As Minas de Salomão», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)
Oxford — «África Minha», às 16.00 e 21.30 h (maiores 16 anos)

Arredores

ALMADA — Academia — «Trinitá cowboy insolente», às 15.30 e 21.30 h (n/ acons. 13 anos)
ALMADA — Incrível — «Armadilha mortal», às 15.30 e 21.30 (int., 13 anos)
ALMADA — Cinestúdio Almada — «Lobijovem», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (maiores 6 anos)
COSTA DE CAPARICA — Oceano – Sala 1 – «Juventude Inquieta», às 15.45 e 21.30 h (maiores de 16 anos).
Sala 2 – «O Último Dragão», às 16 e 21.45 h (maiores 12 anos)
CRUZ DE PAU – Lord – «O Ano do Dragão», às 16.00 e 21.45 h (maiores 16 anos)
BARREIRO – Cine-Teatro – «Encerrado para férias»
FORTE DA CASA – Focacine – Encerrado para férias
LINDA-A-VELHA – Cinetropical — «Com Asas nos Pés», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)
MOSCAVIDE – Stop – Encerrado para férias
ODIVELAS – Cineodivel — «As beldades selvagens voltam a Ibiza», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)
Cineoceano – «O Enigma da Pirâmide», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)
TRAFARIA – Pavilhão Jardim — «Rambo — A Vingança do Herói», às 16 e 21.30 h (maiores 18 anos)

Farmácias

PERMANENTES

ALVALADE-POTE D'ÁGUA – Paris – Rua Reinaldo Ferreira 5 AB (Tel. 890131); **AMOREIRAS-CAMPOLIDE – Pinto –** Rua Campolide 11 (Tel. 682610); **ANJOS – Góiss –** Rua dos Anjos 12-12D (Tel. 840101); **AREEIRO-APEADEIRO – Ideal –** Av. Alm. Gago Coutinho 49A (Tel. 892803); **BAIXA – Teixeira Lopes –** Rua Ouro 154-155 (Tel. 324816); **CAMINHOS FERRO – Alves Carvalho –** Rua Vale Santo António 7-9 (Tel. 840125); **CAMPO GRANDE – Nova Iorque –** Av. Estados Unidos América 140B (Tel. 760658); **D. CARLOS I – Lys –** Rua da Esperança 17-19 (Tel. 6609913); **ENCOSTA RESTELO-MOINHOS – Tanara –** Rua Rodrigo Reinel 3A (Tel. 611814); **LUMIAR – Nicolau –** Cç. Carriche Lt. 4 Loja Esq. (Tel. 7588727); **SALDANHA – Saldanha –** Av. Praia Vitória 53-55 (Tel. 543938); **SETE RIOS – Canto –** Est. Laranjeiras 202B (Tel. 724841); **ODIVELAS – Joleni –** Rua Dr. Alexandre Braga 3B (Tel. 9810812); **PONTINHA – Pontinha –** Est. Santo Elói 4 Lt. SE (Tel. 990220).

REFORÇO

ALTO SANTO AMARO – Tapada – Cç. da Tapada 83A (Tel. 634721); **ALVALADE – Belo –** Av. Roma 53A (Tel. 776314); **BENFICA-PORTAS BENFICA – Progresso –** Est. A - Damaia 64C (Tel. 702226); **CAMPO D'OURIQUE – Porfírio –** Rua Francisco Metrass 59-B (Tel. 663349); **CAMPO PEQUENO-APOLO 70 – Campo Pequeno –** Av. Júlio Dinis 10 Lj. 18-19 (Tel. 771661); **CHILE-ALTO SÃO JOÃO – Vitalis –** Rua Morais Soares 69C (Tel. 841779); **OLIVAIS SUL – Antunes Rosas –** Pç. Cidade do Luso Lt. 199 (Tel. 313610); PEDROUÇOS – Soc. Higilux – Rua Pedrouços 50-52 (Tel. 610280); **PICHELEIRA – Marluz –** Cç. Picheleira 140 BC - Rua Prof. Mira Fernandes MAF (Tel. 880703); **RATO – D. João V –** Rua D. João V 16C (Tel. 682772); **S. VICENTE – Rosa & Viegas –** Rua S. Vicente 31-37 (Tel. 864351); **BURACA-AMADORA – Vaz Martins –** Rua António Ferro 6A (Tel. 970660); **COLINA DO SOL-BRANDOA-AMADORA – Vidal Reis –** Urb. Alfornelos-Célula G - Lote 35 (Tel. 996540); OLIVAL BASTO – Nova – Rua Açores 11A (Tel. 9810305); **PRIOR VELHO – Matos –** Tv. Prioras (Tel. 2519939).

OUTRA BANDA

ALMADA — Silva Júnior — Av. 25 de Abril, 9 (Tel. 2768030) Perm; **COVA DA PEIDADE — Avelar da Silva** — R. Dr. Alberto Araújo, 19-A (Tel. 2750337) Perm; **MONTE CAPARICA — Nova** — R. Trab. Rurais, 82 (Tel. 2954436) Até às 19 h; **COSTA DA CAPARICA — Carlos** — Av. do Mar, 34-A (Tel. 2401060) Até às 19 h; **LARANJEIRO — Almeida Araújo** — R. D. Duarte, 7-B (Tel. 2292324) Até às 22 h; **SESIMBRA — Leão** — Av. Liberdade, 13 (Tel. 2233471) Até às 19 h; **LAVRADIO — J. Consolado** — Av. Joaq. J. Fernandes, 17-C (Tel. 2043126) Até às 19 h; **BARREIRO — Central** — Av. Alfredo Silva, 48 (Tel. 2073207) Perm; **BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima** — Est. Nacional, 244-A (Tel. 2040141) Até às 19 h; **CORROIOS — Abreu Cardoso** — R. Cid. Setúbal, 1-B (Tel. 2291192) Até às 19 h; AMORA — Moura Carneiro — Até às 22 h; **ALDEIA PAIO PIRES — Central** — Est. Nacional, 9 (Tel. 2210365) Até às 22 h; **MONTIJO — Diogo Marques** — R. Almirante Reis, 50 (Tef. 2310032) Até às 22 h; **MOITA — Silva Rocha** — P. República, 16 (Tel. 239029) Até às 19 h; **ALHOS VEDROS — Gusmão** — R. Cândido Reis, 30 (Tel.2040020) Até às 19 h; **ALCOCHETE — Gameiro** — L. António Santos Jorge, 15 (Tel. 234100) Até às 19 h; **SETÚBAL — Higiene** — R. Frei Agostinho Cruz, 51 (Tel 22408) Perm; **BAIRROS** — R. Rodrigues F. Costa, 27 (Tel. 23330) Perm; **Bonfim** — Av. Rodrigues Manito, 12 (Tel. 24558) Até às 22 h;

LINHA DE SINTRA

AMADORA — Jardim — Av. Conde Oeiras, 120-Reboleira (Tel. 4938424) Perm; **Confiança** — Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (Tel. 4938149) Até às 22 h; **DAMAIA — Lemos** — R. Goa, 21-A (Tel. 971121) Até às 22 h; **QUELUZ — Vasconcelos** — Est. Part. Benrq. Pousão (Tel. 4372649) Até às 22 h; **CAMARATE — Mendonça** — L. 25 Abril, 135-C (Tel. 2573158) Até às 19 h; **CACÉM — Guerra Rico** — Av. Bombeiros Voluntários (Tel. 9244002) Perm; **MEM MARTINS — Critisna** — Av. Vitorino Nemésio, 14-A (Tel. 9214820) Perm; **MERCÊS — Claro Russo** — R. Abade Faria, 2-A (Tel. 9215275) Até às 22 h; **RIO DE MOURO — Riomouro** — Av. Óscar Monteiro Torres, 6 (Tel. 9260194) Até às 22 h; **SINTRA — Misericórdia** — Pendoa, 17 (Tel. 9231070) Perm; **COLARES — Abreja — (Tel. 9290088);**

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS — Miraflores — R. Dr. António Granjo, 2-B (Tel. 2101161) Perm; **LINDA-A-VELHA — Melo Almeida** — R. D. Diogo, Couto, Lote 182, Até às 19 h; **TIRES — Guimarães** — L. Duartes, Lote A-r/c. (Tel. 2441616) Até às 22 h; **ALCABIDECHE — Carvalho** — B.º Padre P. Correia, 4 — (Tel. 2690363) Até às 22 h; **PORTO SALVO — Ferreira Basto** — R. D. Firmino Rebelo (Tel. 2421015) Até às 22 h; **CARCAVELOS — Central** — R. 5 de Outubro, 25 (Tel. 2470037) Perm; **S. DOMG. RANA — Godinho Silveira** — R. A. Alburquerque, Lote B-Lj./2 (Tel. 2470361) Até às 22 h; **MALVEIRA DA SERRA — Luz** — Estrada Nacional (Tel. 3850635) Até às 22 h; **PAÇO DE ARCOS — Pargana** — Av. Eng. Bonneville Franco (Tel. 2435147) Até às 22 h; **OEIRAS — Central** — R. Conde Ferreira, 29 (Tel. 2430058) Perm; **NOVA OEIRAS — Leal** — Quinta da Palmeira, Lote 24 (Tel. 2478737); **PAREDE — Mendes Junqueiro** — R. Luanda, Lote 5 (Tel. 2477838) Perm; **S. JOÃO DO ESTORIL — S. João** — Quinta da Carreira, 29–A (Tel. 2681186) Até às 22 h; **SASSOEIROS — Amaral** — Quinta das Encostas (Tel. 2461312) Até às 22 h; **BIRRE — Imani** — Lote 7-B-Hera (Tel. 3852121) Até às 22 h;

DL TEATROS

Teatro do Bairro Alto

R. Tenente Raul Cascais, 1-A — Tel. 66 15 15

De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 16.00

«**A SONATA DOS ESPECTROS**», de Strindberg. Pelo Teatro da Comucópia
Encenação de Luís Miguel Cintra. Interpretação de Ruy Furtado, Diogo Dória, Francisco Costa, Gilberto Gonçalves e Madalena Pinto Leite, entre outros.

Teatro do Século

5.ª, 6.ª e domingo às 18.30; sábados às 21.30

«**VIAGEM PARA A FELICIDADE**», **de Franz Xaver Kroepv. Encenação de Rogério de Carvalho. Interpretado por Lucinda Loureiro.**

Teatro Nacional D. Maria II

Rossio — Tel. 372246 Sala Garrett

De 3.ª a sáb. às 21.30; dom. às 16.00
«**MAE CORAGEM E OS SEUS FILHOS**», de Bertold Brecht. Versão de João Lourenço e Vera San Payo de Lemos. Encenação de João Lourenço. Interpretado por: Eunice Muñoz, Irene Cruz, Rui de Carvalho, Rogésio Paulo, Francisco Pestana, São José Lapa, Carlos Daniel, entre outros.

Rex

R. da Palma, 253 — Tel. 864756
2.ª a 6.feira às 21.45
Sábados e Domiongos às 21.45 e às 16.00

«**A SEVERA**» de Júlio Dantas. Interpretado por Cândida Vieira, Virgílio Castelo, Pedro Pinheiro, António Machado, Armindo Taveira, Rui Anjos, Ana de Sá, Reis Jorge, Rui Filipe, Henrique José e Edgar Sotto.

A Barraca

R. Alexandre Herculano, 70 (Tel. 686300)
De 3.ª a sáb., às 21.30. Sáb. dom. às 16.00

«**CLAMITY JANE**» uma mulher de armas ou o Monólogo da Vaqueira. Dramaturgia e encenação de Hélder Costa. Interpretada por Maria do Céu Guerra.

Teatro Villaret

Av. Fontes Pereira de Melo, 31-A Tel. 538586
(De terça a domingo, às 21.45; domingos, também às 16.00)
POUCO BARULHO!, de Michael Frayn. Enc.: Varela Silva. Int.: Henrique Santos, Isabel Mota, Jorge Nery, Manuela Maria, Morais e Castro, Natália de Sousa, Nicolau Breyner, Rosa do Canto e Vítor de Sousa.

Teatro Ibérico

R. Xabregas, 54 — Tel. 382531

De 3.ª a sáb. às 21.30 — Dom. às 17.00
«**AVAREZA, LUXÚRIA E MORTE NA ARENA IBÉRICA**», de Ramon del Valle Inclán. Encenação de Blanco Gil. Interpretado por Lia Gama, Argentina Rocha, entre outros.

Casa dos Tabuenses

R. Poiais de S. Bento, 75 — Tel. 60 18 66
Sábados e domingos, às 16.30

A RUA DOS FANTASMAS , de Javier Villafañe. Pelo Maizum. Encenação de Adolfo Gulkvn. Intérpretes: Carlos P. Vasconcelos, Isabel Bezelga e Silvina Pereira.

Instituto Franco-portugues

Av. Luís Bivar, 91 (Telef. 544574)
De 3.ª a sáb., às 21.00. Sáb. e domg., às 16.30

«**O HERDEIRO DA ALDEIA**» de Marívaux, pelo Teatro da Rainha. Enc. de Fernando Mora Ramos. Interpretado por José Eduardo, Rosário Konzaga, Vítor Santos, Isabel Muñoz, entre outros.

Cooperativa da Caixa Economica Operária

R. Voz do Operário, 64-2.º — Tel. 87 56 10
5.ª, 6.ª e sábado, às 22.00
«**O MEU CORPO TEM AS MESMAS IDEIAS QUE EU**», de António Rodrigues. Encenação e interpretação pela Companhia do Teatro Amador da Caixa Económica Operária.

Almada — Acad. Almadense

R. Capitão Leitão, 64 (Tel. 2752175)
5.ª e 6.ª, às 21.30. Sáb. dom., às 16.00
«**GEORGE DANDIM**» de Moliére, pelo Grupo de Campolide. Encenação de Joaquim Benite. Interpretado por Adelaide João, António Assunção, Canto e Castro, Carlos Gonçalves, Ema Paul, entre outros.

Teatro Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 06 37

De terça a domingo às 21.45; domingos, também às 16.00

«**O CORONEL EM DOIS ACTOS**». Adaptação de F. Nicholson. Encenação de Varela Silva. Interpretação: Alina Vaz, António Feio, Camilo de Oliveira, Dulce Guimarães F. Nicholson e P. Marcelo

Teatro Aberto

P. de Espanha — Tel. 77 09 69

De 4.ª a sábado, às 21.30; aos domingos, às 16.00

«**VOLPONE**», de Ben Jonson. Pelo Novo Grupo. Direcção e encenação de Norberto Barroca. Cenários e figurinos de José Costa Reis. Intérpretes: Adriano Luz, Alexandre Sousa, Amílcar Botica, Ana Oliveira, Fernanda Policarpo, Isabel Ribas, Joaquim Rosa, José Beato, José Jorge Duarte, José Raposo, Mário Garcia, Melim Teixeira, Miguel Duarte, Sara Lima e Vítor Norte.

Teatro Vasco Santana

Entrecampos — Feira Popular
— Tel. 76 86 90
Teatro Estúdio de Lisboa
De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00
«**CESÁRIO QUÊ?**». Texto e encenação de Luzia Maria Martins. Cenografia de Fernando Filipe. Interpretes: Fernanda Montemor, Carlos Santos, Clara Joana, Helena Félix, Luísa Ortigoso, Fernanda Coimbra, Jose Brás, Vitor Hugo, Manuel Mendonça e Pedro Paiva.

Teatro Oficina
R. S. Mamede (ao Caldas), 19
Sexta, sábado, doming. e seg., às 21.30
«**COMANDO PARA A MORTE**» de Alfonso Sastre, com prólogo de Fernando Dacosta. Encenação de João Barros.

Comuna

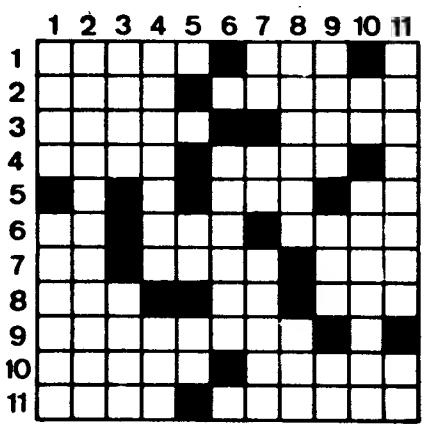
P. de Espanha —Tel. 726 08 18
De 3.ª a sábado, às 21.30; aos domingos, às 17.00
«**CALÍGULA**», de Albert Camus. Encenação de João Mota. Intérpretes: Almeno Gonçalves, Abel Neves, António Melo, Alfredo Brissos, Carlos Paulo, Cecília de Sousa. Isabel Medina e João Mota, entre outros.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 16 757

HORIZONTAIS:

1 Exprimir por palavras. Preposição.
2 Íntimos. Estrangulo.
3 Parvo. Paixão.
4 Cantiga. Qualidade.
5 Medida agrária inglesa, equivalente a 25 metros quadrados. Preposição.
6 Apelido. Passai. Rio da Polónia.
7 Cobre (s.q. e inv.). Rio de Espanha. Agarrei.
8 Chefe etíope. O mais. Mãe de Romulo e Remo.
9 Rocegaras.
10 Dar oiro a. Aspecto.
11 Sadios. Imundos.



VERTICAIS:

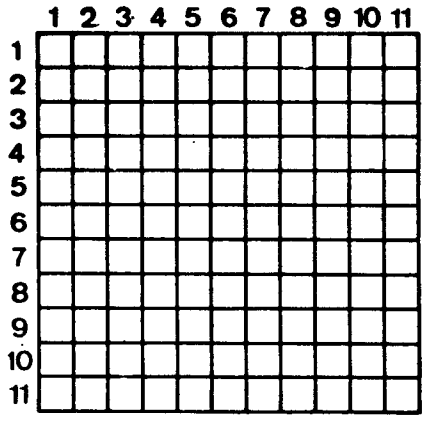
1 Enfiada. Calados (fig.).
2 Açaimaria.
3 Ave trepadora da Oceania. Curo.
4 Cortesã grega, célebre pela sua beleza e mulher de Péricles. Fluido aeriforme.
5 Doutor. Clima.
6 Tempo do verbo ser. Franzir.
7 Césio (s.q.). Preposição e artigo (pl.). IMundo.
8 Apelido da escritora portuguesa autora de «A Idade de Amar». Ente.
9 Sugo o leite materno. Oferecer. Sentidas Condolências.
10 Em o. Despovoado.
11 Roubo ou ataque à mão armada. Ósmio (s.q).

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 596

HORIZONTAIS:

1 Um dos gases da atmosfera. Sura ou vinho de palmeira, cozido duas ou três vezes (ex-Índia Portuguesa).
2 Atiladas. Antes do meio-dia.
3 Sódio (s.q.). Laço. Seguias.
4 Enchera (fig.).
5 Li. Poisar no mar (o avião).
6 Acrescentando uma consoante é apelido do homem que foi cognominado o apóstolo dos Índios. Sufixo que designa abundância.
7 Carta de jogar. Gálio (s.q.)
8 Segundo mês sagrado dos Hebreus, que corresponde à Lua de Abril. Carregais.
9 Tardios.
10 Cobre (s.q.). Imundices Interjeição que exprime admiração.
11 Naipe das cartas de jogar. Nome de jogo.



VERTICAIS:

século XVI, a C. Tolo, aparvalhado (Prov.).
2 Nome de mulher. Pequeno poema da Idade Média, narrativo ou lírico. Interjeição de dor.
3 Níquel (s.q.). Conselhos.
4 Artigo definido. Irmão do pai. Gavinha.
5 Romance de Emílio Zola. Cidade de França.
6 Estaleiros. Rio da Sibéria.
7 Título do antigo imperador da Pérsia. Diz-se dos indivíduos que vivem em mancebia.
8 Agarrara. Pastor siciliano, que foi amado por Galateia.
1 Dinastia que reinou na China do 9 Ilha do Pequenop Belt. Preposição e artigo.
10 Colina na Suécia. Carta de jogar. Rio da Alemanha que nasce no Tirol.
11 Artigo indefinido. Verbais. Hólmio (s.q.).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 16 756

HORIZONTAIS:

1 Rande. NÃO.
2 Elias. Erada.
3 Sio. Coserei.
4 Pasto. Aló.
5 Or. Altos.
6 Chasco.
7 Dá. Oé. Mad.
8 Em. Sr. Atire.
9 Rem. Ás. Ates.
10 Lesmas. Ias.
11 Éaco. Amarra.

VERTICAIS:

1 RESPONDER. E.
2 Aliar. Amela.
3 Nios. Mec.
4 Dá. Tacos. Só.
5 Escolheram.
6 Ta. Saa.
7 RESPOSTA. SM.
8 Re. SC. Ta.
9 Nara. Omitir.
10 Adela. Arear.
11 Oaio. Edessa.

PROVÉRBIO:

Não responder, é resposta.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 14 595

HORIZONTAIS:

1 AC. Cantes.
2 Caiana. Iu.
3 Mi. Vacina.
4 Ornaremos.
5 Ni. Res. Mira.
6 Pi. Rasam.
7 Calma. El. Só.
8 Re. Hios.
9 Cás. Arrá.
10 Hetera. Arc.
11 Oraram. Suar.

VERTICAIS:

1 Ácmon. Cacho.
2 Cairina. Aer.
3 Lista.
4 Camarim. Er.
5 An. Reparara.
6 Naves. Eram.
7 Am. Re.
8 Escomalha.
9 Isis. Au.
10 In. Rasoira.
11 Suávamos. Er.

ANTENA 1

16.00: A Gaita dos Sete Foles; **17.00:** Pequeno Jornal; **17.15:** Musicomania; **19.00:** Informação e Música; **20.00:** Música Portuguesa; **20.15:** No Estúdio e no Estádio (Informação Desportiva — 2.ª edição); **20.30;** A Viver também se aprende; **21.00:** Movimento; **21.30:** Imaginário; **23.30:** Títulos do Jornal da Meia-Noite.
Noticiários de hora a hora.

PROGRAMA 2

16.00: Música do Século XX — Judith, suite de bailado, de Velden; **16.27:** Alguns trechos da ópera «Macbeth», de Verdi; **17.00:** Integrais — As 32 sonatas de Beethoven, para piano; **17.25:** Concerto em ré menor, para violino e orquestra, de Schumann; **18.00:** Quarteto n.º 23 em fá maior, k.590, de Mozart; **18.40:** Grandes Intérpretes — O pianista Noel Lee interpreta: Fantasia para piano, de Aaron Copland — O Maestro Kurt Sanderling, dirige a Orquestra «Philarmonia» em: Sinfonia n.º 2 em ré maior op. 36, de Beethoven; **20.15:** Transmissão directa do Teatro Nacional de S. Carlos da ópera em 3 actos «Falstaff» de Verdi; 1.º intervalo — Solos de órgão, 2.º intervalo — Solos de Cravo; **00.00:** Variações Goldberg, BWV 988, de Bach; **01.00:** Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397)

15.00: Dora a hora; **17.00:** A feira mágica; **19.15:** Som de retorno; **20.00:** Conta corrente; **21.00:** Discos pedidos; **22.00:** Portugal e a CEE; **22.15:** Religiosos; **22.30:** Tempo de desporto; **23.00:** Vigésima quarta hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM estéreo (97.4 MHz)

15.00: A casa da música; **16.00:** O som da frente; **17.00:** Rock em stock; **18.00:** Círculo em FM; **19.00:** Em órbita- **20.00:** Nova geração; **21.00:** Jazzofone; : **22.00:** As mil e uma noites. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Onda Média

15.00: Ré maior; **18.30:** Transmissão do terço; **19.00:** Quiosque; **19.30:** Quando o telefone toca; **20.00:** Conversa de amigos; **21.00:** Encontro; **22.00:** Diário do desporto; **22.30:** Club dos coleccionadores; **23.30:** A vez e a voz; **23.55:** Meditando.

TELEVISÃO

RTP/1

18.00 – Sumário

18.07 – Tempo dos Mais Novos
A emissão de hoje é preenchida com mais um episódio das séries «Lendas do Mundo» e «O Urso Teddy».

18.45 – País, País

19.45 – Desenhos Animados
«Recruta Bailey»

19.50 – O Grande Livro de Petete

20.00 – Telejornal

20.30 – Boletim Meteorológico

20.40 – Corpo a Corpo

(73.º episódio):
Raul nega ter-se encontrado com Eloá em Madrid. Sónia discute com Claudio e conta-lhe tudo o que ouviu de Odete. Alice conta a Alfredo que Bia está doente e este vai buscá-la. O delegado afirma que Raul não pode ser preso por falta de provas contra ele. Osmar volta à delegacia sozinho, para pedir ao delegado que continue com o inquérito. Este insinua que Eloá possa estar louca.
Osmar, irritado, sai da esquadra e pede a Eloá que se demita da Fraga Dantas e volte a morar com ele e com Ronald.

21.15 – Europa
«Consumidores somos todos nós» – este o título do próximo programa Europa. Em evidência vai estar a cronologia da história dos movimentos de consumidores, a sua inclusão na Europa e influência junto da Comunidade. Regras comunitárias de protecção e informação ao consumidor. A concorrência e os benefícios de um grande mercado como é a Europa.

22.00 – A Balada de Hill Street
(3.º Episódio)
Godblume provoca um violador que assaltou a sua exmulher para que ele fuja e cometa um assassínio.
Intérepretes: Daniel J. Travanti, Verónica Hamel, Joe Spano, Robert Prosky.

22.55 – Aniversário da Constituição de 1911
Programa evocativo do 75.º Aniversário da Constituição de 1911 e, simultaneamente, da entrada em funcionamento da Assembleia Constituibnte. A coordenação esteve a cargo de Adelino Ramos que baseado num texto do historiador César de Oliveira recorreu à utilização de imagens, documentos e fotografias do período contido entre 5 de 1910 e Agosto de 1911 para realizar esta emissão.

23.25 – Últimas Notícias

23.30 – México/86

«A Balada de Hill Street» de volta à RTP-1

«O Sonho de Marie Aubarede»: hoje o último episódio

RTP 2

16.30 – Europa TV
Indicativo; O Tempo

16.35 – Tempo dos Mais Pequeninos
A emissão é preenchida com Desenhos Animados

16.50 – Count Down

17.30 – O Tempo

17.40 – Europa México/86

18.50 – O Mundo Amanhã
«O Tempo»

19.00 – Eurorepórter

19.30 – Musical
«Eugen Jochen – Concerto para Violino de Mozart»

20.00 – Notícias

20.05 – Conheça Melhor
«Tailância»

20.35 – O Sonho de Marie Aubarede
(Último Episódio)
Terminada a guerra na Algéria, Antoine regressa a Ruão e, ao fim de três meses, é promovido na cozinha do chefe Julius Grand. Mas o sonho de Antoine é outro e, consciente dos seus dotes culinários, começa a procurar em Paris um local onde possa abrir o seu próprio restaurante. Também Alain se lançara em idêntica aventura, comprando uma pequena estalagem, «A Magnólia». Ambos estão confiantes no êxito da «nova cozinha francesa» de que são pioneiros. Entretanto, Martine de Helnac, já licenciada em ciências políticas, vai visitar a mãe e leva-a a jantar ao restaurante da moda, onde a cozinha de um certo Antoine Coste está a ter grande êxito...
Intérpretes: Jean-Claude Bouillaud, Phillippe Deplanche, Jacques Dynam, Pierre Gerad, Alix de Konopka.
Adaptação e realização de Roger Pigaut.

21.35 – Notícias

21.40 – Encontros Com...
«Aníbal Lima»: Mário Figueiredo entrevista o violinista Aníbal Lima, que interpreta a 1.ª e 3.ª sonatas de Heitor Villa-Lobos. Ao piano Armando Vidal.

22.20 – Últimas Notícias

22.25 – Vereda Tropical
(26.º e 27.º episódios)

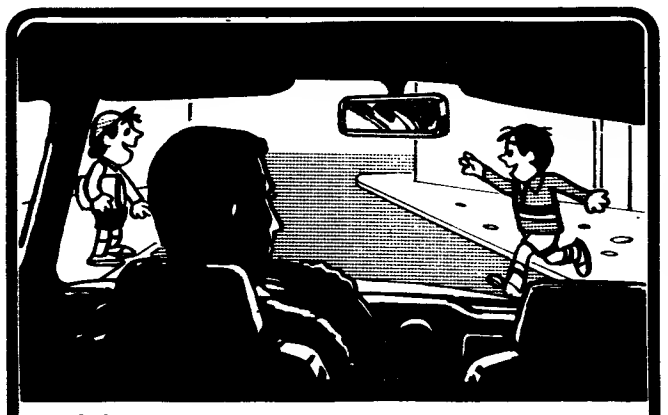
AMANHÃ

RTP/1

11.00 – Sumário
11.07 – Gente Singular
11.30 – Espaço 11/13
12.30 – Vereda Tropical
(52.º episódio):
Verónica continua a tentar convencer Oliva a impedir o casamento de Luca com Silvana. Leo, muito animada, levanta dinheiro para Teo e convida-o para assistir à festa de Luca, na cantina. Jamil confessa a Theda que costuma usar a escada para fugir pela janela. Alfredo conta a Gabi a história do projecto secreto de Catarina e tenta convencê-la a participar. O plano de Luca e Zeca é gorado pela chegada de Da Paz que ataca o falso ladrão no quarto de Silvana. Theda diz a Jamil que não quer continuar a trabalhar para ele. Silvana aceita casar-se com Luca.
13.15 – Jornal da Tarde
13.35 – Ciclo Preparatório TV
18.00 – Sumário
18.07 – Tempo dos Mais Novos
18.45 – País, País
19.15 – Romanceiro
19.50 – O Livro Grande de Petete
20.00 – Telejornal
20.30 – Boletim Meteorológico
20.40 – Corpo a Corpo
21.30 – Allô, Allô
22.30 – Mátria
23.15 – 24 Horas
23.40 – México/86

RTP 2

16.30 – Europa TV
16.35 – Tempo dos Mais Pequeninos
16.50 – Count Down
17.30 – O tempo
17.40 – Desporto em Revista
18.50 – O Mundo Amanhã
19.00 – O Jardim de Vénus
20.00 – Notícias
20.05 – Respire Ar
20.30 – Adágio
21.00 – Museu do Cinema
21.25 – Notícias
21.30 – Directo/2
22.30 – Últimas Notícias
22.35 – Vereda Tropical



AOS CONDUTORES

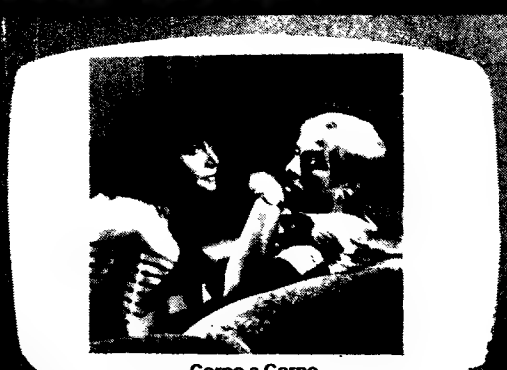
"Diminua a velocidade ao verificar que uma criança pode atravessar a rua distraidamente, para ir ter com alguém que está do outro lado da mesma."

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

GRUNDIG seleccionou para si...

RTP/1 Hill Street

RTP 2 Conheça Melhor



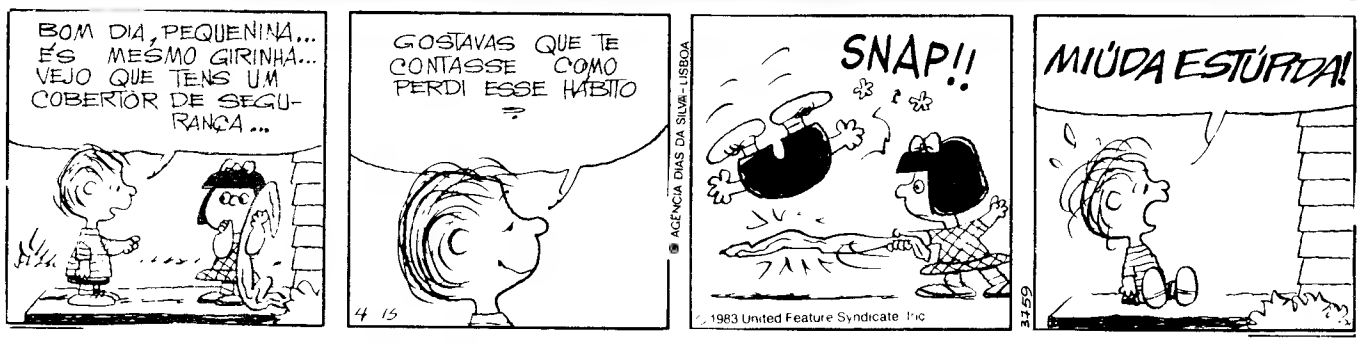
Corpo a Corpo

GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.
Rua Bento Jesus Caraça, 17
Cruz Quebrada-1495 LISBOA
Telef.: 4197570

PORTE PAGO
Fundador **Joaquim Manso**

Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos: **RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA**
TELEFONES: 32 11 54 / 5 – 32 02 71 / 2 3 Publicidade: 36 87 40
Serviço da noite (depois das 21): Porteiro: 32 11 54 Redacção: 32 02 71 / 2 / 3
Endereço Telegráfico DIBOA — Telex 12 363 LISBOA PORTUGAL
Distribuição: INTERPRESS Rua do Norte, 115-1.º — 1200 LISBOA
TELEFONES. 32 21 00 – 32 22 04 – 32 07 84
Preço do "DL" na Madeira 50$00
DEPÓSITO LEGAL: 1426/82

Director **A. Ruella Ramos**
Director adjunto **Fernando Piteira Santos**



PREIA-MAR

0.02	3,6 m
12.36	3,7 m
1.02	3,7 m
13.33	3,9 m

BAIXA-MAR

6.01	1,1 m
18.29	1,1 m
Dia 20	
6.54	1,0 m
19.22	0,9 m

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS

BRAGANÇA	12
VIANA DO CASTELO	12°
VILA REAL	12°
PORTO	13°
COIMBRA	13°
CABO CARVOEIRO	14°
CASTELO BRANCO	11°
PORTALEGRE	10°
LISBOA	12
ÉVORA	12°
BEJA	12°
FARO	18°
SAGRES	15°
PONTA DELGADA	15°
FUNCHAL	16°

PREVISÃO DO TEMPO PARA HOJE

Períodos de céu muito nublado. Vento fraco ou moderado de Noroeste. Aguaceiros nas regiões do Norte e Centro especialmente durante a tarde. Possibilidade de trovoadas. Descida de temperatura.

Plenário não aceitou proposta da gerência

Continuação da pág. 1

O ponto de partida para o início da greve, que tem uma primeira fase prevista de cinco dias, foi o desencontro entre a proposta da gerência para aumentos da massa salarial em 15,5 por cento, e as exigências dos trabalhadores de aumentos de 20,5 por cento. Esta noite, numa reunião prolongada pela madrugada e que, inclusive, chegou a ser encarada com optimismo pelos negociadores, o Conselho de Gerência admitiu ceder ligeiramente quanto a alguns grupos salariais, sem abdicar da proposta de base de 15,5 por cento para aumentos. Os negociadores sindicais baixaram, entretanto, em dois pontos e meio a sua proposta, fixando-a nos 18 por cento.

O plenário convocado para as 11 da manhã rejeitou a proposta do Conselho de Gerência pelo que o novo «round» negocial que não tinha ainda terminado ao encerrar-se esta edição do DL não deve, por ora, pôr fim à greve.

Propusemos à Administração partir ao meio a diferença que nos divide em termos de aumento salarial — disse um porta-voz sindical, que acrescescentou: **Suspenderemos a greve de imediato quando esta nossa proposta for aceite.**

Entretanto, um pedido de audiência ao Presidente da Republica, apresentado pelos sindicatos subscritores do pré-aviso de greve foi ontem rejeitado devido ao facto de o Governo não o considerar oportuno.

Um telex da Presidência para os sindicatos diz que Mário Soares contactou o Primeiro-Ministro tendo sido informado que, hoje mesmo, se realiza uma reunião sobre este conflito laboral, **razão pela qual o Governo não considera oportuno que o Presidente da República conceda a audiência solicitada.** A Casa Civil da Presidência acrescenta nesse telex que o Presidente da República considera **não dever intervir em negociações em curso.**

Conselho de Informação reuniu-se pela primeira vez

«A atitude do Governo ao desbloquear todo o processo que estava a impedir a concretização da existência do Conselho Superior de Informações foi mais do que eficaz, foi de coragem», afirmou ontem o general Pedro Cardoso à saída da primeira reunião daquele orgão coordenador do Sistema de Informações da República (SIR). Segundo o secretário-geral da Comissão Técnica do Conselho Superior de Informações não existe neste momento nenhum impedimento de ordem financeira à activação do conselho, mas é natural que ele «demore ainda algum tempo a funcionar em pleno», dada a complexidade das suas funções.

De acordo com o ministro da Administração Interna, Eurico de Melo, a reunião, que foi presidida por Cavaco Silva, constituiu essencialmente «uma troca de impressões sobre o funcionamento do conselho». Uma outra fonte oficial, citada pela Anop, disse também que foi feito «o ponto da situação e a inventariação dos meios» dos diferentes serviços que integram o SIR: Serviço de Informações de Segurança, dirigido por Ramiro Monteiro, Serviço de Informações Estratégicas de Defesa e Serviço de Informações Militares.

O Conselho Superior de Informações é presidido pelo primeiro ministro e compete-lhe aconselhar e coadjuvar o chefe do Governo na coordenaCão dos serviços de informações, pronunciar-se sobre todos os assuntos que lhe forem submetidos e propôr a orientação da actividade de pesquisa dos três serviços de informações.

Alem do primeiro Ministro, o conselho é constituído pelos ministros de Estado e Administração Interna, da Defesa, da Justiça, dos Negócios Estrangeiros e das Finanças e Plano, pelos ministros da Republica e presidentes dos governos das regiões autónomas, pelo Chefe de Estado Maior General das Forças Armadas, pelos chefes dos três serviços de informaçoes e pelo secretário geral da Comissão Técnica.

DE CARAS

MÁRIO SOARES inaugura no próximo dia 30, no Funchal, um monumento dedicado à «Bordadeira da Ilha da Madeira». A estatua, que está a ser erguida no jardim do Instituto do Bordado, Tapeçaria e Artesanato da Madeira, representa uma mulher a bordar e uma criança sentada ao lado. O Presidente da Republica inicia dia 27 uma visita de cinco dias à Região Autonoma da Madeira, a convite do Alberto João Jardim.

JAIME CORTESÃO: a sua politica contra o regime fascista foi ontem homenageada por José Ribeiro dos Santos, que publicou recentemente «Memorias da Memoria», uma evocação das últimas oito décadas da vida portuguesa. Antigo chefe de Redacção do «Diário de Lisboa» e director do «Diário de Noticias», actual director do Serviço de Ciência da Gulbenkian, Jose Ribeiro dos Santos deslocou-se à casa onde viveu Cortesão, a fim de entregar a viuva do historiador um exemplar do seu livro.

JESSE JACKSON, ex-candidato à presidência dos Estados Unidos, descreveu o presidente da África do Sul, Pieter Botha, como «mais perigoso do que Hitler» e sugeriu uma cimeira ocidental para analisar a crise sul-africana. Jackson, que esta em Paris a assistir a Conferência da ONU sobr sanções contra Pretoria, foi ontem recebido por François Mitterrand.

VALENTIN VDOVIN, embaixador da URSS em Portugal, em conferência de Imprensa realizada ontem, proferiu uma longa e fundamentada declaração sobre a politica internacional do seu país e as recentes iniciativas em defesa da Paz do dirigente sovietico, Mikhail Gorbachov. Afirmando que a URSS se empenha numa politica pacifica e apaziguadora, o embaixador V. P. Vdovin não deixou de sublinhar que «a URSS não é ingénua». Disposta a aceitar reduções efectivas no domínio dos armamentos nucleares e cláassicos, e a destruição das armas químicas, a URSS não poderá aceitar uma situação de inferioridade e de insegurança.

LEONARDO REIBEIRO DE ALMEIDA, ministro da Defesa, regressou ontem dos Açores, onde efectuou uma visita de trabalho a comandos e unidades militares sediados nas ilhas Terceira, Flores e S. Miguel e estabeleceu contactos com os ministros da República, presidente da Assembleia Regional e presidente do Governo Regional dos Açores.

SILVEIRA GODINHO, secretário de Estado adjunto do ministro da Defesa Nacional, na consecução da campanha empreendida pelo MDN para recuperaçao da dignidade da Bandeira e do Hino nacionais, entregou, no seu gabinete, 134 bandeiras nacionais aos núcleos regionais dos Açores, Aveiro e Lisboa do Corpo Nacional de Escutas.

Meira Soares eleito reitor da Universidade de Lisboa

Com 37 anos, o prof. Virgilio Meira Soares, ontem eleito reitor da Universidade Clássica de Lisboa, deverá ser o mais jovem reitor daquela Universidade.

Embora o Ministério da Educação tenha de ratificar a eleição, não deverá haver discordância até porque Meira Soares foi secretário de Estado do Ensino Superior no Governo PS/PSD, quando o actual ministro da Educação, João de Deus Pinheiro, substituiu José Augusto Seabra.

Segundo informação da Reitoria da Universidade Clássica à agência NP, a tomada de posse não deverá verificar-se antes das férias lectivas.

Na segunda volta, que ontem se realizou, o prof. Meira Soares, catedrático da Faculdade de Ciências, obteve 56,13 por cento dos votos expressos contra 42,45 por cento de Toscano Rico.

PCP promove debates com intelectuais

No salão da Biblioteca Nacional, ao Campo Grande, com início às 21.30 horas, a Direcção do Sector Intelectual de Lisboa do PCP vai realizar um conjunto de debates abertos, nas datas, sobre os temas e com as mesas abaixo indicadas, convidando-o a participar e intervir.

Dia 20 de Junho: Tema. **Europa e Portugal, o velho e o novo na democracia. Mesa: Barros Moura, Ilda Figueiredo, José Magalhaes e José Barata Moura.**

Dia 24 de Junho. Tema: Independência dos intelectuais, realidades e mitos. Mesa: Aboim Inglez, Gisela da Conceição, António Borges Coelho e Manuel Augusto Araújo.

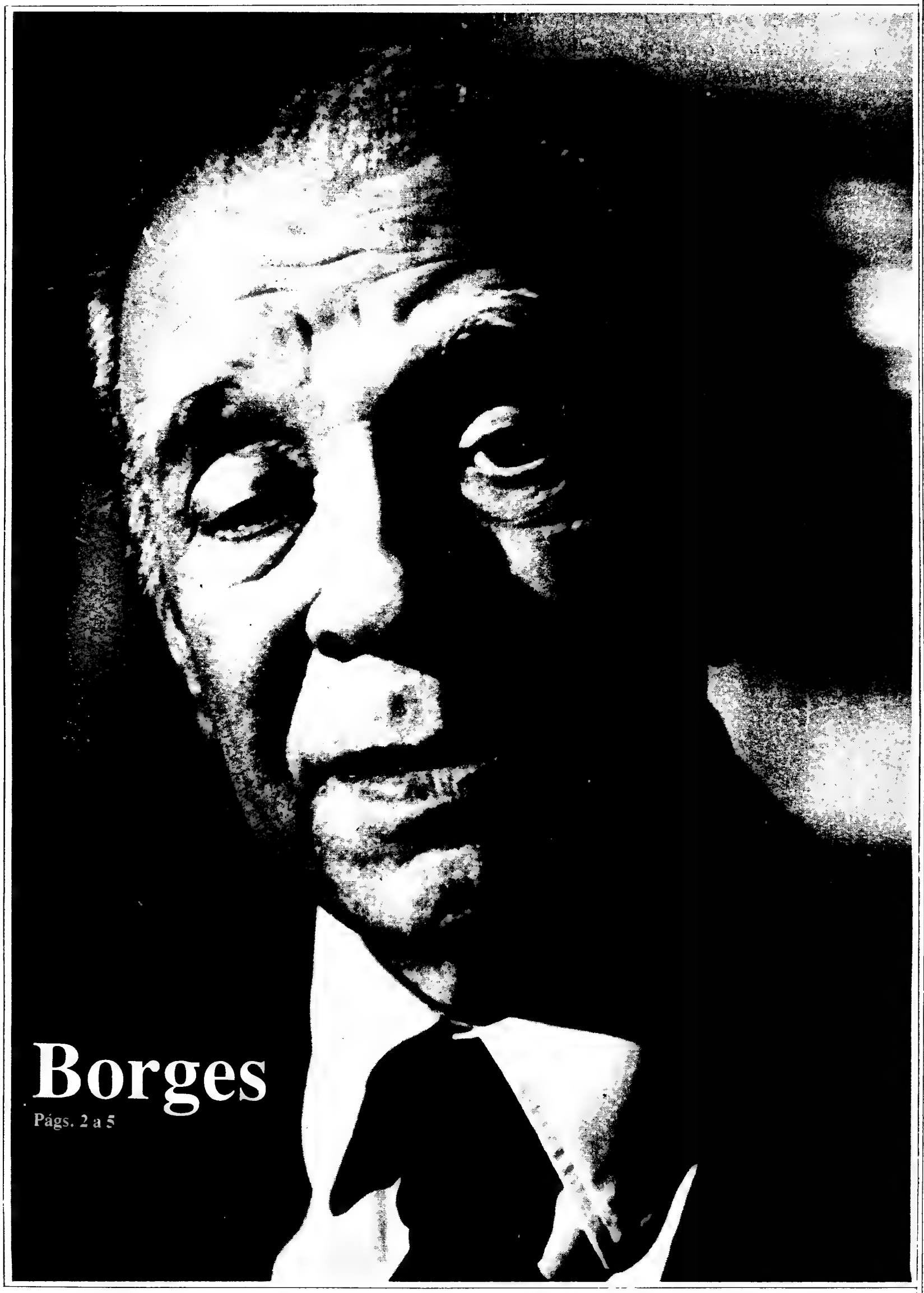
Dia 26 de Junho: Tema: **TV privada, para quê?** Mesa: António Abreu, Jorge Lemos, Artur Ramos, Marques Pinto e José Goulão.

Dia 1 de Julho: Tema: **Cultura emancipadora e cultura de alienação.** Mesa: Aurélio Santos, Manuel Gusmão, Urbano Tavares Rodrigues e Mário Vieira de Carvalho.

LER ESCREVER

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA». SAI AS QUINTAS-FEIRAS.
NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO, 44 1200 LISBOA. TELEF. 32 02 71/ 32 02 72.
TELEX: 12363

N.º 257



Borges

Págs. 2 a 5

Clip

Manuel da Fonseca exposto em Santiago

Quem passar por Santiago não deixe de visitar a exposição que a Câmara local organizou, em espaço seu, sobre a vida e a obra de Manuel da Fonseca; ele deseja, tanto quanto sabemos, regressar ali onde nasceu. Uma oportunidade rara de lançar um olhar de conjunto sobre material biobibliográfico rico, que lança mais luz sobre o percurso de um dos mais estimados escritores portugueses contemporâneos.

■ ■ ■

Mais de cem actores para Mário Zambujal

A "Crónica dos bons malandros", de Mário Zambujal, está a ser ensaiada por 19 grupos teatrais ribatejanos, num total de mais de cem actores. Trata-se da teatralização da narrativa, que já "dera" cinema. A estreia está marcada para 11 de Julho, no Trindade. O espectáculo recebeu um subsídio de 500 contos, da Gulbenkian, assinado por Pedro Tamen. — e foi esse o "pontapé de saída" do projecto, que viria a custar quatro vezes mais.

■ ■ ■

Francesco Rossi filma Garcia Marquez

Ornela Mutti e Anthony Delon (filho de Alain) são protagonistas do filme feito a partir da "Crónica de uma morte anunciada", de Gabriel Garcia Marquez, a realizar por Francesco Rosi, autor, entre outros, de "O caso Mattei". Dois suíços financiam o projecto, avaliado em 8,5 milhões de dólares.

■ ■ ■

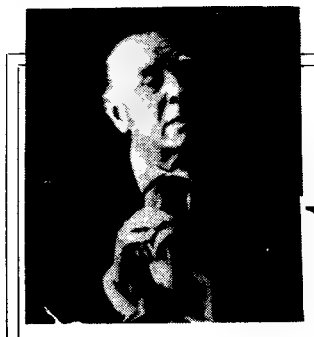
Feira do Livro: menos mas bons

Menos visitantes, mais negócio: a Feira do Livro de Lisboa não terá recebido os 500 mil visitantes, mas terá feito mais escudos — eis o que revelam as primeiras impressões da APEL após o seu fecho. Com este balanço aparentemente positivo, encontrarão os editores ânimo para arrancar já para o ano com a ideia de transformar a Feira num forum simultaneamente cultural?

■ ■ ■

Ulisses normal e para especialistas

A **Penguin Books** lançou na segunda-feira duas edições do **Ulisses** de James Joyce: uma normal, outra, para especialistas, incluindo todas as emendas estabelecidas pela enorme errata que o autor "celebrou" a primeira edição, em 1922. O livro só agora regressa à sua versão original, depois de ter sido censurado por editores, gralhas e emendas parciais.



Entre a biblioteca paterna e a de Babel

Um Borges morreu em Genebra

Passam os dias e a morte de Jorge Luis Borges vai-se tornando mais borgesiana: morreu dormindo, como dizem Maria Kodama e Hector Bianciotti, que o acompanhavam. Três dias antes, conseguira finalmente encontrar um apartamento no centro velho de Genebra, para onde quisera irresistivelmente voltar. Nem a ruela onde está o prédio tem nome, nem o prédio número. Nas últimas semanas telefonou a alguns amigos despedindo-se e entre eles a Bioy Casares a Silvia Ocampo; estes só domingo perceberam que aquele último **adiós** era um **adieu.** Borges, que faria 87 anos em 24 de Agosto próximo, trabalhava ainda no guião de um documentário sobre Veneza e acompanhava a preparação das suas Oeuvres Complètes a sair na Pleiade.

Genebra, em cujo Cemitério dos Reis o corpo de Borges foi ontem sepultado, fora a cidade onde, a partir de 1914, o autor do **Aleph** estudara alemão e francês, e concluíra o seu bacharelato.

A sua fortuna pessoal, avaliada em meio milhão de dólares, e os enormes direitos de autor que constituem rendimento permanente, vão na sua maior parte para Maria Kodama, de 43 anos, que conheceu Borges na adolescência e passou a ser sua secretária e companhia permanente. A irmã do escritor, Norah, tem tentado obstruir todas as consequências legais do casamento com a «japonesa» (Kodama é filha de um japonês residente na Argentina e de uma uruguaya), e afirmara, recentemente que nesta ligação tardia havia algo de «diabólico».

Borges era um autor conhecido de um círculo relativamente restrito e nacional quando em 1951 Roger Caillois publicou uma tradução de **Ficciones** na sua colecção **Croix du Sud.** O livro abriu ao escritor o espaço de leitura do mundo francófono. Quando, dez anos depois, partilha com Samuel Beckett o prémio Formentor, traduções da sua relativamente pequena obra multiplicam-se por todo o Mundo, e a sua problemática já conquistou um público inumerável: o eterno retorno e a repetição, a cumplicidade de sentido entre factos segundos e muito separados no tempo (e que se tornam decisivos), a história das palavras e da sua dispersão, a sempre problemática identidade, o labirinto.

Sabe-se que o pai de Borges, leitor de William James, anarquista e ele próprio quase-escritor, o iniciou desde a infância na sua biblioteca, de que ele viria a dizer «nunca ter saído». O pai ter-lhe-á explicado os paradoxos de Zenão num tabuleiro de xadrez, e dado a ler Stevenson, Poe, Carroll, Dickens, Grimm, e depois Hume e Berkeley. As **Mil e Uma Noites, D. Quixote,** terão sido das primeiras paixões da criança míope e prodigiosa, que aos seis anos esboçava um tratado de mitologia grega e aos nove traduzia O **Príncipe Feliz** de Óscar Wilde.

Preferindo sempre o texto curto, fugindo aos livros longos, agrupando e reagrupando poemas, pequenos ensaios e pequenos contos em novas edições acrescentadas, e sempre acompanhadas de novos prólogos, Borges viria a tornar-se num dos mais importantes escritores contemporâneos. Na Europa, a sua influência atingiu largamente faculdades de filosofia e de disciplinas da linguagem.

Simulacro

«Desvario laborioso e empobrecedor o de compor vastos livros, o de espraiar em quinhentas páginas uma ideia cuja perfeita exposição oral cabe em poucos minutos», explica ele num prefácio de 1941 para **Ficciones**. Dir-se-ia que assim responde à curiosidade dos que estranham o seu desinteresse pelo romance. Mas conclui, logo em seguida, avançando um passo mais do que se esperava: «Melhor procedimento é simular que esses livros já existem e oferecer um resumo, um comentário.» Ao preferir, tantas vezes, a escrita de notas sobre livros imaginários, como se eles devessem existir para poderem ser alvo de apologia, de comparação e de repúdio, Borges dissolveu os limites da biblioteca e adensou o labirinto. Do mesmo modo, precisou de uma zoologia fantástica, porque o seu bestiário não era confinável ao do real.

Ernesto Sabato, entrevistado já depois da morte de Borges, recorda como este costumava interrogá-lo, em certa época, sobre a quarta dimensão e sobre a natureza finita ou infinita do Universo: «Tinha uma verdadeira paixão por estas questões, mas misturava-as com o problema dos sonhos». As questões científicas e filosóficas interessavam-lhe porque iriam transformar-se em literatura. Em Platão ou Nietzsche cativou-o a circularidade do tempo, pouco mais. Em **Borges y yo**, que acabou por agregar a outros pequenos textos para fazer **El Hacedor** — último volume das primeiras Obras Completas publicadas pela Emecê — um dos Borges, aquele que vai cedendo tudo ao outro, que escreve, diz: «Há anos tentei livrar-me dele e passei das mitologias de arrabalde aos jogos com o tempo e com o infinito, porém esses jogos são agora de Borges, e eu terei de imaginar outras coisas.»

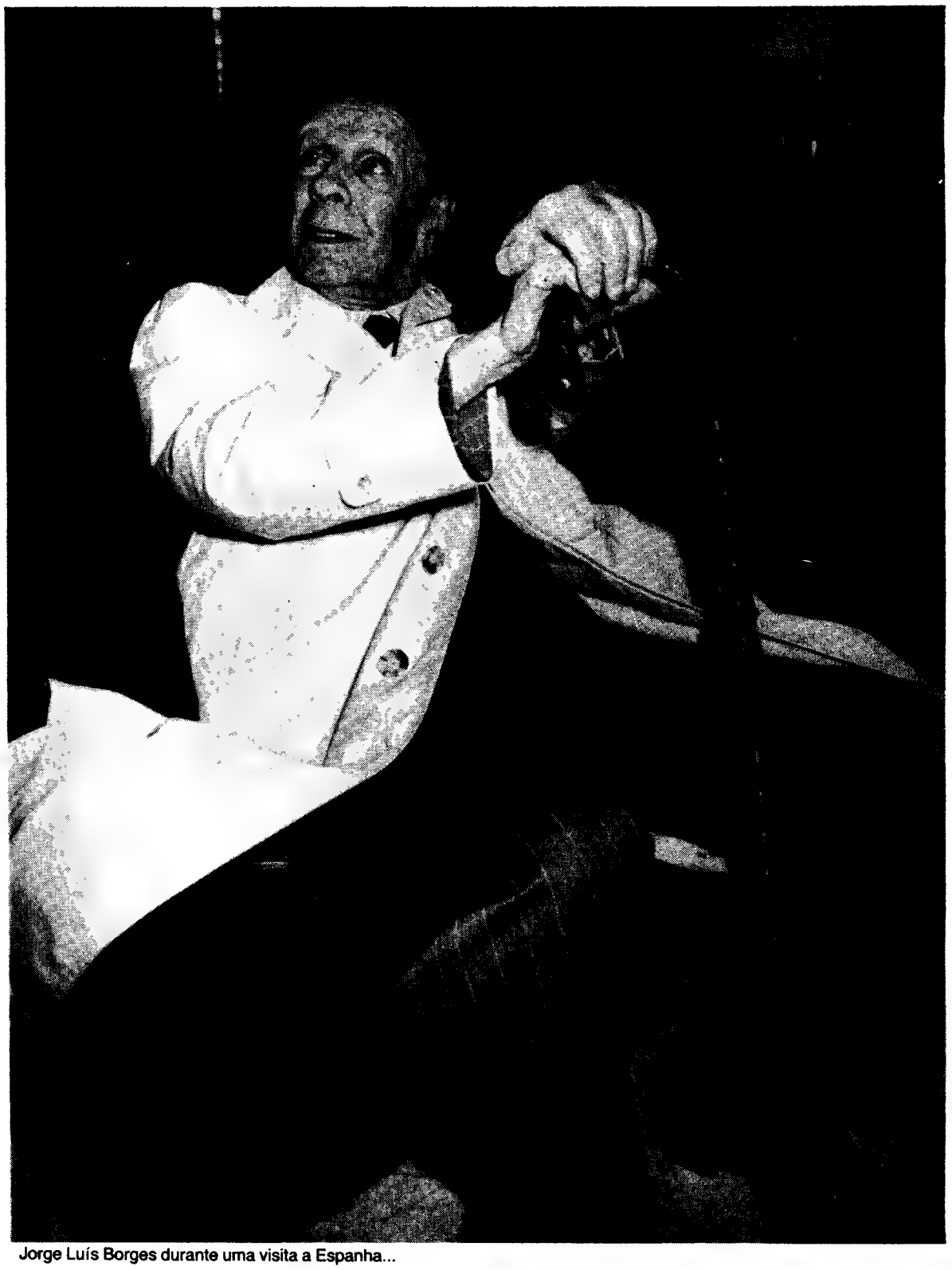
Eclético, contraditório, não desejando ser reconhecido pela sua coerência, Borges não soube, geralmente, que textos eleger entre os seus próprios: num acrescento de 1956 ao prólogo de 1944 para **Artificios** (grupo de narrativas integrado nas **Ficciones**), escreve sobre **El Sur** (que aqui reproduzimos, v. pág. 5): **«El Sur**, porventura o meu melhor conto...» Mas em 1967, **El Sur** não consta de uma «Nova Antologia Pessoal» que o escritor organiza com poemas, contos e ensaios «pelos quais quer ser julgado». É considerável o número de textos destruídos, escorraçados, esquecidos pelo autor, e não apenas os da época «ultraísta», dos primeiros anos 20.

Considerado um escritor barroco, diz-se cansado dessa atitude de escrita num outro prólogo, de 1970, para **El informe de Broglie**: «Renunciei às surpresas de um estilo barroco; e também às que se deparam a finais imprevistos. Preferi, em suma, a preparação de uma expectativa à de um assombro. Durante muitos anos acreditei que me seria dado alcançar uma boa página mediante variações e novidades; agora, cumpridos os setenta (anos), creio ter encontrado a minha voz».

Caminho para o banal? Para um banal cada vez mais ligado à inexistente Buenos Aires da sua infância? Porventura sim, se nesse banal reconhecermos o mais complexo e por vezes o mais irónico dos universos. Será verdade que, ao falar do labirinto de Creta, Borges estará sobretudo a invocar os seus eternos saguões, portais e pátios argentinos. Tal é, para um gigantesco criador de mundos, o sortilégio do que está confinado a uma memória, a um lugar. Que uma faca e uma esquina se tornem ensejos de um texto limite e transcultural, eis a «simplicidade» de Borges.

O mesmo com a língua em que escreveu: espanhol ou argentino? Terrivelmente argentino, dir-se-á. Também Bernard Shaw, referindo-se aos americanos, dizia: «Nós, tão separados por uma língua comum...»

Continua na pag. 3



Jorge Luís Borges durante uma visita a Espanha...

Caminho para o banal? Para um banal cada vez mais ligado à inexistente Buenos Aires da sua infância? Porventura sim, se nesse banal reconhecermos o mais complexo e por vezes o mais irónico dos universos.

Continuação da pág. 2

Política

O homem dos livros terá tido atitudes políticas equívocas: saudando o golpe militar argentino (embora igualmente a posterior chegada da democracia), elogiando os militares chilenos, abstendo-se de qualquer gesto de solidariedade. É conhecido o incidente em que Cortazar o acusa de ignorar activamente o que se passa com os «desaparecidos», respondendo Borges: «Cortazar? Não conheço. Será talvez um jogador de futebol». Ele «não sabia» quem era Cortazar, nem Vargas Llosa, nem Garcia Marquez, nem nenhum outro grande autor latino-americano, a não ser Bioy Casares, com quem escreveu sob pseudónimo e com quem organizou sucessivas antologias do conto policial. Em diversas entrevistas, na Europa, ora iludiu as questões relativas às suas posições políticas, ora admitiu ser conservador. É proverbial a sua animosidade contra o peronismo, em cujo populismo meio obreirista, meio mussoliniano, via sobretudo a ascensão de uma perversa mediocridade intelectual. Perón, aliás, afastou-o do seu lugar numa biblioteca municipal de Buenos Aires para o transformar em fiscal de galinhas e coelhos nos mercados da cidade. Ele conseguiu fugir para um posto de professor, mas o seu despeito passou a não ter limites. Até há bem pouco as suas referências a Perón e sua mulher, Evita, estiveram sempre envenenadas por um violento ódio pessoal.

Com a queda do casal, em 1955, Borges viria a ser designado director da Biblioteca Nacional Argentina. A cegueira quase total, porém, impede-o de ler e escrever: «Rodeado de novecentos mil livros, já não conseguia senão decifrar títulos — contará ele. — É essa a ironia de Deus: deu-me ao mesmo tempo os livros... e a noite». Borges terá acabado por pagar o preço da sua «irreverência direitista»: ele, que se comportava, na prática, como um aristocrata da cultura, viu-se isolado entre leitores maravilhados: a «cultura de esquerda» respondia-lhe ignorando-o ou menosprezando o seu trabalho, e ainda hoje, após a sua morte, muitos conservaram essa atitude, abstendo-se de tomar a palavra para o evocar.

Nos últimos anos, Borges terá adoptado uma posição de desinteresse activo pela política, embora a glosasse com a humildade, a ironia e a bonomia de sempre. Humildade, ironia e bonomia que caracterizavam, igualmente, muitos das suas intervenções sobre a sua própria obra: lembramo-nos de uma conferência-diálogo, em Cascais, há dois anos, em que Borges era interrogado por um escritor português sobre a literatura islandesa, as sagas, escritos medievais. Quem respondia era o **outro** Borges, aquele que preferia não estar à altura do Borges criador. E fazia-o desconcertantemente, com o encanto e a desarmante facilidade de quem se habituou a estar, sempre, no **dernier sallon où l'on cause.**

Borgesianos

A propósito dele se dirá, e talvez agora mais do que nunca, que a sua escrita operou uma ruptura no tocante às nossas relações com o mito, com o maravilhoso, e portanto com o real. Esse argentino que, já em Genebra, este ano, dizia de todos os latino-americanos que são «europeus exilados», terá marcado sucessivas gerações da cultura europeia, maravilhando-a e obrigando-a a definir-se como borgesiana ou não borgesiana.

E no entanto, o viajante incansável, o velho cego, o tímido sedutor que Maria Kodama conduzia de olhos no chão, nunca terá atravessado a nossa porta a não ser hesitando, como quem se desculpa. Como quando, entrando na sua Biblioteca, a babélica, kafkiana biblioteca infinita, pensa encontrar Lugones, morto anos antes, para lhe oferecer um livro:

«A minha vaidade e nostalgia armaram esta cena impossível. Assim será, digo a mim próprio, mas amanhã também terei morrido e confundir-se-ão os nossos tempos e perder-se-á a cronologia numa urbe de símbolos, e de algum modo será justo afirmar que eu lhe trouxe este livro e que você o aceitou».

Aí está. Sábado passado, a cronologia confundiu-se definitivamente para Borges, e, portanto, também um pouco mais para nós. Um incidente levíssimo, para quem nos habituara a inverter acidentalmente, e tantas vezes, a posição do relógio de areia, como se, nesse jogo, estivesse a chave de uma terapia sem nome, a da soberana reversibilidade do real. Um Borges morreu sem dúvida em Genebra, mas qual deles? O outro continuará a habitar o nosso vendaval.

João Mendes

...e com Maria Kodama, hoje sua viúva, com 43 anos

Ficções

Do rigor na ciência

... Naquele Império, a Arte da Cartografia atingiu tal Perfeição que o Mapa de uma só Província ocupava toda uma Cidade, e o Mapa do Império toda uma Província. Com o tempo, estes Mapas Desmesurados não satisfizeram, e os Colégios de Cartógrafos levantaram um Mapa do Império, que tinha o Tamanho do Império e coincidia pontualmnte com ele. Menos Dadas ao Estudo da Cartografia, as Gerações Seguintes entenderam que esse dilatado Mapa era Inútil e não sem Impiedade entregaram-no às Inclemências do Sol e dos Invernos. Nos Desertos do Oeste perduram despedaçadas Ruínas do a Mapa habitadas por Animais e por Mendigos; em todo o País não há outra relíquia das Disciplinas Cartográficas.

(Suárez Miranda: Viagens de Varões Prudentes, livro quarto, cap. XIV, Lérida, 1658)

JLB, Ficciones

Diálogo sobre um diálogo

A. — Distraídos a raciocinar sobre a imortalidade, tínhamos deixado que anoitecesse sem acender a lâmpada. Não víamos as nossas caras. Com uma indiferença e uma doçura mais convincentes que o fervor, a voz de Macedónio Fernández repetia que a alma é imortal. Assegurava-me que a morte do corpo é de todo insignificante e que morrer tem de ser o facto mais nulo que pode suceder a um homem. Eu brincava com a navalha de Macedónio; abria-a e fechava-a. Um acordeão vizinho despachava infinitamente a Cumparsita, essa pamplina consternada que agrada a muitas pessoas, porque lhes mentiram que é velha... Eu propus a Macedónio que nos suicedássemos, para discutirmos sem estorvo.

Z. (troçando) — Mas suspeito que acabaram por não se resolverem.

A. (já em plena mística) — Francamente não recordo se nessa noite nos suicidámos.

JLB, El Hacedor

Argumentum ornithologicum

Fecho os olhos e vejo um bando de pássaros. A visão dura um segundo ou talvez menos, não sei quantos pássaros vi. Era definido ou indefinido o seu número? O problema envolve o da existência de Deus. Se Deus existe, o número é definido, porque Deus sabe quantos pássaros vi. Se Deus não existe, o número é indefinido, porque ninguém poude fazer a conta. Em tal caso, vi menos de dez pássaros (digamos) e mais de um, mas não vi nove, oito, sete, seis, cinco, quatro, três ou dois pássaros. Vi um número entre dez e um, que não é nove, oito, sete, seis, cinco, etcétera. Esse número inteiro é inconcebível; ergo, Deus existe.

JLB, El Hacedor

Borges e eu

Ao outro, a Borges, é que acontecem as coisas. Eu caminho por Buenos Aires e demoro-me, porventura já mecanicamente, para olhar o arco de um saguão e um portal de grades; de Borges tenho notícias pelo correio e vejo o seu nome entre o de professores e num dicionário biográfico. Gosto das ampulhetas, de mapas, da tipografia do século XVIII, do sabor do café e da prosa de Stevenson; o outro partilha estas preferências, mas com vanidade, o que as converte em atributos de um actor. Seria exagerado afirmar que a nossa relação é hostil; eu vivo, deixo-me viver, para que Borges possa tramar a sua literatura e essa literatura justifica-me. Não me custa confessar que logrou algumas páginas válidas, mas essas páginas não me podem salvar, talvez porque o bom já não é de ninguém, nem sequer do outro, senão da linguagem ou da tradição. Para mais estou destinado a perder-me, definitivamente, e só algum instante de mim poderá sobreviver no outro. Pouco a pouco vou-lhe cedendo tudo, embora me conste o seu perverso costume de falsear e magnificar. Spinoza entendeu que todas as coisas querem perserverar em seu ser; a pedra eternamente quer ser pedra e o tigre um tigre. Eu hei-de quedar-me em Borges, não em mim (se é que alguém sou), mas reconheço-me menos em seus livros do que em muitos outros, ou que no laborioso rasgo de uma guitarra. Há anos tratei de livrar-me dele e passei das mitologias do arrabal aos jogos com o tempo e com o infinito, mas esses jogos são de Borges agora, e terei de inventar outras coisas. Assim a minha vida é uma fuga e tudo perco, e tudo é do olvido, ou do outro.

Não sei qual de nós dois escreve esta página.

JLB, El Hacedor

Le regret d'Heraclite

Eu, que tantos homens fui, não fui nunca Aquele em cujo abraço desfalecia Matilde Urbach.

Gaspar Camerarius, in Delicias Poetarum Borussiae, VII, 16

JLB, El Hacedor

Datas num labirinto

Da esquerda para a direita: Borges com seu irmão Francisco e sua irmã Norah, Borges em 1923, Borges com Adolfo Bioy Casares e Borges em Cascais, em 1984

1899

Jorge Luís Borges nasce a 24 de Agosto em Buenos Aires, Rua Tucuman, filho de Jorge Guillermo Borges, escritor, autor de **El Caudillo,** anarquista, discípulo de William James, professor de inglês e de psicologia na Escola Normal de Línguas Vivas, tradutor de Omar Khayan. JLB dirá um dia que «nunca saiu da biblioteca do pai». Sua mãe: Leonor Acevedo Haedo.

1905

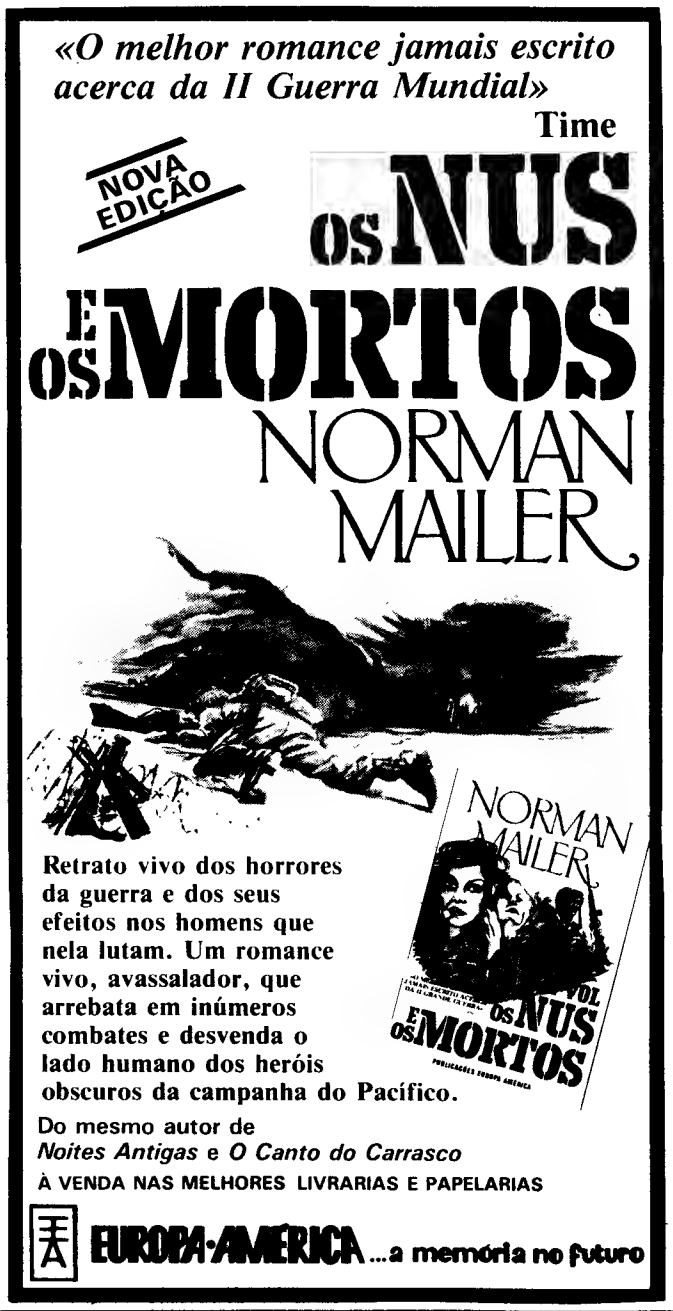
Com seis anos, esboça em inglês um manual de mitologia grega e escreve em espanhol o conto **La visera fatal.** Três anos depois traduz o **Príncipe Feliz,** de Oscar Wilde (publicado no diário **El País).**

1914

À beira de cegar, o pai reforma-se. A família vem para Genebra. Borges é inscrito, estuda, até ao bacharelato, no colégio fundado por Calvino. Aprende o francês e o alemão. Lê sobretudo Meyrink, Schopenauer, os expressionistas alemães, Whitman. Primeiros poemas em inglês e em francês.

1919

A faília instala-se em Espanha (Palma de Maiorca, Sevilha, Madrid). Na capital, conhece Rafael Cansinos Assens, poeta, romancista, tradutor. Adere ao **ultraísmo,** movimento poético animado por Assens, «reflexo tardio do que escrevera Baudelaire». Sua irmã Norah casará, 9 anos depois, com um outro poeta, Guillermo de Torre. Borges trabalha em **Los ritmos rojos,** uma apologia da revolução russa, e em **Los Naipes del Tahur,** ensaios políticos e literários, cujo manuscritos destruirá.



1921

De regresso a Buenos Aires, renega os seus anos europeus. Cria a revista ultraísta **Prisma,** e no ano seguinte a **Proa,** com Macedonio Fernandez. Até 1930, publica sete livros. De Fernandez, Borges dirá que lhe ensinou «a ser um leitor céptico, a ele que era originalmente crédulo».

1923

Londres, Paris, de novo Espanha. Publica a sua primeira antologia poética, **Fervor de Buenos Aires.**

1924

Relança **Proa,** desta vez com Ricardo Guiraldes. Liga-se ao grupo da revista de vanguarda **Martin Fierro.** Conhece o mexicano Alfonso Reys.

1925-1927

Publica **Luna de enfrente (2.º livro de poemas) e Inquisiciones** (ensaios). Virá a proibir a reedição deste último com as suas Obras Completas. O mesmo se passará com **El tamaño de mi esperanza (poemas),** do ano seguinte. Em 1927, publica, na **Martin Fierro, Noticia Policial,** primeira versão de **O homem à esquina da parede rosa.**

1928-1930

El idioma de los argentinos; conhece Nestor Iberra, seu primeiro tradutor para francês. Cuaderno San Martin (poemas). Liga-se a Adolfo Bioy Casares. Publica Evaristo Carriego.

1931

Victoria Ocampo funda a revista **Sur.** Borges está no comité de redacção e permanecerá colaborador regular. No ano seguinte, publica **Discusion** (ensaios).

1933-1936

Encontra Drieu La Rochelle, colaborador de **Sur,** que escreverá sobre ele o artigo **Borges vaut le voyage.** A revista **Megafono** consagra a Borges um dossier. Borges torna-se responsável do suplemento semanal diário **Crítica;** ali publica «Exercícios de prosa narrativa», que se tornarão na **História Universal de la Infamia,** publicado em 1935. **História de la Eternidad** no ano seguinte. Também em 36, traduz **A room of one's own,** de Virginia WOolf.

1937-1938

Antologia clasica de la literatura argentina, em co-autoria com Pedro Henriques Urena. Textos para actualidades cinematográficas e direcção de uma revista de divulgação científica. Em 1938, morte de seu pai. É nomeado «primeiro assistente» numa biblioteca municipal de Buenos Aires. Lê Dante, **A Divina Comédia.** Septicemia em consequência de um acidente: a sua vista fica afectada.

1941-1942

El jardin de senderos que se bifurcan (contos), primeira versão que dará **Ficciones.** Traduz Michaux e Faulkner **(Palmeiras Bravas).** Em 42, **Sur** publica sobre ele um número especial. Com Bioy Casares, sob o pseudónimo de H. Bustos Domecq, **Seis Problemas para Don Isidro Parodi** (novelas policiais). Regresso à poesia com **Del Infierno e del Ciylo.**

1943-1945

Poemas (1922-1943) reúne a sua obra poética. Com Bioy, Antologia **Os Melhores Contos Policiais.** Traduz **A metamorfose,** de Kafka. **Ficciones** em 1944, que ganhará, no ano seguinte, o grande prémio da SADE (Sociedade Argentina de Escritores). Em 1945, **El compadrito,** com Silvina Bullrich. Perón chega ao poder. Borges e sua irmã Norah são presos por participarem numa manifestação antiperonista.

1946

Borges perde o seu posto na Biblioteca e é designado inspector de aves de criação nos mercados municipais, mas consegue um posto de professor. Funda a revista **Los Annales de Buenos Aires** e publica novos contos policiais com Bioy Casares.

1947-1950

Nueva refutación del tiempo, El Aleph. É eleito presidente da SADE (posto de que se demitirá em 1953) e membro da Academia Goetheana de São Paulo.

1951

La muerte y la brujula (textos do **Aleph** e de **Ficciones**). Nova antologia de contos policiais com Bioy Casares. Com Delia Ingenieros, **Antiguas literaturas germânicas** (ensaio). Roger Caillois publica **Fictions** na sua colecção **Croix du Sud,** que torna Borges conhecido no mundo francófono.

1953

As edições Emecê iniciam a publicação das suas obras completas. Libreto para um ballet e **El Martin Fierro,** com Margarita Guerrero. **Otras inquisiciones.**

1954

Primeira obra consagrada a Borges: **Borges y la nueva generación,** de Adolfo Prieto.

1955

Queda de Perón. Borges é nomeado director da Biblioteca Nacional, sucedendo a Paul Broussac. É eleito membro da Academia. Guiões e novas antologias com Bioy.

1956

A sua vista não pára de piorar (Borges já sofreu 8 operações). Os médicos proíbem-no de ler e escrevr. Sua mãe torna-se a sua verdadeira secretária. Prémio Nacional de Literatura. Doutor Honoris Causa da Universidade de Cuyo. Cadeira de literatura inglesa na Universidade de Buenos Aires. Borges dirá: «sem me dar conta disso. qualifiquei-me para este lugar durante toda a vida».

1957-1960

Manual de zoologia fantástica, com Margarita Guerrero. Nova edição actualizada da obra poética. Quase cego, Borges escreve sobretudo poemas. Reúne textos para **El Hacedor,** último volume das Obras Completas da Emecê. Nova antologia com Biov.

1961-1963

Prémio Formentor partilhado com Samuel Beckett. A Universidade do Texas convida-o. Numerosas traduções por todo o mundo. **Antologia Personal** de poemas, contos e ensaios sobre os quais declara querer ser julgado. Por proposta de Malraux, De Gaulle agracia-o com a Ordem das Artes e Letras. Conferências em Londres, Oxford, Cambridge, Edimburgo, Paris, Genebra, Madrid.

1964

Número dos **Cahiers de l'Herne** dedicado a Borges. Em Paris, longas entrevistas radiofónicas posteriormente editadas em livro.

1967

Casamento com Elsa Astete Milan. Ensina poesia em Harvard. Publica o último livro escrito com Bioy. **Cronicas de Bustos Domecq.**

1968-1969

Versão aumentada do **Manual de Zoologia fantástica;** com Bioy, guião do filme **Invasion,** de Hugo Santiago; **Nueva Antologia Personal.** Simpósio sobre a sua obra na Universidade de Oklahoma. Nova Iorque e Israel. Harold Mantell filma, nos EUA, **The inner world of JLB. El otro, el mismo.**

1970-1975

Separa-se de Elsa Milan. **El informe De Broglie.** Em 1972, **El oro de los tigres.** Novo guião para H. Santiago, com Bioy. Nova edição das Obras Completas a Emecê, acrescentada. **El libro de la arena** (contos inéditos, 75). Morre sua mãe.

1977-1978

Diversas viagens à Europa, novas entrevistas.

1979-1983

Doutor honoris causa na Sorbonne. Lição no «Collège de France» e comenda da Legião de Honra entregue por Mitterrand.

1984-1985

Portugal. Visita a Moncorvo, conferência de Imprensa no Estoril-Sol. Publica-se a sua última recolha, **Los Conjurados,** em Madrid.

1986

Já em Genebra, para onde seguiu para tratar um cancro no fígado. casa-se por procuração no Paraguaiy com a secretária, Maria Kodama. Morreu no sábado passado, enquanto dormia. Foi enterrado ontem no cemitério dos Reis, na cidade do Leman.

O Sul

Este conto, incluído em «Ficciones», chegou a ser um dos preferidos do autor. No entanto, não figura na «Nueva antologia personal», editada pela Bruguera, em 1982, com prefácio de 1967

O homem que em 1871 desembarcou em Buenos Aires chamava-se Johannes Dahlmann e era pastor da igreja evangélica; em 1939, um dos seus netos, Juan Dahlmann, era secretário de uma biblioteca municipal na rua Córdoba e sentia-se profundamente argentino. O seu avô materno tinha sido aquele Francisco Flores, do 2.º de infantaria de linha, que morreu na fronteira de Buenos Aires, lanceado por índios de Catriel; na disputa entre as duas linhagens, Juan Dahlmann (talvez devido aos impulsos do sangue germânico) elegeu a desse antepassado romântico, ou de morte romântica. Uma moldura com a fotografia de um homem inexpressivo e barbudo, uma velha espada, a sorte e a coragem de certas músicas, o hábito das estrofes de Martin Fierro, os anos, o desengano e a solidão fomentaram esse crioulismo algo voluntarioso, mas nunca ostensivo. À custa de algumas privações, Dahlmann tinha conseguido salvar a fachada de uma estância no Sul que fora dos Flores; uma das constantes da sua memória era a imagem dos eucaliptos balsâmicos e da ampla casa rosada que fora um dia carmim. O trabalho e, quem sabe, a indolência retinham-no na cidade. Verão após Verão contentava-se com a ideia abstracta de posse e com a certeza de que a sua casa o esperava, num sítio preciso da planície. Nos últimos dias de Fevereiro de 1939, algo lhe aconteceu.

Cego a remorsos, o destino pode ser impiedoso com as mínimas distracções. Dahlmann tinha conseguido, nessa tarde, um exemplar desconjuntado das «Mil e Uma Noites», de Weil; ávido por examinar esse achado, não esperou pelo elevador e subiu rapidamente as escadas; algo na escuridão lhe roçou a cara, um morcego, um pássaro? Na cara da mulher que lhe abriu a porta viu estampado o horror, e a mão qeu passou pela cara apareceu rubra de sangue. A aresta de um batente recém-pintado que alguém se esqueceu de prender tinha-lhe feito aquela ferida. Dahlmann conseguiu adormecer, mas de madrugada estava acordado e desde então o sabor de todas as coisas foi atroz. A febre consumiu-o e as ilustrações das «Mil e Uma Noites» serviram de cenário aos pesadelos. Amigos e parentes visitavam-no e com um sorriso exagerado repetiam-lhe que o achavam muito bem. Dhalmann ouvia-os com uma espécie de estupor débil e maravilhava-o o facto de eles não suporem que estava no inferno. Passaram oito dias, que pareceram oito séculos. Uma tarde, o médico do costume apareceu com um novo médico e conduziram-no a um sanatório da rua Ecuador porque era indispensável que tirasse uma radiografia. Dahlmann, no táxi que os levou, pensou que numa casa que não fosse a sua poderia, enfim, dormir. Sentiu-se feliz e conversador; quando chegou, despiram-no, raparam-lhe a cabeça, prenderam-no com ferros a uma maca, iluminaram-no até à cegueira e à vertigem, auscultaram-no e um homem com uma máscara espetou-lhe uma agulha no braço. Acordou com náuseas, vendado, numa cela que tinha algo de um poço e nos dias e noites que se seguiram à operação poude entender que, até então, apenas tinha estado numa periferia do inferno, O gelo não deixava na sua boca o menor vestígio de frescura. Nesses dias, Dhalmann odiou-se minuciosamente; odiou a sua identidade, as suas necessidades corporais, a sua humilhação, a barba que lhe eriçava a cara. Sofreu com estoicismo os tratamentos, que eram muito dolorosos, mas quando o cirurgião lhe disse que tinha estado quase a morrer de uma septicemia, Dahlmann desatou a chorar, condoído pelo seu destino. As misérias físicas e a incessante previsão de más noites não o tinham deixado pensar e algo tão abstracto como a morte. Noutro dia, o cirurgião disse-lhe que estava a recuperar e que, em breve poderia ir convalescer para a estância. Incrivelmente, o dia prometido chegou.

À realidade agradam as simetrias e os anacronismos leves;Dahlmann tinha chegado ao sanatório num carro de praça e agora um carro de praça levava-o para Constitución. A primeira frescura do Outono,depois da opressão do Verão, era como um símbolo natural do seu destino resgatado da morte e da febre. A cidade, às sete da manhã, não tinha perdido esse ar de casa velha imprimido pela noite;as ruas eram como amplos saguões, as praças como pátios. Dahlmann reconhecia-a com felicidade e com um princípio de vertigem; uns segundos antes dos seus olhos as registarem, recordava as esquinas, as pequenas ruas, as modestas diferenças de Buenos Aires. Na luz amarela do novo dia, todas as coisas regressavam para ele.

Ninguém ignora que o sul começa do outro lado de Rivadavia. Dahlmann apenas repetia que isso não é convenção e que quem atravessa essa rua entra num mundo mais antigo e mais firme. No táxi procurava entre as novas construções a janela de ripas, o arco da porta, o saguão, o pátio íntimo.

No «hall» da estação deu-se conta de que faltavam trinta minutos. Recordou bruscamente que num café da Rua Brasil (a poucos metros da casa de Yrigoyen) havia um enorme gato que se deixava acariciar pelas pessoas, como uma divindade desdenhosa. Entrou. Ali estava o gato, adormecido. Pediu uma chávena de café, adoçou-a lentamente, provou-a (esse prazer tinha-lhe sido vedado na clínica) e pensou, enquanto alisava a pelagem negra, que aquele contacto era ilusório e que estavam como que separados por um vidro, porque o homem vive no tempo, na sucessão, e o mágico animal, na actualidade, na eternidade do instante. Ao largo do penúltimo cais o comboio esperava.Dahlmann percorreu as carruagens e encontrou uma quase vazia. Acomodou a mala na prateleira;quando as carruagens arrancaram, abriu-a e tirou, após alguma hesitação, o primeiro volume das «Mil e Uma Noites». Viajar com este livro, tão ligado à história da sua desgraça, era uma afirmação de que essa desgraça tinha sido anulada e um desafio alegre e secreto às frustradas forças do mal.

Dos dois lados do comboio, a cidade transformava-se em subúrbios; esta visão, e logo depois a dos jardins e quintas, atrasaram o princípio da leitura. A verdade é que Dahlmann leu pouco; a montanha de pedra magnética e o génio que jurou matar o seu protector eram, quem o nega, maravilhosos, mas não muito mais que a manhã e que o facto de ser.A felicidade distraía-o de Xerazade e dos seus milagres supérfluos; Dahlmann fechava o livro e deixava-se simplesmente viver.

O almoço (com a sopa servida em malgas de metal reluzente, como nos já remotos Verões da infância) foi outro gosto tranquilo e agradecido.

Amanhã acordarei na estância, pensava, e era como um tempo fora dos homens:o que avançava pelo dia outonal e pela geografia da pátria, e o outro, encarcerado num sanatório e sujeito a metódicas servidões. Viu casas de tijolo sem estarem rebocadas, esquinadas e amplas, infinitamente olhando o passar dos comboios; viu burros, nos caminhos de terra; viu regos, lagoas e fazendas; viu largas nuvens luminosas que pareciam de mármore, e todas estas coisas eram casuais, como sonhos da planície. Também pensou reconhecer árvores e bosques que não teria podido nomear,porque o seu conhecimento directo do campo era muito inferior ao seu conhecimento nostálgico e literário.

Dormiu por algum tempo e nos seus sonhos estava o ímpeto do comboio. Já o branco sol intolerável do meio-dia era o sol amarelo que precede o anoitecer e não tardaria a ser vermelho. Também o comboio era diferente; não era o que foi em Constitución, ao deixar o cais; a planície e as horas tinham-no atravessado e transfigurado.Lá fora a sombra móvel da carruagem alargava-se até ao horizonte.Não perturbavam a terra elementar nem povoações nem outros sinais humanos. Tudo era vasto, mas ao mesmo tempo íntimo e, de alguma maneira, secreto. No campo sem limites, às vezes não havia outra coisa do que um touro. A solidão era perfeita e talvez hostil, e Dahlmann suspeitou que viajava para o passado e não só para o Sul. Dessa conjuntura fantástica o distraiu o revisor que, ao ver o seu bilhete, o avisou de que o comboio não o deixaria na estação de sempre mas sim numa outra, um pouco antes e apenas conhecida por Dahlmann. (O homem acrescentou uma explicação que Dahlmann não se esforçou por entender ou sequer por ouvir, porque o mecanismo dos facto não lhe interessava).

O comboio deteve-se laboriosamente, quase no meio do campo. Do outro lado da linha, ficava a estação, que era pouco mais que um cais com um telhado. Não tinham nenhum veículo, mas o chefe adiantou que talvez conseguisse arranjar um numa loja a uns dez, doze quarteirões.

Dahlmann aceitou a caminhada como uma pequena aventura. Já se tinha fundido no sol, já o sol tinha desaparecido, mas um esplendor final exaltava a viva e silenciosa planície, antes que a noite a pintasse. Menos para não se fatigar do que para fazer durar estas crisas, Dahlmann caminhava devagar, aspirando com uma felicidade grave o odor do trevo.

O armazém, em tempos, tinha sido ocre, mas os anos tinham mitigado a seu favor essa cor violenta. Algo na sua pobre arquitectura lhe recordou uma gravura em aço, quem sabe de uma velha edição de «Paulo e Virgina». Atados ao parapeito encontravam-se alguns cavalos. Dahlmann, no interior, julgou reconhecer o patrão; depressa compreendeu que o tinha enganado a sua parecença com um dos empregados do sanatório. O homem, escutado o caso, disse que faria atar a carroça;para juntar outro facto àquele dia e para matar o tempo, Dahlmann resolveu comer no armazém.

Numa mesa comiam e bebiam ruidosamente uns mocetões, que Dahlmann, no princípio, ignorou. No chão, apoiado ao mostrador, de cócoras, imóvel, um homem muito velho.Os muitos anos haviam-no minguado e polido como as águas a uma pedra ou as gerações dos homens a uma sentença. Era escuro, pequeno e ressequido, e estava como fora do tempo, numa eternidade. Dahlmann registou com satisfação o poncho de fazenda, o amplo chapéu e a bota de montar,e disse para consigo próprio, rememorando inúteis discussões com gente dos partidos do Norte ou com intermediários, que gaúchos daqueles só existem no Sul.

Dahlmann instalou-se junto da janela. A escuridão foi-se afastando com o campo,mas o seu odor e os seus rumores ainda lhe chegavam entre os barrotes de ferro. O patrão trouxe-lhe sardinhas e depois carne assada; Dahlmann empurrou-as com uns copos de vinho tinto. Ocioso, saboreava o áspero sabor e deixava errar o olhar pelo local, já um pouco sonolento. A lâmpada de querosene pendia de um dos ganchos; os paroquianos da outra mesa eram três: dois pareciam peões de gado; outro, de traços achinezados e torpes, bebia com o chapéu posto. Dahlmann, de imediato, sentiu um leve roçar na cara. Junto ao copo ordinário de vidro turvo, sobre uma das abas do casaco, havia uma bolita de pão. Isso era tudo, mas alguém lha havia atirado.

Os da outra mesa pareciam alheados dele. Dahlmann, perplexo, decidiu que nada tinha acontecido e abriu o volume das «Mil e Uma Noites», como para tapar a realidade. Outra bolita o alcançou poucos minutos depois, e desta vez os peões riram-se. Dahlmann pensou que não estava assustado, mas que seria um disparate que ele, um convalescente, se deixasse arrastar por desconhecidos para uma luta confusa.Resolveu sair;já estava de pé quando o patrão se aproximou e o exortou com voz alarmada:

— Senhor Dahlmann não ligue a esses moços, que estão meio alegres.

Dahlmann não estranhou que o outro, agora, o conhecesse, mas sentiu que estas palavras conciliadoras agravavam, de facto, a situação. Antes, a provocação dos peões dirigia-se a um rosto acidental, quase a ninguém; agora seria contra ele e contra o seu nome e os vizinhos saberiam. Dahlmann afastou o patrão para o lado, enfrentou os peões e perguntou-lhes o que é que andavam à procura.

O compadrezito de cara achinezada parou, cambaleando. A um passo de Juan Dahlmann, injuriou-o aos berros, como se estivesse muito longe. Jogava a exagerar a sua bebedeira e esse exagero era uma ferocidade e uma burla. Entre palavrões e obscenidades, atirou ao ar uma comprida faca, seguiu-a com os olhos, apanhou-a, e convidou Dahlmann a lutar. O patrão objectou com voz trémula que Dalmann estava desarmado. Nessa altura algo imprevisível aconteceu.

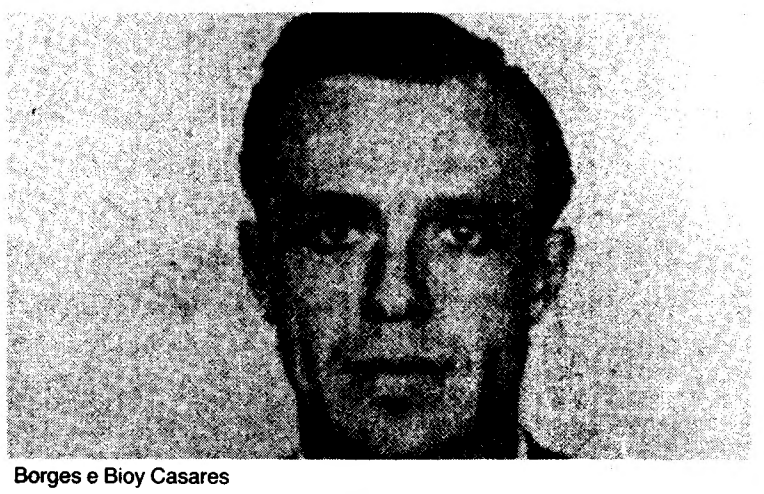
Do canto, o velho gaúcho estático, no qual Dahlmann vira um símbolo do Sul (do Sul que era seu) atirou-lhe um punhal nu que caiu a seus pés. Era como se o sul tivesse resolvido que Dahlmann aceitasse o duelo. Dahlmann inclinou-se para recolher a adaga e sentiu duas coisas. A primeira, que esse acto quase instintivo o comprometia a lutar. A segunda, que a arma na sua mão desastrada, não serviria para o defender, senão para justificar que o matassem. Tinha já empunhado um punhal, como todos os homens, mas a sua esgrima não passava de uma noção de que os golpes devem ir até acima e com o fio para dentro. Não me permitiram no sanatório passar por estas coisas, pensou.

— Vamos saindo — disse o outro.

Saíram e se Dahlmann não havia esperança, tão-pouco havia temor. Sentiu, ao atravessar o umbral, que morrer numa luta à navalha, a céu aberto e atacando, haveria sido uma libertação para ele, uma felicidade e uma festa, na primeira noite do sanatório, quando lhe espetaram a agulha. Sentiu que se ele então tivesse podido escolher ou sonhar a sua morte, esta é a morte que o sonho teria eleito.

Dahlmann empunha com firmeza a faca, que talvez não saberá manejar, e sai para a planície.

JLB, Ficciones



Borges e Bioy Casares

Estante infantil

Título

A ENERGIA NUCLEAR

Autor — Robin Mckie
Editor — Círculo de Leitores

HESITEI algum tempo entre trazer para a estante **A História da Bela Adormecida** e **A Energia Nuclear**. Hesitei mas não por qualquer tipo de preconceito do tipo «isto não é leitura para crianças», preconceito cada vez mais abalado e de fronteiras cada vez mais esbatidas.

De facto, com a invasão da nossa casa pela Televisão, as referências etárias deixaram praticamente de ter razão de existir. A uma criança basta-lhe levantar a mão (se, qualquer que seja a sua idade, nem precisa de se pôr em bicos dos pés...) para ter acesso a todas as questões, a todos os problemas, a todas as situações. Para um televisor, todos têm a mesma idade...

Se hesitei, foi apenas porque ambos os temas me são caros. Trazer agora **a energia nuclear** para a «Estante» resultou apenas de uma opção oportunista. Há que bater o ferro enquanto está quente. Traduzindo: aproveitemos enquanto está fresca na memória dos meios de comunicação o acidente de Tchernobil...

Deste acidente **A Energia Nuclear** não trata, pois a sua publicação data de 1984. Mas trata de outros, ainda mais graves e curiosamente menos badalados: o de Windscale e o de Three Mile Island, para dar apenas dois exemplos.

Começar por falar em acidentes pode querer dizer que estamos em presença de uma obra alarmista, mórbida ou mesmo preconceituosa quanto à utilização da energia nuclear. Nada disso.

Num livro densamente ilustrado, numa linguagem extremamente simples, como se costuma dizer, ao alcance de todos, o autor dá-nos o panorama actual da energia no seu conjunto. Que me lembre, nunca toma a defesa ou condena. Ele avança com os argumentos pró ou contra, refere informações e pontos de vista vindos de vários quadrantes. Nem tudo é inocente. O carvão? E então o dióxido de carbono acumulado na atmosfera? E então a famigerada chuva ácida?... O petróleo? E a terrível poluição? A energia solar? É tão difícil, incerta e cara...

A própria energia nuclear, que em tempos apareceu como salvadora da humanidade, capaz de satisfazer todas as necessidades energéticas, se vê questionada perante os graves problemas que levanta.

E que não são, pela sua gravidade, os que derivam das centrais nucleares. A verdade é que, como se prova, a proliferação de reactores conduz à possibilidade de aceder à produção de armas nucleares...

Desculpe a Bela Adormecida, mas a primazia justificava-se. Pessoalmente, gostaria de ver este livro nas mãos das crianças, dos jovens, dos adultos. Ficamos, depois dele, muito mais aptos a entender a questão fundamental do nosso tempo. Mais do que nunca, defender ou não defender a paz, eis a questão.

Mário Castrim

Escritores americanos de vanguarda

OS poetas estavam sentados no lugar dos juízes...

Era a Festa do livro de 1986, que se realizava no Palácio de Justiça de Aix-en-Provence, França, sobre o tema das «Escritas Transatlânticas», durante os três dias consagrados aos escritores americanos. Junto à estátua de Mirabeau, *enfant terrible* da região, na imensa sala de colunas, só se brandiam livros. Livreiros, editores de revistas, associações de americanistas, poetas, escritores, curiosos, precipitavam-se para as mesas guarnecidas de tudo o que diz respeito às letras e à cultura dos Estados Unidos, em inglês e em francês, para adultos e para crianças.

A embaixada dos Estados Unidos enviara o seu conselheiro cultural. Viu-se mesmo Pezet, antigo presidente do conselho regional, agora simples deputado, conversar com os participantes. Na sala do tribunal de instância realizaram-se encontros com os escritores: James Baldwin veio como vizinho, Grace Paley (*Les petits riens de la vie*), *Plus tard, le même jour*, edição Rivages); Jayne Ann Philips (*Tickets noirs*, etc Belfond); *Réves de machine*, Albin Michel, Robert Coover (*le Bûcher de Times Square: une education en Illinois*, ed. da Seuil, Robert Steiner (*Passion*, ed. Rivages), Jerôme Charyn (*Panna Maria*, na Seuil), e os poetas John Ashbery, Kenneth Koch, Harry Matheus, Joseph Simas.

No lugar de vedeta, o acusado, o modernismo. E o pós-modernismo. acordo sobre o que esse vocábulo encerrava, recusando uma querela dos antigos e dos modernos ou a pertença a uma vanguarda. E pôde constatar-se *devisu* que, se os escritores americanos explicavam de boa vontade perante os se participantes europeus entre si limitavam-se a dizer o mínimo. Como se ninguém reconhecesse em ninguém o mestre ou o discípulo. O poeta John Ashbery, por exemplo, considerado chefe de fila da escola de Nova Iorque, e que foi director de numerosas revistasda vanguarda poética, respondia com uma graça dizendo que não lia os poetas americanos de hoje. «*Leio os poCom efeito ninguém chegou a um etas ingleses do século XIX, a obra de Maurice Scève; estou a ler os romances de Marivaux...*» Os poetas sempre tiveram outra maneira de dizer a verdade, uma maneira mais directa de denunciar os escândalos da verdade. «*Creio que há hoje milhares de poetas americanos que não se lêem uns aos outros*», concluiu.

Acreditamos nele? A edição de uma bela antologia bilingue em inglês e francês, «*21+1, Poètes américains d'aujourd'hui*», pelas edições *Delta*, entronizando os escritores nascidos entre 1933 e 1956, prova-nos o contrário.

Charles Reznikoff o objectivista pessimista

CHARLES Reznikoff (1894-1976) é quase desconhecido na Europa, embora o seu nome surja por vezes nas antologias, por ser um dos grandes representantes da corrente "objectivista", um movimento poético de entre as duas guerras que marcou profundamente a poesia americana, esquecido durante um quarto de século e redescoberto nos anos 60 (1).

Ao publicar **Le musicien**, Paul Otchakovski-Laurens dá-nos a ler um romance espantoso: relato de uma amizade entre dois homens, dois amigos de infância que se encontram numa estação de caminho-de-ferro vinte anos depois. Um deles, o narrador, é caixeiro viajante; o outro Jude Dalsimer, argumentista ajudante em Hollywood... Dantes gostavam dos poetas, faziam ambos concursos de sonetos para exercitar a sua habilidade para escrever versos. E Jude vivia para a música, a sua música. Seria um grande músico? O narrador, que não percebe nada de música, não sabe dizê-lo. Perderam-se de vista. **"Tornámo-nos homens ocupados em trabalhos sérios e desagradáveis de que vivíamos"** diz o narrador. **"Julgava que eras músico"** diz a Jude, que contra-ataca: **"Que tens escrito nos últimos tempos?" — "Tenho escrito encomendas."**

Segundo as circunstâncias e as suas obrigações profissionais, o narrador vai, durante uns quinze anos tem grandes satisfações pessoais, encontrar Jude nos bares, nas ruas, nas gares e contar aquilo que sabe a seu respeito, expondo os factos friamente, sem interpretar, sem fazer psicologia nem sentimento. Curiosa construção, em parte dupla em que o narrador emprega o itálico para dizer o que sabe mas para o que não é tido nem havido. "Vejo uma coisa. Ela emociona-me. Transcrevo-a como a vejo. Abstenho-me de todo e qualquer comentário. Se descrevi bem o objecto, haverá alguém que ficará comovido mas também alguém que dirá: mas o que é isto?", explicava Charles Reznikoff, o objectivista.

Por mais que o narrador queira estar atento a Jude, o músico, ele é demasiado alérgico à sua música para que na verdade se estabeleça uma comunicação. **"Ainda bem que não é pior"**, responde ele a Jude que o põe ao corrente da desgradação da sua situação em Hollywood. E ascrescenta de si para consigo, **"porque me parecia que nunca conhecera nenhuma situação susceptível de não piorar"**.

Descoberto pela mulher depois da morte de Charles Reznikoff, o manuscrito data do início dos anos 50. Mas encontra-se nele uma América da depressão, a Hollywood onde se perdera um Scott Fitzgeralde, a Nova Iorque da angústia e do desemprego cuspindo o seu ódio aos judeus e aos imigrantes que **"nos roubam o nosso trabalho..."** Um romance atraente que lembra por vezes o **Je me souviens**, de Georges Pérec e que faz resurgir as grandes fases da memória de um escritor: — **"Eles perguntavam todos a si próprios se o espírito não era, antes de mais, memória. Uma memória tão profunda, tão sublime, que certos peixes por exemplo, se lembram do local onde nasceram e são capazes de reencontrar um pedaço de água no oceano..."** Charles Reznikoff arrasta-nos, insensivelmente, para as grandes profundidades da América. E intriga-nos **de Musicien** é, ao que parece, amplamente autobiográfico. Gostaríamos de o conhecer melhor, visto que Reznikoff o poeta, foi, durante algum tempo, VRP.

Nicole Zand

(1) Os objectivistas são um dos numerosos grupos de vanguarda dos anos 20. Foi apoiado por Pound. O seu chefe de fila era Luis Zulcofski, ao qual se associaram George Oppen, Charles Reznikoff, Carl Rakosi e o inglês Basil Bunting.

(2) Este livro foi reeditado pela Hachette, na colecção **"Testes du XX^ème siècle."**

Charles Reznikoff

Uma petição por Barney Rosset

O homem que publicou nos Estados Unidos Samuel Beckett, Jorge Luís Borges, Eugénio Ionesco, Jean Genet, Marguerite Duras, D.H. Lawrence, J. Kerovac, H. Selby, Jean Cocteau, Alfred Jarry, André Malraux, Durrenmat, Pablo Neruda, François Truffaut, D.T. Suzuki, Alain Robbe-Grillet e Henri Miller, acaba de perder todo o poder na editora que há trinta e cinco anos criou. Aos setenta e três anos, Barney Rosset, fundador do Grove Press, a editora mais vanguardista de Nova Iorque, foi afastado da direcção pelos novos proprietários, Am Getty, esposa de um dos herdeiros do rei do petróleo Paul Getty, e o seu sócio britânico «lord» Weidenfield, coeditores de Wheatland Corporation. Reunidos para celebrar os oitenta anos de Samuel Beckett, os escritores e os agentes literários americanos transformaram essa festa numa manifestação de apoio a Barney Rosset, que publicara em 1954 **À espera de Godot**. John Calder, o editor inglês de Beckett, fez circular uma petição em que se pedia aos novos proprietários da Grove Press que «**permitissem que a Grove Press conservasse a sua independência dirigida por Barney Rosset** ou então «**que permitissem que a casa fosse comprada por proprietários mais interessantes**». Entre os signatários contavam-se os nomes de William Burroughts, Allen Ginsberg, Hubert Selby, John Rechy, Robert Coover, Jim Caroll, Kathy Acker, Lawrence Ferlinghetti, Nat Sobel e Samuel Beckett.

Robert Coover e o Astérix do futebol americano

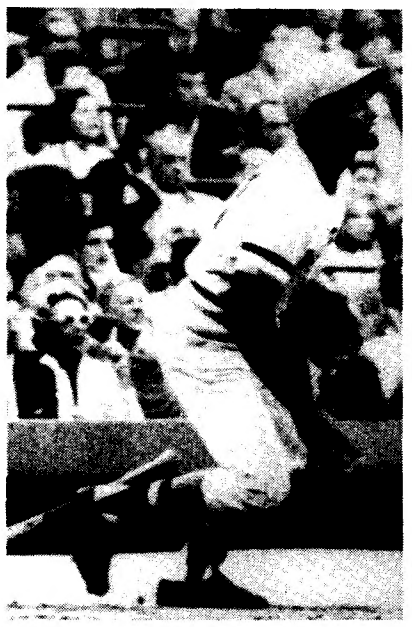
CHICAGO, 1937. Gloomy Gus (Gus o Lúgubre) é o Asterix do futebol americano, uma espécie de herói nacional, autêntico tornado que transforma os encontros desportivos em «banho de sangue», e derrota das equipas adversas como vulgares centúrias. A sua poção mágica? Um desejo de poder que o fez sacrificar qualquer outra virtualidade, para realizar o mais trivial dos sonhos adolescentes: **«Jogar futebol e conquistar mulheres».**

Com a concentração e a minúcia de um virtuose que prepara um recital, Gus procurou ser bom onde era mau. Reconstruiu-se, assimilando inúmeros programas de reflexos condicionados cada vez mais complexos, o que formou uma segunda natureza que substitui a primeira. No apogeu do seu duplo projecto consegue, por excesso de perfeccionismo, saturar a máquina, mistu rar as grelhas, paralizar o logicial. Osdeclics conquistadores transformram-se em tiques incontroláveis. Do computador dos milagres só resta um monte de ferro-velho. Este transtorno dos reflexos dá-nos uma série de gags à maneira dos Marx Brothers, quando Gus já não sabe distinguir os sinais das tácticas do estádio dos das técnicas amorosas.

Coover retoma aqui o tema do condicionamento que, de Burroughs a Pyuchon, é uma das preocupações dos seus contemporâneos. Mas com uma economia exemplar: por sua própria iniciativa a vítima despoja-se das suas qualidades humanas para atingir as proezas de um robot. Como se Frankenstein poupasse um monstro fazendo-se habitar pela sua criatura.

Desporto ou política? Gloomy Gus ou Richard Nixon?

Nascimento de um mito? Coover multiplica os objectivosd contraditórios, focalizados por um narrador repartido entre a irrisão e a misericórdia. É um escultor obscuro cuja atitude é a própria antítese da fragmentação patológica que precipita um herói do seu pedestal. Com objectos recuperados



vindos a maçarico, este escultor constrói obras duradoiras e coerentes. Do mesmo modo, a partir dos destroços de uma carreira excepcional, ele tenta reconstituir uma vida. Foi assim que procedeu o narrador de **Gatsby, o Magnífico.** Gloomy Gus e o Great Gatsby, ambos com as mesmas iniciais, ambos **«impermeáveis à crítica e ao ridículo»,** de um laconismo que torna impenetráveis, tendo também em comum uma concepção ingénua e grandiosa do seu destino, baseada numa **«visão heróica da existência»** e uma adesão sem reservas ao sonho americano do êxito.

As diferenças são, porém, reveladoras.

Enquanto Gatsby encarna a sua busca inefável num rosto feminino, Gus continua a viver no puro presente, sem nostalgia nem esperança: as mulheres fáceis e não a Mulher. Um presente feito de fragmentos dissociados, intensificados pela violência do desporto, à imagem da violência ambiente, ecos de Guernica ou de greves mortíferas. Gloomy Gus identificou-se, tal como Gatsby, à América da sua época: **«Era um pouco louco? Ora! Era a imagem no espelho da nação demente que o criou!»**

Para apreciar o aspecto afrontosamente **«henorme»** do romance, é preciso descobrir o que o leitor americano nele lê em filigrana, ou aproveitar as confidências do autor. Este livro foi, com efeito, concebido como um **divertissement** escrito à margem do **Bucher de Times Square,** essa gigantesca máquina romanesca de que Richard Nixon, ao mesmo tempo actor e narrador, e ´a cavilha mestra.

Coover esboça uma alternativa à história atribuindo a Gloomy Gus elementos biográficos precisos da juventude de Nixon, declarações comuns e o mesmo desejo de êxito a todo o preço. Futebol ou política? Mesmos métodos, mesmo combate. Gloomy Gus, primeiro entendido como uma personagem de banda desenhada, adquire ao fim e ao cabo, à sombra de Nixon, a estatura inquietante de um rei Ubu americano.

André Le Vot

* **Une éducation en Illinois,** de Robert Coover, Ed. Le Seuil.

Erich Segal e as «Memórias de Harvard»

universitário paciente, latinista e helenista requintado, e o escritor de êxito reconciliaram-se finalmente em Erich Segal, com um romance que surge em França com o título **La Classe.** Em duas palavras — para 392 páginas — é a história da «promo 1958» de Harvard (a do próprio Segal) através de cinco personagens de ficção, cinco indivíduos brilhantes que acompanhamos desde os anos da formação — 1954-1958 — ao dia do balanço, quando é celebrado o vigésimo quinto aniversário da dita «promo.»

«**É um verdadeiro romance**» diz Erich Segal. «**Nao falarei de** Love Story **em termos de literatura, mas de fenómeno social. Pretende-se que cada um traz em si um romance. Escrevi quatro. Mas o meu romance é este,** La Classe. **Queria, uma vez na vida, construir uma saga. Fiz três anos de investigação sobre Harvard, a minha «promo» e os dez anos seguintes — encontrei todos os vestígios em microfilmes, — mas não tinha nenhuma forma, nenhum fio condutor. Quando em 1983 assisti à cerimónia de comemoração da minha promoção, tudo se desencadeou. Escrevi sem interrupção durante dois anos. Senti que tinha uma moral a apresentar.**» Moral um pouco simples e um pouco curta: o saber não ensina a ser-se feliz. «**A felicidade é a única coisa que não se ensina em Harvard.**»

Se exceptuarmos as principais verdades, vibradas como conclusão, como os americanos, para grande irritação dos europeus, gostam de fazer, **,La Classe** é, para os que se interessam pelos Estados Unidos, um mergulho apaixonante numa das universidades que drenam todas as ambições: Harvard, com os seus professores prestigiosos, na primeira fila dos quais, nesta «promo» Henry Kissinger, os seus estudantes como os Eliot (Andrew, numa das personagens de Segal é, diz-se, um dos seus descendentes), os seus grandes antigos alunos, depois célebres.

Na edição americana, a apresentação das cinco personagens é precedida por uma estrofe de um poeta que foi aluno de Harvard (Emerson, «promo» 1821, T.S. Eliot, 1910). «**Em francês renunciou-se a esse snobismo muito secreto,** diz Erich Segal, **excepto no princípio em que se conservaram alguns versos de John Updike, promotion 1954».** Detalhes não tão anedóticos como parece, porque mostram como este livro exibe os seus códigos, os seus sinais de reconhecimento, a sua especificidade americana.

A ponto de perguntarmos se **La Classe** é, na verdade, um romance. «**Claro que sim**», responde Segal, «**mas também é um pouco as minhas memórias, uma autobiografia através de cada personagem. Vinte e nove anos da minha vida, vinte e nove anos de história dos Estados Unidos e do mundo, da guerra fria dos anos 80, passando pelo Vietname e pela crise** de consciência dos anos 70.

Os cinco carácteres da «promo 58» são um condensado daquilo que Harvard pode criar: Daniel Rossi, o prodígio em música, célebre demais demasiado cedo; Jason Gilbert, ao qual tudo corre bem mas que saberá que não pode desprezar o seu judaísmo; Andrew Eliot a quem a sua herança «harvardiana» dá um excesso de confiança em si próprio; George Keller, refugiado da Hungria, que chega sem falar uma palavra de inglês e acabará — mal — no aparelho do Estado; por fim Ted Lambros, o que quer atingir o cume da hierarquia universitafia. «**O mais perto de mim**», afirma Segal. «**Foi graças a ele que me apercebi de que tinha mentido a mim próprio durante dez anos fingindo negligenciar os meus «incidentes de percurso», indirectamente devidos ao êxito de** Love Story.»

Erich Segal admitiu finalmente que «**o grande caso da (sua) vida era escrever a história da comédia, desde a sua primeira réplica que chegou até nós (VII século antes de Cristo) até Beckett.**» Trabalha nisso desde 1968. Quando fala nisso ou quando evoca a reedição do seu **Plauto, «revisto à luz das descobertas sobre Menandre»,** esquece que veio promover o seu livro e volta a ser o professor apaixonante que deve ser, um professor para quem escrever romances nunca será mais do que um agradável — e lucrativo — exercício.

Josyane Savigneau

La Classe, de Erich Segal. Ed. Grasset.

André Dubus: entre a má sorte e a solidão

ALGURES no New Hampshire, entre o sal do Maine, o Vermont e Boston... Ray está louco por Polly, e Polly é sua mulher. «**Sim, é Polly. Conheço-a há quase doze anos, tinha eu então catorze, e creio que já no tempo em que éramos miúdos eu a conhecia melhor do que depois, meçámos a sair juntos, e quando depois nos casámos**». Para reflectir, Raprecisa de se mover, de fazer pesos e y halteres, de se sentir forte, de tentar esquecer Polly. «**No liceu eu sabia queela tinha presença, que era bonita e que tentava, antes de tempo, ter um ar sexy. Continuo a não saber mais do que isso**».

Hubert Nyssen, esse sentiu o amor à primeira vista pela escrita de André Dubus, um romancista do Massachusetts — de cinquenta anos — de quem traduziu uma novela longa, **Jolie, la fille!** extraída de um volume publicadem 1983 e intitulado The Times are o quando saímos do liceu, quando conever so bad (Nunca é tão mau como se julga). Um drama passional contado à sua maneira por cada um dos protagonistas: Polly é criada de restaurante, Ray é barman. Ele não suporta saber que a mulher o enganou e o deixou, não suporta a lembrança do irmão morto no Vietname, «**nessa guerra que perdemos**», e só tem uma ideia fixa: reconquistar Polly, mesmo violando-a sob ameaças, Polly, filha de polícia católico, que vai à missa todos os domingos mas não comunga nem se confessa, «**porque sabia que não podia ser absolvida dos pecados de fornicação e de adultério enquanto usasse um stérilet que desmentiria a sua firme intenção de não pecar mais**». No entanto todo o livro é como que uma confissão murmurada, repisada, o monólogo interior dos que vão morrer — ou sobreviver, — vítimas da má sorte, da vacuidade e da solidão. Apesar da família. Apesar desses pais — presentes em filigrana em todo o livro — que os amam e que nada podem por eles.

N.Z.

* **Jolie, la fille!** de André Dubus. Actes Sud.

Lemos para si

Autoretrato

José Agostinho Baptista

«AS minhas telas comunicam sempre um sentimento de morte às pessoas», referiu algures Francis Bacon. Pense-se nos seus **auto-retratos** (publicados aliás em 1981 pelos **quatro elementos editores** na colecção **caixa de tintas**) e veja-se aquilo que o pintor afirma: «Que as distorções, pelas quais eu julgo por vezes trazer a imagem ao de cima, sejam a causa de qualquer dano parece-me ser uma opinião muito discutível. Pode-se falar em danos se nos ativermos ao plano da ilustração, mas não se se tiver em conta aquilo que eu entendo por arte.»

A distorção funciona assim como um processo escolhido pelo artista para insinuar um sentido. Como ele próprio afirma, para outros, para um ponto de vista clínico talvez, poderá eventualmente interessar a descodificação desse «dano». Mas o que se afigura curioso é o modo como Bacon afirma esse «sentimento de morte». Paradoxo ou não, importa ter presente que o nosso olhar dificilmente encontra a euforia, ou pelo menos uma certa tranquilidade, naqueles **auto-retratos**, tão persistente é o sentido de destruição, ou de morte.

Pense-se agora em **Auto-retrato**, de José Agostinho Baptista. Desde logo se torna evidente o modo como o autor aqui evoca mais a vida do que a morte, embora esta não seja de modo algum um elemento ausente (como primordial e presente o é a luta entre **Eros** e **Thanatos**). Porque diferentes são os processos utilizados pela escrita para o delinear de um retrato, a viagem surge aqui como estrutura dominante. Estes poemas revelam-se assim como viagens, ou melhor como instantes de uma viagem na memória que o próprio livro é. No entanto, se o passado desponta como se fosse o verdadeiro tempo das viagens, da aventura da juventude, o presente representa a sua reconstituição na escrita. Daí o aparente paradoxo da voz que afirma «Já não sei o idioma das viagens» (p. 45).

Não será assim de um conceito de distorção que os textos insinuam uma imagem, um (auto)retrato, mas antes de

uma **memória** através da qual, de um modo difuso, à semelhança das fotografias do autor, ela tomará forma.

Este **Auto-retrato** associar-se-á, então, a uma «arqueologia» (termo esse que podemos encontrar em **7.**) onde cada texto funciona como uma camada que, uma após outra, se sobrepõem, espaço de um sentido e, porque não?, de uma história. São elas que dão forma ao retrato na busca do resíduo, do início:

«Com tão pouco se fundam, os alicerces, a casa de um homem:

Caves, cúpulas, os alpendres virados ao mar

o primeiro beijo ao entardecer das sebes.» (p. 22).

Já em Freud encontráramos a ideia da formação da psique através da analogia com o exemplo simbólico de Roma. Em **O mal-estar na cultura**, o fundador da psicanálise estabelece uma comparação entre um eventual estudo arqueológico que, **camada após camada**, vai dando à luz diferentes **cidades** que persistem, mais ou menos ocultas, sob a Roma actual, até surgir a **cidade original**, a estrutura primeira aparentemente inexistente. Também na psique nada se apaga, antes permanecendo num estado de maior ou menor **adormecimento** até que a associação livre e a memória o despertem: «na vida psíquica nada, uma vez formado, pode desaparecer; tudo se conserva de alguma maneira e pode voltar a surgir em circunstâncias favoráveis, como, por exemplo, mediante uma regressão com uma profundidade considerável.» Era ainda Freud no seu ensaio acima referido. Ora é esta consciência quanto à possibilidade de despertar instantes, situações, amores, medos, sonhos, fantasias que nesta poesia se revelam numa viagem que, ao sabor da memória, constrói um retrato bem fidedigno.

Daí a poesia revelar-se com o sabor das pequenas (grandes) descobertas; «É isso: uma voz própria.» (p. 19). Daí a necessária ligação ao tempo que distante revela a memória («sombras vi na locomoção do tempo» p. 23), pois à medida que esta actua e progride, mais nítido fica o retrato. Trata-se de um discurso fluído captando os instantes do passado, consciente da incapacidade em o reproduzir totalmente. O próprio passado, o próprio amor pode, aliás, metabolizar

essa vaguear na fluidez («Iam e vinham por Dezembro», p. 11). Ora por essa razão são frequentes frases como «não me lembro se eram navios» (p. 44), ou ainda «esqueci nomes» (p. 45).

É assim nesse passado que surge **diluída no colectivo** a imagem materna («mães de silêncio bordando a treva e o sono» p. 13), através da qual se insinua uma metáfora do próprio percurso desta poesia. Elas bordam e o texto (a memória, o livro, o auto-retrato).

«É uma teia, finíssima renda,
um intrincado tecido de longos fios que nos cobre.

Mantas, xailes,
sinais que levamos pelos ombros,
algo que se grava no
decurso das eras,
uma pele de tons raros, linhas, rendas, uma divagação de
lugares.
...
Somos asim:
mapa de obscurecidas vias, artérias que o sangue corre,
labirinto de sinos,
surdos alarmes.» (p. 31)

Como estes fragmentos do texto **12** ilustram, a memória e a poesia, o eu e os outros, surgem aqui num universo unitário que é o da própria vida. Daí a memória do amor, mesmo quando amarga, não deixar de ser memória do amor, e por isso positiva. Mesmo quando o outro está «na penumbra/de uma temerosa idade» (p. 28).

A ligação do discurso a um ciclo natural («Março é mês de ardis», por exemplo) alarga o espaço da analogia desta poesia e, consequentemente, de euforia. O ciclo prosseguirá em **7**, mas aí é já «o outono, modula-se a vida de/fios brancos». Uma nova dimensão chega a surgir como se pode observar no fragmento seguinte do poema **13:**

«não é o amor.
Desejo? Nem isso.
São flores carnais que perfumam a névoa e as danças,
o recanto dos salões.» (p. 33)

Será aliás nessa nova dimensão que a imagem materna desponta em tudo aquilo que de mais eufórico podemos encontrar da sua recordação primordial, o conforto e a protecção aqui **transferidos** para a terra: «regresso ao sono da terra — Tudo dorme.» (p. 48)

O universo da analogia, devedor de um certo discurso poético oitocentista, constitui em **Autoretrato** uma faceta que não deverá ser ignorada. Com ela não só se insinua um paganismo panteísta já presente em **deste lado onde** (primeiro livro de Agostinho Baptista), como também se estende a uma profunda relação do universo natural e do amor, revelados em **Morrer no Sul.**

Estas são memórias de vida, estes são poemas que, na sua contenção (de realçar o domínio enjambement), insinuam uma lucidez necessária a qualquer reconstituição do eu, isto é, a qualquer olhar objectivo sobre si próprio. Daí a consciência da opacidade representada pelo inconsciente («Todas as palavras mentem», p. 9). Daí a imagem do labirinto tão sugestiva do percurso que esta poesia é (cf. p. 9). Daí a necessidade de ir mais para além da evidência que o poeta nos oferece, por exemplo em «Amo os espelhos //...// crescem os narcisos.» (p. 17). Mais importante será acompanhar a memória nos movimentos banais (e por isso mesmo fundamntais) do quotidiano:

«Vagueio pela véspera das cidades.

Concebo as ruas, medos, poeira, penumbra dos bairros.» (p. 17).

Daí que seja fundamental entender o apelo que surge ao leitor nos primeiros versos deste livro: «Sê quem me lê,/decifrador de enigmas». A partir ele se revela uma atitude dominante neste **Autoretrato.** Nele se revela o homem na consciência de quão doloroso e reconfortante é qualquer processo analítico, o conhecimento de si mesmo. Porque esse conhecimento aqui depende de escrita «Escrever é como um fio de punhais, uma dor que anoitece.» (p. 46)

Mário Avelar

JÁ TEM ESTA OBRA?

DICIONÁRIO CRONOLÓGICO DE AUTORES PORTUGUESES

Organizado pelo INSTITUTO PORTUGUÊS DO LIVRO

Publicações Europa-América

...não fará falta na sua biblioteca?

EUROPA-AMERICA
...a memória no futuro

O eu nos outros

Uma só vez na vida

Quando nos vamos pelas ruas da cidade, cruzando e descruzando multidões, não raro nos pomos a seguinte questão: quantos nomes, assim atravessados, serão idênticos ao nosso nome...? Não é que um nome idêntico aproxime duas ou mais pessoas. Até porque entre os seres humanos a diferença é essencial. Cada um é como é, tem a sua essência própria — e precisamente essa diversidade é que nos leva ao diálogo, ao convívio, ao enriquecimento mútuo de cada um de nós. Não obstante, esse anónimo cruzamento ao longo das ruas da cidade, não deixa de nos chocar, de nos mostrar, à superfície do imediato, um certo isolamento nosso. Estamos todos num lugar, na **polis,** e desconhecemo-nos. Somos uma multidão que passa, que se vai, que se perde todos os dias um pouco mais... Surge, então, a pergunta formulada pela solidão dos que se cruzam e descruzam: quantos nomes, assim atravessados, serão idênticos ao nosso nome...? Ninguém, enfim, nos chama.

«Aqui, 'Bobi'!» — chama alguém o seu cão, demorado em torno de uma árvore rara da cidade. E eis que este pequeno episódio nos mostra que até os cães têm nome, que alguém com eles se preocupa, os passeia numa hora mais calma. Mas o nome do cão não é idêntico ao nosso nome — e os nomes que poderiam ser idênticos ao nosso nunca são ditos em voz alta. É sempre uma multidão que caminha, ombro com ombro, ora se aproximando, ora se afastando — e chegamos ao fim do dia sem termos ouvido o nosso nome noutra pessoa. Tal é o nosso desalento, o nosso cair de ombros, que olhamos em casa o espelho à espera que os lábios reflectidos pronunciem o nosso nome.

Acontece, no entanto, que, por vezes, adivinhamos o nome de quem se cruza connosco. É uma coisa que simplesmente acontece: fitamo-nos cara a cara, a uma certa distância, no limite do receio, e aprecebemo-nos das nossas imagens, de algo de comum que há entre nós. Muito no nosso íntimo, uma só vez na vida, eis que pronunciamos os nossos nomes num diálogo mudo e alongado por reticências:

«Eu sou o...»
«Eu sou a...»

Dirão os sábios (talvez) que tal é impossível. Que tal é utópico. Que tal é acaso. Que tal é etc. Mas não é, não é: ao longo do quotidiano, na cidade anónima, pé ante pé, tal já se deu com a Maria e o Zé.

Pedro Alvim